

Manual do Educador

Cidadania Moral e Ética

Armando Moraes | Maria Soledade da Costa

9º
Ano
Ensino Fundamental

**Sucesso**
Sistema de Ensino



Cidadania moral e ética
9º ano do Ensino Fundamental

Armando Moraes
Maria Soledade da Costa

Editor
Lécio Cordeiro

Revisão de texto
Consultexto

Projeto gráfico, editoração eletrônica e ilustrações
Box Design Editorial

Capa
Gabriella Correia/Nathália Sacchelli/
Sophia karla
Foto: siribao/shutterstock.com

Outras ilustrações
JrCasas/Shutterstock.com

Direção de Arte
Elto Koltz

Direitos reservados à
Distribuidora de Edições Pedagógicas Ltda.
Rua Joana Francisca de Azevedo, 142 - Mustardinha
Recife - Pernambuco - CEP: 50760-310
Fone: (81) 3205-3333 - Fax: (81) 3205-3306
CNPJ: 09.960.790/0001-21 - IE: 0016094-67

Fizeram-se todos os esforços para localizar os detentores dos direitos dos textos contidos neste livro. A Distribuidora de Edições Pedagógicas pede desculpas se houve alguma omissão e, em edições futuras, terá prazer em incluir quaisquer créditos faltantes.

Para fins didáticos, os textos contidos neste livro receberam, sempre que oportuno e sem prejudicar seu sentido original, uma nova pontuação.

As palavras destacadas de amarelo ao longo do livro sofreram modificações com o novo Acordo Ortográfico.

ISBN: 978-85-7797-739-0
Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e
Lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998.

Impresso no Brasil

Introdução

Apesar de, por vezes, serem tratadas como sinônimos, as palavras **moral** e a ética têm sentidos diferentes, e é de extrema importância que a consciência de cada um desses conceitos faça parte da formação dos estudantes, desde o Ensino Fundamental. É por meio dessa compreensão que os alunos terão, talvez, o primeiro contato com a noção de responsabilidade social que cada cidadão possui por direito e dever.

Essa introdução às problemáticas sociais tem a função de trazer à percepção do aluno o seu papel de agente social. Por isso, é muito importante que, para que essa consciência social seja plenamente desenvolvida, a discussão sobre a moral e a ética seja alimentada em sala de aula, sempre incentivando o aluno a colocar o seu ponto de vista como elemento fundamental para a construção do conhecimento. É preciso, também, que os debates se apoiem em situações reais, onde o estudante deverá refletir sobre a sua prática social cotidiana. Assim, buscamos desenvolver a sua autonomia ética, seu potencial para avaliar as suas atitudes sob uma visão consciente da moral.

Para que esse primeiro passo em direção à formação de um cidadão ativo e consciente seja dado, é importante que apresentemos um panorama histórico sobre a concepção moral de cada época e cultura, como marca das várias sociedades existentes. A evolução social é um fator determinante para aguçar a percepção dos alunos sobre a inconstância do conceito, trazendo, dessa forma, a ideia de que podemos e devemos questioná-lo, com o intuito de estabelecer uma sociedade harmoniosa para todos os cidadãos.

Explicar que, em certas épocas, a existência da escravidão sequer era discutida sob o viés da ética; o feminismo não era uma causa válida, já que era perfeitamente natural haver desigualdade de gênero; e práticas de tortura eram consideradas um procedimento de correção, por exemplo, nos dá a dimensão do desafio que é a prática educacional dos conceitos de **moral** e ética. Esses assuntos precisam ser revistos e reavaliados constantemente, de modo a abranger, refletir e posicionar-se a respeito dos valores contemporâneos.

Goodluz/Shutterstock.com





Agência Brasil

Assim, em meio à fluidez de conceitos e visões, a obrigatoriedade da disciplina Cidadania Moral e Ética representa um grande salto pedagógico. Isso faz com que a escola e os professores deixem de trabalhar apenas indiretamente ou de maneira difusa as dimensões da moral e da ética e passem a articular o que tem sido chamado de **valores universalmente desejáveis**, baseados na Declaração Universal dos Direitos Humanos e, mais especificamente, na Constituição da República Federativa do Brasil, promulgada em 1988.

A partir desses valores, você, professor, deve praticar suas ações pedagógicas no sentido de:

- Compreender os fundamentos da ética e da moralidade e como seus princípios e normas podem ser trabalhados no cotidiano das escolas e da comunidade.
- Compreender e introduzir no dia a dia das escolas o trabalho sistemático e intencional sobre valores desejados por nossa sociedade.

Esses objetivos estão colocados no Programa *Ética e Cidadania*, módulo voltado para a formação dos professores, planejado pelo Ministério da Educação. Para que essas ações sejam amplamente executadas, é necessário compreendermos melhor a expressão **valores desejados**.

Quando falamos dessas normas, estamos nos referindo ao núcleo moral de uma sociedade, isto é, aos valores escolhidos para mediar o convívio entre os indivíduos integrantes dessa sociedade. Assim, o ensino de Cidadania Moral e Ética não está inserido em uma perspectiva de relativismo moral ou liberdade absoluta para seguir valores individuais. Isso porque, para que a sociedade democrática possa funcionar, é fundamental que exista um consenso, um conjunto mínimo de valores regentes. Alguns desses valores estão explicitados, como tópicos da Constituição, e devem ser tomados como referência em sala de aula.



Arina P. - Habicht/Shutterstock.com



VGstockstudio/Shutterstock.com

A República Federativa do Brasil tem como fundamentos:

Art. 1º

- I - A soberania.
- II - A cidadania.
- III - A dignidade da pessoa humana.
- IV - Os valores sociais do trabalho e da livre iniciativa.
- V - O pluralismo político.

No que se refere aos seus objetivos enquanto República Federativa, a Constituição enumera os seguintes propósitos:

Art. 3º

- I - Construir uma sociedade livre, justa e solidária.
- II - Garantir o desenvolvimento nacional.
- III - Erradicar a pobreza e a marginalização e reduzir as desigualdades sociais e regionais.
- IV - Promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação.

Quanto a alguns dos direitos individuais listados na Constituição, destacamos que:

Art. 5º

Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade [...].

I – Homens e mulheres são iguais em direitos e obrigações, nos termos desta Constituição.

II – Ninguém será obrigado a fazer ou deixar de fazer alguma coisa se não em virtude da lei.

III – Ninguém será submetido a tortura nem a tratamento desumano ou degradante.

IV – É livre a manifestação do pensamento, sendo vedado o anonimato.

VI – É inviolável a liberdade de consciência e de crença, sendo assegurado o livre exercício dos cultos religiosos e garantida, na forma da lei, a proteção aos locais de culto e a suas liturgias.

VIII – Ninguém será privado de direitos por motivo de crença religiosa ou de convicção filosófica ou política, salvo se as invocar para eximir-se de obrigação legal a todos imposta e recusar-se a cumprir prestação alternativa, fixada em lei.

IX – É livre a expressão da atividade intelectual, artística, científica e de comunicação, independentemente de censura ou licença.

Esses valores nos dão uma ideia do núcleo moral presente em nossa sociedade, o que nos impede de viver em estado de anomia — ausência de valores que regem a sociedade, ficando a cargo de cada indivíduo o estabelecimento de suas condutas morais e éticas. Com a anomia, a democracia torna-se impraticável, dado a falta de organização e entendimento mínimo entre os integrantes da coletividade.

Podemos pensar que, em um regime democrático, que valoriza e incentiva preceitos como liberdade e diversidade, é contraditório que haja um conjunto de valores a ser seguido por todos. Acontece, porém, que alguns entendem que a expressão de liberdade é, na verdade, a afirmação da inferioridade (étnica, social, racial ou de gênero) de outro indivíduo, que, por sua vez, tem a liberdade subjugada. É por isso — para que todos os integrantes sociais possam usufruir da mesma liberdade e dos mesmos direitos sem pôr em risco o direito alheio — que um conjunto de valores se faz necessário. E é neste sentido que a matéria de Cidadania Moral e Ética torna-se fundamental: para apresentar e estabelecer fronteiras morais e éticas que garantam a convivência harmoniosa e o fortalecimento do nosso país.

Os itens que vimos anteriormente acerca dos valores que regem o Brasil pretendem, por sua vez, alinhar-se à Declaração Universal dos Direitos Humanos. Essa declaração foi proclamada em 1948 pela Organização das Nações Unidas (ONU) — organização internacional formada por vários países com o objetivo de trabalhar pela paz e pelo desenvolvimento mundial. Vejamos:

"A Assembleia Geral proclama a presente Declaração Universal dos Direitos Humanos como o ideal comum a ser atingido por todos os povos e todas as nações, com o objetivo de que cada indivíduo e cada órgão da sociedade, tendo sempre em mente esta Declaração, se esforce, através do ensino e da educação, por promo-

ver o respeito a esses direitos e essas liberdades e, pela adoção de medidas progressivas de caráter nacional e internacional, por assegurar o seu reconhecimento e a sua observância universais e efetivos, tanto entre os povos dos próprios Estados-Membros quanto entre os povos dos territórios sob sua jurisdição.



Semmick Photo/Shutterstock.com

Artigo I

Todas as pessoas nascem livres e iguais em dignidade e direitos. São dotadas de razão e consciência e devem agir em relação umas às outras com espírito de fraternidade.

Artigo II

Toda pessoa tem capacidade para gozar os direitos e as liberdades estabelecidos nesta Declaração, sem distinção de qualquer espécie, seja de raça, cor, sexo, língua, religião, opinião política ou de outra natureza, origem nacional ou social, riqueza, nascimento, ou qualquer outra condição.

Artigo III

Toda pessoa tem direito à vida, à liberdade e à segurança pessoal.

Artigo IV

Ninguém será mantido em escravidão ou servidão. A escravidão e o tráfico de escravos serão proibidos em todas as suas formas.

Artigo V

Ninguém será submetido a tortura nem a tratamento ou castigo cruel, desumano ou degradante.

Artigo VI

Toda pessoa tem o direito de ser, em todos os lugares, reconhecida como pessoa perante a lei.

Artigo VII

Todos são iguais perante a lei e têm direito, sem qualquer distinção, a igual proteção da lei. Todos têm direito a igual proteção contra qualquer discriminação que viole a presente Declaração e contra qualquer incitamento a tal discriminação.

Artigo VIII

Toda pessoa tem direito a receber dos tribunais nacionais competentes remédio efetivo para os atos que violem os direitos fundamentais que lhe sejam reconhecidos pela constituição ou pela lei.





oneinchpunch/Shutterstock.com

Artigo IX

Ninguém será arbitrariamente preso, detido ou exilado.

Artigo X

Toda pessoa tem direito, em plena igualdade, a uma audiência justa e pública por parte de um tribunal independente e imparcial, para decidir de seus direitos e deveres ou do fundamento de qualquer acusação criminal contra ela.

Artigo XI

1. Toda pessoa acusada de um ato delituoso tem o direito de ser presumida inocente até que a sua culpabilidade tenha sido provada de acordo com a lei, em julgamento público, no qual lhe tenham sido asseguradas todas as garantias necessárias à sua defesa.
2. Ninguém poderá ser culpado por qualquer ação ou

omissão que, no momento, não constituíam delito perante o direito nacional ou internacional. Tam-pouco será imposta pena mais forte do que aquela que, no momento da prática, era aplicável ao ato delituoso.

Artigo XII

Ninguém será sujeito a interferências na sua vida privada, na sua família, no seu lar ou na sua correspondência, nem a ataques à sua honra e reputação. Toda pessoa tem direito à proteção da lei contra tais interferências ou ataques.

Artigo XIII

1. Toda pessoa tem direito à liberdade de locomoção e residência dentro das fronteiras de cada Estado.
2. Toda pessoa tem o direito de deixar qualquer país, inclusive o próprio, e a este regressar.

Artigo XIV

1. Toda pessoa, vítima de perseguição, tem o direito de procurar e de gozar asilo em outros países.
2. Esse direito não pode ser invocado em caso de perseguição legitimamente motivada por crimes de direito comum ou por atos contrários aos propósitos e princípios das Nações Unidas.

Artigo XV

1. Toda pessoa tem direito a uma nacionalidade.
2. Ninguém será arbitrariamente privado de sua nacionalidade nem do direito de mudar de nacionalidade.

Artigo XVI

1. Os homens e mulheres de maior idade, sem qualquer restrição de raça, nacionalidade ou religião, têm o direito de contrair matrimônio e fundar uma família. Gozam de iguais direitos em relação ao casamento, sua duração e sua dissolução.
2. O casamento não será válido senão com o livre e pleno consentimento dos nubentes.

Artigo XVII

1. Toda pessoa tem direito à propriedade, só ou em

sociedade com outros.

2. Ninguém será arbitrariamente privado de sua propriedade.

Artigo XVIII

Toda pessoa tem direito à liberdade de pensamento, consciência e religião; este direito inclui a liberdade de mudar de religião ou crença e a liberdade de manifestar essa religião ou crença, pelo ensino, pela prática, pelo culto e pela observância, isolada ou coletivamente, em público ou em particular.

Artigo XIX

Toda pessoa tem direito à liberdade de opinião e expressão; este direito inclui a liberdade de, sem interferência, ter opiniões e de procurar, receber e transmitir informações e ideias por quaisquer meios e independentemente de fronteiras.

Artigo XX

1. Toda pessoa tem direito à liberdade de reunião e associação pacíficas.
2. Ninguém pode ser obrigado a fazer parte de uma associação.



Artigo XXI

1. Toda pessoa tem o direito de tomar parte no governo de seu país, diretamente ou por intermédio de representantes livremente escolhidos.
2. Toda pessoa tem igual direito de acesso ao serviço público do seu país.
3. A vontade do povo será a base da autoridade do governo; esta vontade será expressa em eleições periódicas e legítimas, por sufrágio universal, por voto secreto ou processo equivalente que assegure a liberdade de voto.

Artigo XXII

Toda pessoa, como membro da sociedade, tem direito à segurança social e à realização, pelo esforço nacional, pela cooperação internacional e de acordo com a organização e recursos de cada Estado, dos direitos econômicos, sociais e culturais indispensáveis à sua dignidade e ao livre desenvolvimento da sua personalidade.

Artigo XXIII

1. Toda pessoa tem direito ao trabalho, à livre escolha de emprego, a condições justas e favoráveis de trabalho e à proteção contra o desemprego.
2. Toda pessoa, sem qualquer distinção, tem direito a igual remuneração por igual trabalho.
3. Toda pessoa que trabalhe tem direito a uma remuneração justa e satisfatória, que lhe assegure, assim como à sua família, uma existência compatível com a dignidade humana, e a que se acrescentarão, se necessário, outros meios de proteção social.
4. Toda pessoa tem direito a organizar sindicatos e neles ingressar para proteção de seus interesses.

Artigo XXIV

Toda pessoa tem direito a repouso e lazer, inclusive a limitação razoável das horas de trabalho e férias periódicas remuneradas.



Jack Frog/Shutterstock.com



Artigo XXVI

1. Toda pessoa tem direito à instrução. A instrução será gratuita, pelo menos nos graus elementares e fundamentais. A instrução elementar será obrigatória. A instrução técnico-profissional será acessível a todos, bem como a instrução superior, esta baseada no mérito.
2. A instrução será orientada no sentido do pleno desenvolvimento da personalidade humana e do fortalecimento do respeito pelos direitos humanos e pelas liberdades fundamentais. A instrução promoverá a compreensão, a tolerância e a amizade entre todas as nações e grupos raciais ou religiosos, e coadjuvará as atividades das Nações Unidas em prol da manutenção da paz.
3. Os pais têm prioridade de direito na escolha do gênero de instrução que será ministrada a seus filhos.

Artigo XXVII

Toda pessoa tem o direito de participar livremente da vida cultural da comunidade, de fruir as artes e de participar do processo científico e de seus benefícios.

Toda pessoa tem direito à proteção dos interesses morais e materiais decorrentes de qualquer produção científica, literária ou artística da qual seja autor.

Artigo XXVIII

Toda pessoa tem direito a uma ordem social e internacional em que os direitos e as liberdades estabelecidos na presente Declaração possam ser plenamente realizados.

Artigo XXV

1. Toda pessoa tem direito a um padrão de vida capaz de assegurar a si e a sua família saúde e bem-estar, inclusive alimentação, vestuário, habitação, cuidados médicos e os serviços sociais indispensáveis, e direito à segurança em caso de desemprego, doença, invalidez, viudez, velhice ou outros casos de perda dos meios de subsistência fora de seu controle.
2. A maternidade e a infância têm direito a cuidados e assistência especiais. Todas as crianças nascidas dentro ou fora do matrimônio gozarão da mesma proteção social.



Artigo XXIX

1. Toda pessoa tem deveres para com a comunidade, na qual o livre e pleno desenvolvimento de sua personalidade é possível.
2. No exercício de seus direitos e liberdades, toda pessoa estará sujeita apenas às limitações determinadas pela lei, exclusivamente com o fim de assegurar o devido reconhecimento e respeito dos direitos e das liberdades de outrem e de satisfazer às justas exigências da moral, da ordem pública e do **bem-estar** de uma sociedade democrática.
3. Esses direitos e liberdades não podem, em hipótese alguma, ser exercidos contrariamente aos propósitos e princípios das Nações Unidas.

Artigo XXX

Nenhuma disposição da presente Declaração pode ser interpretada como o reconhecimento a qualquer Estado, grupo ou pessoa, do direito de exercer qualquer atividade ou praticar qualquer ato destinado à destruição de quaisquer dos direitos e liberdades aqui estabelecidos.”

Recorremos, aqui, à Constituição e à Declaração de Direitos Humanos porque acreditamos que elas devem estar em nosso horizonte quando falamos da prática pedagógica. No entanto, reforçamos a ideia de que as considerações a respeito da ética e da moral não são modelos estanques a serem repassados para os estudantes. Toda e qualquer norma ou regra representa uma resposta a um determinado tempo/periódico histórico. É por isso que nós, professores, devemos ter em mente que trabalhamos com princípios passíveis de mudança, e não com mandamentos. E, assim, devido ao caráter abstrato dos valores morais e éticos, nosso papel pedagógico e formativo deve basear-se na intenção de colocar os alunos dentro desse processo de construção contínua de valores, de modo a torná-los seres emancipados e autônomos para agirem criticamente perante os preceitos morais e éticos.



Rawpixel.com/Shutterstock.com

O ensino baseado nos Parâmetros Curriculares Nacionais

Tendo em vista estabelecer padrões que ajudem a promover uma educação comprometida com a moral, a ética e a cidadania, os PCN propõem os seguintes tópicos a serem trabalhados no Ensino Fundamental:

Dignidade da pessoa humana: Implica respeito aos direitos humanos, repúdio à discriminação de qualquer tipo, acesso a condições de vida digna, respeito mútuo nas relações interpessoais, públicas e privadas.

Igualdade de direitos: Refere-se à necessidade de garantir a todos a mesma dignidade e possibilidade de exercício de cidadania. Para tanto, há que se considerar o princípio da equidade, isto é, que existem diferenças (étnicas, culturais, regionais, de gênero, etárias, religiosas, etc.) e desigualdades (socioeconômicas) que neces-

sitam ser levadas em conta para que a igualdade seja efetivamente alcançada.

Participação: Como princípio democrático, traz a noção de cidadania ativa, isto é, da complementaridade entre a representação política tradicional e a participação popular no espaço público, compreendendo que não se trata de uma sociedade homogênea, e sim marcada por diferenças.

Corresponsabilidade pela vida social: Implica partilhar com os poderes públicos e diferentes grupos sociais, organizados ou não, a responsabilidade pelos destinos da vida coletiva. É, nesse sentido, responsabilidade de todos a construção e ampliação da democracia no Brasil.



Tyler Olson/Shutterstock.com

A importância do ensino de Cidadania Moral e Ética na escola

Monkey_Business_Images/Shutterstock.com



O ambiente escolar, além dos outros papéis, representa um microcosmo da sociedade. O primeiro contato com indivíduos que não fazem parte da nossa família e com os quais devemos estabelecer outro tipo de relação se dá no colégio. Essa é a nossa primeira vivência social. Lá aprendemos que temos, invariavelmente, deveres e direitos que devem ser seguidos e respeitados por todos que compõem aquela realidade.

O papel da escola se estende para além da transmissão de conhecimento ou formação profissional.

Nesse local, a intenção primeira é a de ajudar a desenvolver as capacidades, a consciência, a compreensão de si mesmo, do outro e da sociedade. E é por meio dessa experiência cotidiana que nos adequamos às demandas sociais.

Essa consciência dos valores morais, no entanto, não deve ser imposta. É evidente que os estudantes devem saber diferenciar o certo e o errado, mas essa avaliação deve partir deles, de acordo com o conhecimento de suas responsabilidades, com a evolução do seu senso crítico e a sua capacidade de decisão. Os estudantes precisam assumir a sua prática, e não apenas seguir o estabelecido, sem nenhum exercício de reflexão.

A formação do ser humano precede a formação do trabalhador. A educação existe antes para que possamos discutir, estabelecer e ajustar as normas sociais. Dessa forma, o objetivo social da escola deve estar voltado para a formação de um cidadão consciente de suas ações e obrigações e ativo na construção permanente da sociedade. Por isso, a inclusão da matéria Cidadania Moral e Ética no currículo do Ensino Fundamental e Médio é essencial para o desenvolvimento social dos estudantes.

Objetivos fundamentais para o ensino de Ética

Levando em consideração que o volume de conhecimento produzido pela humanidade não pode ser completamente explorado em sala de aula, mesmo que durante os doze anos previstos para a conclusão do Ensino Fundamental e Médio, é fundamental que exista uma seleção de conteúdos que consideramos indispensáveis para a formação de um indivíduo.

A inclusão do conteúdo de Cidadania Moral e Ética foi aprovada no Senado no ano de 2012. As considerações do MEC sobre os objetivos a serem atingidos, durante o Ensino Fundamental, são:

A compreensão do significado de **justiça** e a conscientização da construção de uma sociedade igualitária, tendo em vista a necessidade de internalizar e assimilar esse conceito na prática, para que possamos formar sujeitos sociais ativos.

O respeito pelas diferenças — seja ela de credo, cor, gênero, etc.—, fundamental ao convívio em uma sociedade democrática e pluralista; e a compreensão da diversidade como uma oportunidade de ampliação do conhecimento, promoção do desenvolvimento pessoal e social e enriquecimento dos processos de aprendizagem.

A adoção de atitudes solidárias, de cooperação, e repúdio às injustiças e discriminações. A reflexão é apenas o primeiro passo para uma atitude ética. É preciso que, além dos debates e preocupações sociais, nós sejamos o reflexo do nosso discurso.

A compreensão da vida escolar como participação no espaço público, utilizando e aplicando os conhecimentos adquiridos na construção de uma sociedade democrática e solidária.

A valorização e o emprego do diálogo como forma de esclarecer os conflitos e tomar decisões coletivas. Por isso a importância da construção dos debates no desenvolvimento da capacidade argumentativa.

A construção de uma imagem positiva de si, o respeito próprio traduzido pela confiança em sua capacidade de escolher e realizar seu projeto de vida e pela legitimação das normas morais que garantam, a todos, essa realização.

Para que possamos atingir as metas estabelecidas, é necessário que não só o professor de Cidadania Moral e Ética esteja comprometido, mas que todos os professores tenham em mente a responsabilidade da educação e da conscientização social no processo de aprendizagem.

Monkey_Business_Images/Shutterstock.com



A educação e a construção da cidadania

Ulisses F. Araújo



Em seu sentido tradicional, a cidadania expressa um conjunto de direitos e de deveres que permite aos cidadãos a participação na vida política e na vida pública, podendo votar e serem votados, fazendo parte ativamente na elaboração das leis e do exercício de funções públicas, por exemplo. Hoje, no entanto, o significado da cidadania possui contornos mais amplos, que extrapolam o sentido de apenas atender às necessidades políticas e sociais, e assume como objetivo a busca por condições que garantam uma vida digna às pessoas.

Entender a cidadania a partir da redução do ser humano às suas relações sociais e políticas não é coerente com a multidimensionalidade que nos caracteriza e com a complexidade das relações que cada um e todas as pessoas estabelecem com o mundo à sua volta. Deve-se buscar compreender a cidadania também sob outras perspectivas, por exemplo, considerando a importância que o desenvolvimento de condições físicas, psíquicas, cognitivas, ideológicas, científicas e culturais exerce na conquista de uma vida digna e saudável para todas as pessoas.

Tal tarefa, complexa por natureza, pressupõe a edu-

cação de todos (crianças, jovens e adultos), a partir de princípios coerentes com esses objetivos, e com a intenção explícita de promover a cidadania pautada na democracia, na justiça, na igualdade, na equidade e na participação ativa de todos os membros da sociedade nas decisões sobre seus rumos. Dessa maneira, pensar em uma educação para a cidadania torna-se um elemento essencial para a construção da democracia social.

Entendemos que tal forma de educação deve visar, também, ao desenvolvimento de competências para lidar com: a diversidade e o conflito de ideias, as influências da cultura e os sentimentos e emoções presentes nas relações do sujeito consigo mesmo e com o mundo à sua volta.

Uma questão a ser apontada é que, atualmente, as crianças e os adolescentes vão à escola para aprender as Ciências, a Língua, a Matemática, a História, a Física, a Geografia, as Artes, e apenas isso. Não existe o objetivo explícito de formação ética e moral das futuras gerações. Entendemos que a escola, enquanto instituição pública criada pela sociedade para educar as futuras gerações, deve-se preocupar também com a construção da cidadania, nos moldes que atualmente a entendemos. Se os pressupostos atuais da cidadania têm como base a garantia de uma vida digna e a participação na vida política e pública para todos os seres humanos, e não apenas para uma pequena parcela da população, essa escola deve ser democrática, inclusiva e de qualidade, para todas as crianças e adolescentes. Para isso, deve promover, na teoria e na prática, as condições mínimas para que tais objetivos sejam alcançados na sociedade.

Mas como os valores são apropriados pelos sujeitos? Adotamos a premissa de que os valores não são nem ensinados, nem nascem com as pessoas. Eles são construídos na experiência significativa que as pessoas estabelecem com o mundo. Essa construção depende diretamente da ação do sujeito, dos valores implícitos nos conteúdos com que interage no dia a dia e da qualidade das relações interpessoais estabelecidas entre o sujeito e a fonte dos valores.

Ética

Na Filosofia, o campo que se ocupa da reflexão sobre a moralidade humana recebe a denominação de Ética. Estes dois termos, **ética** e **moral**, têm significados próximos e, em geral, referem-se ao conjunto de princípios ou padrões de conduta que regulam as relações dos seres humanos com o mundo em que vivem.

Uma educação ancorada em tais princípios deve converter-se em um âmbito de reflexão individual e coletiva que permita elaborar racionalmente e autonomamente princípios gerais de valor, que ajudem a defrontar-se criticamente com realidades como a violência, a tortura ou a guerra. De forma específica, educação ética e moral deve ajudar na análise crítica da realidade cotidiana e das normas sociais e morais vigentes, de modo que contribua para idealizar formas mais justas e adequadas de convivência. Ainda na linha de compreensão do papel da educação para a formação ética dos seres humanos, alguns teóricos entendem que a educação dos cidadãos deve levar em conta a dimensão comunitária

das pessoas, seu projeto pessoal e também sua capacidade de universalização, que deve ser exercida dialogicamente, pois, dessa maneira, elas poderão ajudar na construção do melhor mundo possível, demonstrando saber que são responsáveis pela realidade social.

De forma específica, lidar com a dimensão comunitária, dialogar com a realidade cotidiana e as normas vigentes nos remete ao trabalho com a diversidade humana, à abordagem e ao desenvolvimento de ações que enfrentem as exclusões, os preconceitos e as discriminações advindos das distintas formas de deficiência e das diferenças sociais, econômicas, psíquicas, físicas, culturais, religiosas, raciais, ideológicas e de gênero. Conceber esse trabalho na própria comunidade onde está localizada a escola, no ambiente natural, social e cultural de seu entorno, é essencial para a construção da cidadania efetiva.

Disponível em: <http://portaldoprofessor.mec.gov.br/storage/materiais/0000015509.pdf>. Adaptado. Acessado em: 14/07/2014.

loreanto/Shutterstock.com



Estrutura da coleção

Com o intuito de promover uma educação plena, a coleção leva para a sala de aula os temas mais importantes e próximos aos alunos, para que, por meio de textos, imagens, exercícios e debates, eles possam desenvolver solidamente a sua consciência social.

Os capítulos que compõem os livros abrigam uma

unidade temática, norteadora das discussões, que é subdividida em três seções que se intercalam para um melhor aprofundamento do tema. Essas seções têm funções específicas e buscam estruturar da maneira mais didática e agradável o conteúdo estudado. Vejamos, a seguir, quais elas:

Capítulo 3

Ética profissional



Conhecimentos prévios

- No **dia a dia**, como tem sido retratada a relação homem-ética?
- Você já imaginou quais são as **consequências** do homem quando se trata das relações ecológicas?
- Quais princípios devem reger a relação **homem-natureza**?
- Considerando-se, de um lado, a finitude dos recursos ambientais e, de outro lado, a ética da vida, o que será da humanidade?



Vamos dialogar!

Observe as imagens e converse com seu professor sobre a relação entre as fotos e o tema da unidade.



levará a agir nem buscar em uma moral os conceitos que me permitirão agir. Pelo menos, dirá você, ele foi ver um professor para pedir-lhe conselho. Mas, se você procurar conselho com um padre, por exemplo, você escolheu esse padre, você já sabe, no fundo, mais ou menos, o que ele irá aconselhar. Por outras palavras, buscar o conselheiro é ainda engajar-se a si mesmo. A prova é que, se você é cristão, você dirá: consulte um padre. Mas há padres colaboracionistas, padres oportunistas, padres resistentes. Qual deles escolher? E, se o rapaz escolher um padre resistente ou um padre colaboracionista, ele já decidiu o tipo de conselho que vai receber. Assim, vindo me procurar, ele já sabia a resposta que eu daria, e eu só tinha uma a dar: você é livre, escolha, isto é, invente.

Disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/cadernos_pedagogicos/ca-demonio_IIto.pdf. Acessado em 16/04/2014.

Questão de ética

1. De acordo com o texto, responda: segundo Sartre, quais são as características do pensamento existencialista? Destaque o trecho do texto que responde a pergunta e, em seguida, apresente sua visão.

"O existencialista não crê no poder da paixão. Ele jamais pensará que uma bela paixão é uma corrente devastadora que fatalmente conduz o homem a certos atos e que, por consequência, é uma desculpa. Ele pensa que o homem é responsável por sua paixão. O existencialista não pensará, tampouco, que o homem possa encontrar socorro em um determinado signo que o oriente sobre a Terra, pois ele pensa que o próprio homem decifra o signo como lhe agrada. Ele pensa, portanto, que o homem, sem apoio e sem socorro, está condenado, a cada instante, a inventar o homem."

Resposta pessoal

2. O que significa dizer: "O homem é o futuro do homem"?

De acordo com a tendência existencialista, o homem é o principal responsável por si e, consequentemente, pelos demais. Sendo assim, o futuro está sendo construído de acordo com o momento presente em sua conjuntura social e histórica, ou seja, cabe à humanidade a construção de si e do mundo a todo instante.

Cidadania Moral e Ética I 9º ano

23

Para Refletir: Esta seção também se interpõe entre os textos responsáveis pelo desenvolvimento do conteúdo e as questões, que auxiliam nesse progresso. Nesse espaço, selecionamos diversos escritos que abordam o assunto do capítulo sob um viés lúdico. São crônicas, reportagens, sinopses, indicações de filmes, etc. que aproximam, ainda mais, os jovens estudantes das reflexões propostas.

Questão de ética: Esta seção aparece depois de cada tópico proposto no capítulo. Dessa forma, podemos nos aprofundar no conteúdo de maneira gradual e agradável, sem diferenciar a apreensão teórica e prática. As questões têm o propósito de colocar o aluno como protagonista, demandando reflexão para a exposição do seu ponto de vista. É interessante, também, pedir que os alunos compartilhem suas respostas a fim de que toda a turma possa ser responsável, conjuntamente, pela conclusão desses tópicos.

Para refletir

Os jovens e o dilema da escolha profissional

Ao longo da vida fazemos muitas escolhas. Mas considero que uma das mais difíceis é a escolha profissional. Os jovens, que mal saíram da adolescência, precisam tomar uma decisão que pode definir seu futuro. Além disso, são bombardeados por informações sobre as melhores profissões para trabalhar e ainda sofrem com a pressão dos pais e as influências de seus grupos de amizades.

Em alguns casos, a escolha da profissão ocorre ainda na infância. Brincadeiras e sonhos infantis acabam se tornando um objetivo na vida dos adolescentes. A pergunta "O que você deseja ser quando crescer?" continua sendo comum na vida das crianças e já vem repleta de expectativas dos adultos. Elas podem optar pela profissão dos pais ou, conforme crescem, vão alternando as preferências de acordo com o que aprendem sobre cada uma.

É positivo para os jovens receber incentivos dos pais para seguirem seus próprios desejos. Contudo, esse desprendimento não é tarefa fácil para os pais, que pensam em um futuro próspero para seus filhos, visto que a prosperidade está muitas vezes relacionada a profissões reconhecidas e valorizadas socialmente. Assim, alguns jovens adultos terminam por assumir um desejo que não lhes pertence e logo se frustram no inicio do curso superior.

Como fazer a melhor escolha profissional?

Claro que não há uma regra. Mas a melhor escolha será aquela em que o jovem se percebe mais seguro e confortável. Ele precisa conseguir vislumbrar seu futuro na profissão. Para os mais indecisos e que não conseguiram encontrar a vocação, um psicólogo especialista em escolha profissional pode ser essencial.

Entretanto, o primordial ainda é o apoio dos pais ou responsáveis. Com a certeza de que independentemente da escolha eles terão aqueles que os amam ao seu lado, a pressão para fazer a escolha certa diminui consideravelmente. E, caso não se sintam preparados para ingressarem em uma faculdade logo quando terminam o Ensino Médio, não custa nada esperar para tomar uma decisão mais consciente e livre de obrigações. Mas, se optarem por fazer uma escolha e posteriormente descobrirem que aquele desejo não era realmente o que esperavam, nunca é tarde para mudar e tomar novos rumos.

Disponível em: <http://www.personare.com.br/o-jovem-e-o-dilema-da-escolha-profissional-m3361>. Adaptado. Acesso em 21/10/2016.

Sumário

Capítulo 1

• Natureza x liberdade.....	6
• A questão da liberdade.....	7
• A liberdade na história da Filosofia.....	9
• Liberdade	16
• Pensamento.....	20



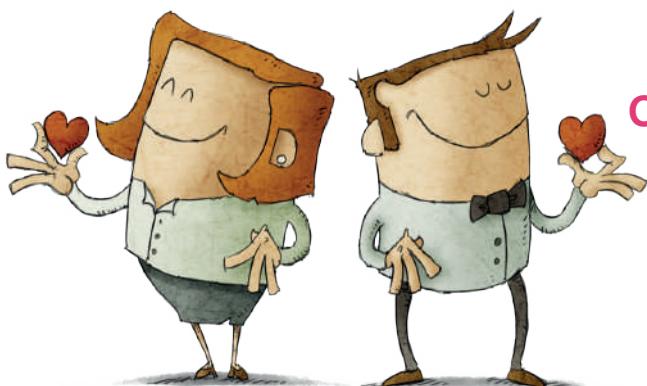
Capítulo 2

• Filosofia da existência	26
• A Filosofia e sua crise.....	27
• Angústia e filosofia da existência.....	31
• Felicidade e filosofia da existência.....	38
• Carta sobre a felicidade (a Meneceu).....	44



Capítulo 3

- **Ética profissional** 50
 - A ética no trabalho.....51
 - A necessidade da ética.....57
 - A responsabilidade médica: uma visão ética.....62
 - É permitido ou antiético?.....66
 - O trabalho forma o jovem.....68
 - A ética profissional em debate71
 - O que esperar de adolescentes e jovens?.....73



Capítulo 4

- **Afetividade e sexualidade..... 76**
 - Ficar x namorar77
 - Doenças sexualmente transmissíveis (DSTs)82
 - A nova cultura somática86
 - Sexo com proteção ou filhos na adolescência?93

Objetivos Pedagógicos

- Analisar o conceito de liberdade e relacioná-lo à condição da natureza humana e às suas implicações filosóficas.
- Traçar um breve percurso histórico da **ideia** de liberdade entre os filósofos da humanidade, passando pela Antiguidade, Idade Média, Modernidade até a Contemporaneidade.
- Discutir as concepções positiva e negativa de liberdade.
- Compreender por que o crescimento da liberdade é concebido como uma conquista da cidadania.

Fundamentação

Educação sem reflexão no sistema espetacular

A reflexão cada vez mais perde a sua força crítica na sociedade do espetáculo. A multiplicidade de estímulos produzidos pelos aparatos técnicos e pelos meios de comunicação de massa promove a descentralização da capacidade cognitiva do estudante, incapaz de se fixar por longos períodos em atividades que demandem tempo para análise e capacidade reflexiva. O tempo espetacular exige que a consciência se fragmente, de modo a captar a maior quantidade de percepções possíveis. Na conjuntura educacional contemporânea, um dos sintomas mais evidentes desse mal-estar cultural reside na transformação do professor em um animador de auditório, ocorrendo, assim, a obrigação profissional de entreter o alunado com uma dinâmica didática imbecilizante, de modo a tratar sua tur-

Capítulo 1

Natureza x liberdade



Conhecimentos prévios

- Você acha que tem liberdade?
- Como você se sentiria se sua liberdade fosse tirada?
- Observamos muitos animais presos em gaiolas e em jaulas, esses animais têm liberdade? O que você acha disso?
- Você é livre?

Vamos dialogar!

Observe as imagens abaixo e defina, em um comentário, o que é **liberdade**.



PongMoji/Shutterstock



yuttana Contributor Studio/Shutterstock



Pro. Trk/Shutterstock



ma como pessoas que se recusam a sair do estado de menoridade existencial.

Vale destacar que esse fenômeno ocorre também em muitas instituições universitárias de fomento privado, geralmente mais flexíveis no processo de seleção de novos alunos para os seus quadros discentes. O professor deve conciliar sua competência pedagógica com as habilidades histrionicas para conquistar a adesão dos alunos ao seu discurso, tor-

nando-o agradável, sedutor. Se o aluno não gosta de determinado conteúdo, a culpa é do professor, esse é o discurso ideológico latente na educação espetacular. A conversão do aluno em cliente pelo capitalismo educacional torna-o consumidor soberano que deve sempre ser contemplado em seus caprichos.

Os resultados prejudiciais dessa nova relação pedagógica não tardam a revelar sua face aterradora: má-formação

Anotações

A questão da liberdade

A liberdade indica um estado, uma qualidade da pessoa humana. Para o filósofo Norberto Bobbio, a liberdade está relacionada à igualdade e justiça. Para ele, a "liberdade é o valor supremo do indivíduo em face do todo, enquanto a justiça é o bem supremo do todo enquanto composto das partes".

A humanidade passou por nebulosas sombras nas quais viveu não apenas a escravidão física, mas, principalmente, a escravidão do espírito. Aprisionado a uma época mitológica, o homem se digladiava com as forças da natureza. Diante do medo, desenvolveu uma inteligência imaginativa, fantasiosa, irracional, voltada para explicar as forças assombrosas da natureza. O mito veio apaziguar uma inteligência envolvida pelas fantásticas forças que se manifestavam na natureza. Ligado à religião, o mito teve a função de explicar a realidade não compreensível para o homem, em que a própria natureza se apresentava indomável, terrificante.

Os estudiosos observam que, já numa fase de transição, os poemas homéricos, embora ricos em imaginação, situações e acontecimentos fantásticos, raramente caem na descrição do monstruoso e do disforme, significando que a imaginação já se estruturava com base em um sentido de harmonia, de proporção, de limite e de medida, coisas que a Filosofia levaria inclusive à categoria de princípios ontológicos. Portanto, a fase mitológica que o homem passou no seu desenvolvimento e no domínio da natureza é um período voltado para a sacralidade da natureza devido a suas forças incontroláveis, indomáveis. A razão humana encontrava-se limitada. O sagrado é um dos aspectos fascinantes da fase mitológica. A liberdade não é questionada porque o homem aceita o poder da natureza sobre si mesmo. Assume uma atitude conformista, reverencial, diante de seres naturais que se impõem a ele por sua majestosa e destruidora força. Os gregos nos fornecem uma riquíssima literatura baseada nessa fase.

solaseven/Shutterstock



Cidadania Moral e Ética | 9º ano

7

acadêmica e baixo nível de letramento, tornando, assim, o graduado em um profissional desqualificado para o competitivo mercado de trabalho da sociedade tecnocrática. Essa situação evidencia que, para a grande parte das instituições universitárias de fomento privado, o que importa, em verdade, é a mera capitalização financeira mediante as inúmeras facilidades oferecidas aos estudantes convertidos em consumi-

dores de diplomas, diplomas estes sem maior valor para as grandes empresas que contratam os profissionais mais preparados para a atuação em um mercado de trabalho tão exigente. Dessa maneira, o assistencialismo vazio promovido pelo desejo de se agradar incondicionalmente ao alunado, torna-se um engodo contra os próprios alunos iludidos pelas promessas de flexibilidade acadêmica e pelo poder concentrado em suas mãos para

desestabilizar as carreiras profissionais dos docentes que são academicamente mais exigentes em suas atividades pedagógicas. Ser rigoroso não é sinal de insensibilidade, e sim prova de respeito pelo aluno, que deve ser preparado da melhor forma possível para a vida e, para tanto, é imprescindível que a disciplina e o espírito de superação constante estejam presentes em sua consciência. Este é o autêntico sentido filosófico da emancipação intelectual, na qual o ser humano desenvolve a capacidade de autonomia na gestão de sua vida, tornando-se uma pessoa singularizada pela multidão anônima que apenas segue o fluxo amorfó de uma existência automática desprovida de significação.

NUNES-BITTENCOURT, Renato. *Revista Filosofia*. São Paulo: Escala.

Sugestão de
Abordagem

Como as emoções influenciam nossos julgamentos morais

Objetivos:

- Apresentar aos alunos aspectos da relação entre razão, sentimentos, valores e moral.
- Discutir com os alunos alguns problemas da relação entre ciência e moral.

Conteúdo:

- Problemas morais contemporâneos.
- Razão, sentimento e juízo moral.
- Ciência e juízo moral.

Introdução

Um dos aspectos mais característicos do ser humano é a necessidade de elaborar a todo tempo juízos morais. Se essa necessidade é exacerbada quando grandes questões demandam um posicionamento claro e tornam inevitável o reconhecimento do juízo moral, cotidianamente também estamos operando uma série de juízos desse tipo sem que nos atentemos a isso: decidimos se é adequado ou não contar algo que nos foi segredado a alguém, reprendemos uma criança porque sua conduta não é boa, decidimos nas menores coisas o que é melhor ou não para nós fazermos.

Sempre há, por trás de tais decisões, alguma noção, ainda que pouco clara, do que seja bom ou ruim, bem e mal, sejam estes definidos por uma tábua de normas a serem seguidas (preceitos religiosos, preceitos racionais, preceitos de um determinado grupo), seja pelo cálculo das **consequências** que determinada ação poderia ter. Qual o fundamento de tais juízos? São eles apoiados em determinações racionais, ou um sentimento nos impele a decidir por algo como bom? A relação entre paixões (sentimentos) e razão permeia toda a história da Filosofia, principalmente no campo da ética. Diversos autores apontaram distintas soluções para essa questão.



Tanto as forças da natureza como as virtudes e os defeitos humanos foram representados pelos gregos por meio da sua mitologia.

À fase mitológica, segue-se o nascimento da Filosofia. Mito e razão irão conviver harmonicamente, sendo impreciso e difícil estipular quando um termina e o outro começa. A natureza permanece como objeto de análise nos primeiros instantes da gênese da razão. A referência à arte, à religião e às condições sociais, políticas e econômicas é essencial para se compreender as condicionantes do nascimento de determinadas **ideias**. No mundo grego, particularmente, foram essas condições que criaram as primeiras formas de liberdade institucionalizada e de democracia. Foram elas que também tornaram possível o nascimento da Filosofia, que se alimenta essencialmente da liberdade.

A Filosofia nasce do **voo** do homem rumo à liberdade. De forma poética, o homem rompe com os temores de uma natureza terrificante e ameaçadora e se joga na aventura em busca das causas e razões que expliquem a sua própria realidade. A realidade é apresentada em sua totalidade; de início, no pensamento épico, na forma mítica, para logo dar lugar ao pensamento filosófico de forma racional. A deusa da razão é que fundamenta a liberdade humana. A Filosofia nasce como libertação pelo logos, pela utilização da razão. A grande **epopeia** da humanidade é a descoberta e o uso da razão.

Como afirma Bobbio na sua teoria política, a liberdade do indivíduo ou da coletividade pode ser distinguida com base no diferente sujeito histórico, que é portador de uma e de outra. Usa o termo **liberdade negativa**, para o primeiro, e **liberdade positiva (autodeterminação)**, para o segundo.

Desenvolvimento

1ª etapa

Inicie a aula apresentando aos alunos algumas situações que explorem a relação entre sentimentos e operações racionais. Por exemplo, como um aluno preparado e com conhecimentos sobre determinado tema pode ter dificuldades para responder a uma prova quando submetido a pressão, como pode ocorrer ao realizar um vestibular? Peça aos alunos que rela-

tem situações semelhantes pelas quais eles passaram e que tentem encontrar os motivos para isso.

Com base no que os alunos expuseram, diga que serão trabalhados em aula alguns aspectos da relação entre razão e sentimentos. Exponha para eles, de forma geral, que essas relações são muito amplas e, ao longo da história, receberam significações e interpretações distintas, por diversos pensadores

A liberdade na história da Filosofia

Antiguidade

Ao contrário dos naturalistas, que se concentraram no tema da *physis*, na natureza, Sócrates concentrou definitivamente o seu interesse na problemática do homem. Os primeiros estão voltados para o exterior de si mesmos. Com Sócrates, há um movimento inverso: a introspecção. Mas, diferentemente dos sofistas, o filósofo atingiu a essência do homem: sua alma.

Sócrates entende por *alma* a razão humana, a inteligência e a sede de nossa atividade pensante e eticamente operante: “a consciência e a personalidade intelectual e moral”. O homem é alma e usa seu próprio corpo como instrumento. Em Sócrates, dá-se uma revolução do homem sobre si mesmo: “Conhece-te a ti mesmo”. O autodomínio é considerado a base das virtudes. E substancialmente significa domínio da razão sobre os instintos, significa tornar a alma, a psique, senhora do corpo e dos instintos.

Diante dessa descoberta, pode-se compreender que Sócrates tenha identificado expressamente a liberdade humana com esse domínio da racionalidade sobre a animalidade. O homem livre é aquele que possui controle sobre si mesmo, que sabe dominar seus instintos, suas paixões. Assim como o verdadeiro escravo é aquele que, não sabendo dominar seus instintos, torna-se vítima deles. Portanto, o verdadeiro herói não é aquele que vence todos os seus inimigos, os perigos, as adversidades e o cansaço externos, mas, sim, aquele que sabe vencer os inimigos interiores. O sábio é aquele que venceu suas paixões interiores. É aqui que se encontra a grande novidade socrática: a razão se volta sobre si mesma, há uma inflexão sobre as grandes questões antropológicas.



Sócrates (à direita) conversa com Alcibiades. Pintura de François-André Vincent.

e em diversos contextos culturais. Por vezes, em diferentes culturas e contextos sociais, o ideal racional é valorizado de tal forma que é preciso manter os sentimentos sob controle para que eles não intervenham nas operações racionais. Em outros contextos, há uma valorização dos aspectos afetivos, e eles devem ser assimilados junto aos procedimentos racionais.

Mostre aos alunos que essa relação

geral entre o que sabemos e o que sentimos mostra-se de forma específica em diversas áreas, como na moral, enfoque que privilegiaremos nas atividades seguintes.

Somos seres morais. Determinamos a todo tempo o que é bom e mau para nós e especulamos sobre a natureza abstrata do bem e do mal. Mas como fazemos esses julgamentos? Exponha aos alunos que essa discussão pretende compreender como sustentamos nossas decisões mo-

rais. Escolhemos o que é certo e errado, bom e mau, por uma operação racional, por um sentimento ou por uma interação entre esses dois aspectos? Essa discussão atravessa toda a história da Filosofia.

2ª etapa

Peça aos alunos que respondam à pergunta “O que nos leva a escolher algo como bom ou mau?”. Peça que eles escrevam respostas curtas e objetivas para essa questão, mas que argumentem sobre o ponto de vista por eles defendido. Após os alunos elaborarem as respostas, peça a eles que as exponham para a classe, promovendo um debate a partir da diversidade de opiniões obtidas.

Para estimular a discussão, proponha aos alunos questões do tipo “Como você entende a relação entre razão e sentimento?”, “De que modo as pessoas de um mesmo grupo podem ter decisões morais similares?”, “Como seriam possíveis as relações entre grupos partidários de distintos sentimentos?”, pedindo sempre que, em suas respostas, os alunos argumentem e sustentem suas posições.

3ª etapa

Exponha aos alunos, a partir das respostas por eles elaboradas, como essas questões foram tratadas ao longo da história da Filosofia. O objetivo é mostrar para eles quais as origens de determinadas opiniões que carregamos no dia a dia e, ainda, fornecer-lhes mais elementos para refletirem. Compreender essa origem é compreender melhor as opiniões que defendemos. Entre os gregos antigos, já se encontrava esse debate. Sócrates defendia que o fundamento de nossas decisões morais seria completamente dado pela nossa razão, prescindindo dos sentimentos. Ou, para usar termos mais precisos e adequados para o pensamento de Sócrates, o fundamento da decisão moral seria dado pelo conhecimento, o fundamento daquilo que é bom é dado por aquilo que

é verdadeiro. Assim, para se agir de forma corajosa, é preciso conhecer o que é a coragem; para se agir de forma justa, seria necessário apenas conhecer o que é a justiça, pois a partir daí se agiria de acordo com esse conhecimento: só poderá agir bem — a partir de uma decisão, e não por **consequência** aleatória e não pensada de uma ação — aquele que conhece o bem.

A perspectiva platônica ainda mantém muito dessa posição de Sócrates, mas já salva guarda algum lugar para os sentimentos nas decisões morais. Segundo a visão platônica, a alma possui três partes: uma parte amante dos conhecimentos e que deve dirigir as outras duas, a parte impulsiva (que permite sentir paixões e desejos) e a parte desiderativa (que guia a nutrição e a procriação). Age bem aquele que tem cada parte de sua alma realizando a função que lhe cabe, mas ainda há o privilégio do conhecimento, visto que ele deve guiar as outras partes da alma. Já para Aristóteles, é preciso compreender que as emoções e paixões não são o fundamento de nossa moral, não determinam o que é ou não virtude. A moral é fruto da íntima interação entre razão e paixões, na qual é preciso não tentar expurgar as paixões das decisões morais, mas aceitá-las e buscar uma moderação de sua influência em nosso ato decisório.

Esse debate reaparece no século XVII. Por um lado, para Kant, em sua defesa do racionalismo moral, aquilo que guia nossas decisões morais devem ser normas rationalmente estabelecidas, os imperativos categóricos, normas racionais que, sendo definidas a despeito das experiências particulares dos indivíduos, são postas como regras de forma universal e necessária, a partir exclusivamente da razão. Por outro lado, para Hume, o que sustenta nossas decisões morais são sentimentos morais, isto é, não são definições racionais do que é bom ou mau, certo ou errado, mas sentimentos que possuímos, ou seja, consi-

Medievalismo

Na era medieval, a patrística, representada por Santo Agostinho, acaba superando definitivamente o antigo intelectualismo moral pela apologia da vontade. Agostinho é o primeiro voluntarista a apresentar os conflitos da vontade em termos precisos. A liberdade é própria da vontade, não da razão. E com isso resolve o antigo paradoxo socrático de que é impossível conhecer o bem e fazer o mal. A razão pode conhecer o bem, mas a vontade pode **rejeitá-lo**. A razão conhece, mas a vontade escolhe, podendo optar inclusive pelo irracional. E, desse modo, se explica a possibilidade de o homem, apesar de conhecer os valores autênticos e imutáveis, se converter a valores efêmeros.



Representação de Santo Agostinho, na concepção de Philippe de Champaigne.

Modernidade

A modernidade se abre, insatisfeita com as verdades absolutas da época anterior. Para a era medieval, o mundo já estava pronto, acabado, e a questão da liberdade começava a inquietar o homem. Para o homem moderno, a liberdade sugere que o mundo necessita de novas verdades, que necessita dissecar mesmo aquelas tradicionalmente aceitas. A liberdade nasce do logos, da razão que questiona o mundo já totalmente descoberto. A liberdade exige horizontes novos para se exercitar. Descartes investe contra o sectarismo e o fanatismo e defende a liberdade de pensar, porque somente exercitando essa liberdade o homem pode justificar sua existência.

- Sócrates (469 a.C.–299 a.C.): filósofo ateniense.
- Agostinho (354–430): filósofo, teólogo, doutor e bispo da Igreja Católica.
- Descartes (1596–1650): filósofo, físico e matemático. Criador do método cartesiano.
- Norberto Bobbio (1909–2004): filósofo político, historiador e senador italiano.

Disponível em: <http://portal.estacio.br/media/3327543/4-a-questao-liberdade.pdf>. Adaptado. Acessado em 06/06/2014.

deramos algo como bom porque tal coisa desperta em nós um sentimento que nos leva a esse juízo. Assim, ainda que haja um cálculo racional, este só pode se dar como comparação, previsão. No limite, são os sentimentos que fornecem fundamento para nossas decisões morais.

Ao final da exposição, divida a classe em dois grupos, cada um tendo de defender posições opostas sobre a questão dos fundamentos de nossas decisões morais:

um grupo defendendo os fundamentos racionais de decisões morais, outro defendendo que as decisões morais são fundamentadas em sentimentos, e cada um defendendo como sua perspectiva pode nos ajudar em debates polêmicos em nossa época.

Avaliação

A avaliação deve ser feita pela consideração da participação dos alunos nos

? | Questão de ética

- 1.** A partir da leitura do texto *A questão da liberdade*, que aspectos filosóficos podem ser identificados?

O autor apresenta a liberdade numa perspectiva histórica da Filosofia. O interessante é perceber a liberdade como um modo ontológico que supera o determinismo causado pela natureza, comum a todos da mesma espécie. Pode-se dizer que é justamente esse dinamismo que constitui o ser humano como ser de vontade, que o faz agir além daquilo que os impulsos sensíveis (natureza) impõem. Daí abre-se caminho para, posteriormente, pensar não somente o agir além das determinações sensíveis, mas as implicações morais e éticas de tais ações.

- 2.** Por que a liberdade constitui uma questão antropológica? Justifique a sua resposta.

Por meio da liberdade, apresenta-se a independência das condições sensíveis, ou seja, por intermédio dela, mediante o livre-arbítrio e o uso da razão, é possível pensar no indivíduo humano dotado de vontade e capaz de agir segundo princípios. Por isso, liberdade, razão e conflito com a natureza intensificam o humano e assumem uma discussão antropológica. Afinal, somente o homem dotado de razão age mediante a liberdade. Quando ocorre o contrário, assemelham-se aos animais, que atendem apenas aos impulsos determinados pela natureza sensitiva.



debates em sala de aula e pela análise das exposições por eles elaboradas na discussão final. Estimule o debate entre esses grupos com questões como “Qual papel cabe à razão na decisão moral?”, caso o grupo defende uma perspectiva do sentimento moral, ou “Qual papel cabe ao sentimento na decisão moral?”, caso seu grupo defende o racionalismo moral; “Como a perspectiva adotada por seu grupo pode nos ajudar a responder

questões morais de nossa época?" (aqui, sugira para os alunos questões concretas, como *legalização do aborto, pena de morte, manipulação de células-troncos*). Sugira, também, após as exposições dos grupos, que eles respondam sobre a possibilidade de uma posição intermediária.

Na análise do debate, atente para como os alunos entenderam as relações entre razão e sentimento, mais especificamente no caso das decisões morais, considere-

Anotações

Sugestão de leitura ////**Como usar a Internet na sala de aula**

Autor: Juvenal Zanchetta Jr.

Este livro traz ao educador um panorama sobre suporte tecnológico e textos jornalísticos visando à sua aplicação no ensino e na prática da leitura na escola. O autor divide o livro em seções objetivas e aborda temas como a comunicação em massa, a importância da web e os diferentes aspectos dos textos jornalísticos e oferece, ainda, roteiros de análise e sugestões de exercícios para a sala de aula.

Fundamentação**Zygmunt Bauman: Vivemos tempos líquidos. Nada é para durar**

Estamos cada vez mais aparelhados com iPhones, tablets, notebooks, etc., tudo para disfarçar o antigo medo da solidão. O contato via rede social tomou o lugar de boa parte das pessoas, cuja marca principal é a ausência de comprometimento. Este texto tem como base a **ideia** do "ser líquido", característica presente nas relações humanas atuais. Inspirado na obra *Amor líquido* — sobre a fragilidade dos laços humanos, de Zygmunt Bauman. As relações se misturam e se condensam com laços momentâneos, frágeis e volúveis. Num mundo cada vez mais dinâmico, fluido e veloz. Seja real ou virtual. [...]

Bauman tenta mostrar nossa dificuldade de comunicação afetiva, já que todos querem relacionar-se. Entretanto, não conseguem, seja por medo ou insegurança. O autor ainda cita como exemplo um vaso de cristal, o qual à primeira queda quebra. As relações terminam tão rápido quanto começam, as pessoas pensam terminar com um problema cortando seus vínculos, mas o

3. Comente:

A razão humana encontrava-se limitada. O sagrado é um dos aspectos fascinantes da fase mitológica. A liberdade não é questionada porque o homem aceita o poder da natureza sobre si mesmo, que o domina, objeto de adoração.

Sugestão de resposta: O trecho em questão apresenta, inicialmente, a limitação da razão humana no período mitológico, no qual o homem confiava plenamente na crença e na influência divina (deuses gregos) em suas vidas. Por isso, não se questionava a liberdade. É justamente quando se perde tal crença que se gera o conflito dos homens com os deuses, e a Filosofia, por meio do uso crítico da razão, faz nascer a possibilidade de apresentar ao mundo e à história outra justificativa para os fenômenos naturais e mesmo para as questões ligadas à vida humana.

4. Considerando a perspectiva histórica de liberdade neste capítulo, apresente as características de cada uma das épocas mencionadas abaixo: Sugestão de resposta**a. Antiguidade:**

"O homem livre é aquele que possui controle sobre si mesmo, que sabe dominar seus instintos, suas paixões." Com base na tendência do pensamento socrático, a liberdade existe para fundamentar o homem na educação de suas paixões, na busca da virtude. É justamente tal virtude que há de tornar cada vez mais bela a alma do homem, libertando-o dos vícios.

b. Medievalismo:

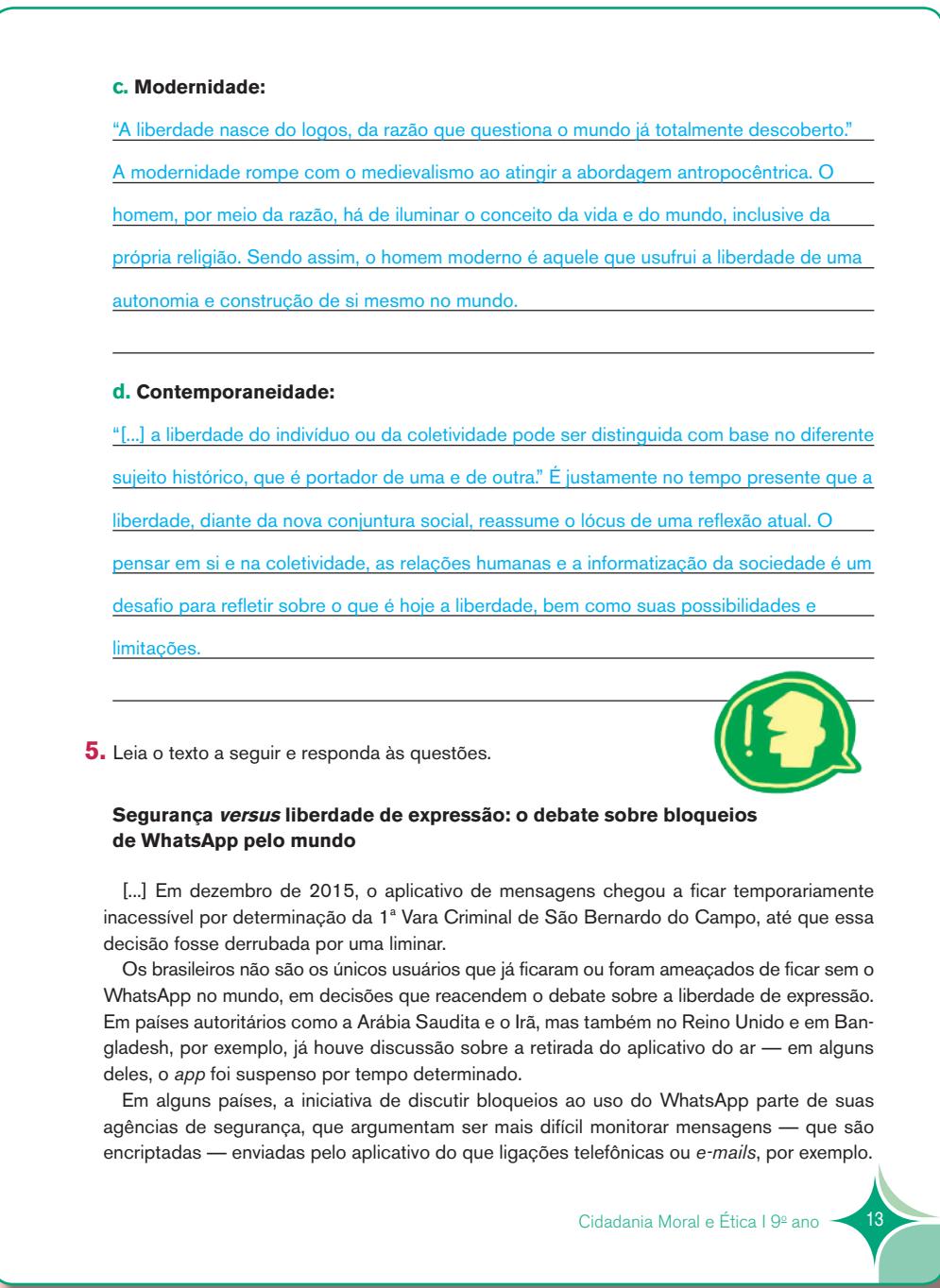
"A razão pode conhecer o bem, mas a vontade pode rejeitá-lo, porque, embora esteja ligada à razão, tem uma autonomia própria." No medievalismo, há o reconhecimento do livre-arbitrio como dom cedido ao homem por Deus. Assim, o homem deve utilizar da sabedoria para usufruir da liberdade segundo os princípios cristãos.

que fazem mesmo é criar problemas em cima de problemas.

É um mundo de incertezas, cada um por si. Temos relacionamentos instáveis, pois as relações humanas estão cada vez mais flexíveis. Acostumados com o mundo virtual e com a facilidade de "**desconectar-se**", as pessoas não conseguem manter um relacionamento de longo prazo.

O amor criado pela sociedade atual — modernidade líquida — tira-lhes a responsabilidade de relacionamentos sérios e duradouros. Pessoas estão sendo tratadas como bens de consumo, ou seja, caso haja defeito descarta-se ou, até mesmo, troca-se por "versões mais atualizadas".

Como diz Bauman, "para ser feliz há



c. Modernidade:

"A liberdade nasce do logos, da razão que questiona o mundo já totalmente descoberto."

A modernidade rompe com o medievalismo ao atingir a abordagem antropocêntrica. O homem, por meio da razão, há de iluminar o conceito da vida e do mundo, inclusive da própria religião. Sendo assim, o homem moderno é aquele que usufrui a liberdade de uma autonomia e construção de si mesmo no mundo.

d. Contemporaneidade:

[...] a liberdade do indivíduo ou da coletividade pode ser distinguida com base no diferente sujeito histórico, que é portador de uma e de outra." É justamente no tempo presente que a liberdade, diante da nova conjuntura social, reassume o lócus de uma reflexão atual. O pensar em si e na coletividade, as relações humanas e a informatização da sociedade é um desafio para refletir sobre o que é hoje a liberdade, bem como suas possibilidades e limitações.

5. Leia o texto a seguir e responda às questões.



Segurança versus liberdade de expressão: o debate sobre bloqueios de WhatsApp pelo mundo

[...] Em dezembro de 2015, o aplicativo de mensagens chegou a ficar temporariamente inacessível por determinação da 1^a Vara Criminal de São Bernardo do Campo, até que essa decisão fosse derrubada por uma liminar.

Os brasileiros não são os únicos usuários que já ficaram ou foram ameaçados de ficar sem o WhatsApp no mundo, em decisões que reacendem o debate sobre a liberdade de expressão. Em países autoritários como a Arábia Saudita e o Irã, mas também no Reino Unido e em Bangladesh, por exemplo, já houve discussão sobre a retirada do aplicativo do ar — em alguns deles, o app foi suspenso por tempo determinado.

Em alguns países, a iniciativa de discutir bloqueios ao uso do WhatsApp parte de suas agências de segurança, que argumentam ser mais difícil monitorar mensagens — que são encriptadas — enviadas pelo aplicativo do que ligações telefônicas ou e-mails, por exemplo.

Cidadania Moral e Ética | 9º ano

13

dois valores essenciais que são absolutamente indispensáveis [...] um é segurança e o outro é liberdade. Você não consegue ser feliz e ter uma vida digna na ausência de um deles. Segurança sem liberdade é escravidão. Liberdade sem segurança é um completo caos. Você precisa dos dois. [...] Cada vez que você tem mais segurança, você entrega

um pouco da sua liberdade. Cada vez que você tem mais liberdade, você entrega parte da segurança. Então, você ganha algo e você perde algo".

Disponível em: http://lounge.obviousmag.org/de_dentro_da_cartola/2013/11/zygmunt-bauman-vivemos-tempos-liquidos-nada-e-para-durar.html#ixzz4THPQyZIS. Adaptado. Acesso em 10/12/2016.

Anotações

Fundamentação**Filosofia e educação**

Segundo Luckesi (1995) as relações entre filosofia e educação parecem naturais. Enquanto a educação trabalha o desenvolvimento das novas gerações de uma sociedade, a filosofia é a reflexão sobre o que e como devem ser ou se desenvolver as gerações e a sociedade. É a filosofia que exige postura do educador.

Nas relações entre filosofia e educação só existem realmente duas opções: ou se pensa e se reflete sobre o que se faz e assim se realiza uma ação educativa consciente; ou não se reflete criticamente e opaca o existente na cultura da vida do **dia a dia** — e assim se realiza uma ação educativa com baixo nível de consciência. Filosofia e educação, pois, estão vinculadas no tempo e no espaço. Não há como fugir dessa 'fatalidade' da nossa existência. Assim sendo, parece-nos ser mais válido e mais rico, para nós e para a vida humana, fazer esta junção de uma maneira consciente, como bem cabe a qualquer ser humano.

A propósito do ser humano, vale complementar que os objetivos educacionais devem sempre compreender a constituição de sujeitos conscientes, críticos e responsáveis.

LUCKESI, Cipriano Carlos. *Filosofia da Educação*. São Paulo: Cortez, 1995. Adaptado.

Argumenta-se, porém, que, se o WhatsApp permitisse o relaxamento na encriptação das mensagens, isso ameaçaria a privacidade dos usuários e os deixaria mais vulneráveis à ação de criminosos cibernéticos. [...]

Terrorismo

Ameaças de terrorismo ou à segurança nacional também serviram de justificativa para o bloqueio do serviço em outros países. Muitos desses governos, no entanto, foram criticados por restringir a liberdade de expressão.

Na Arábia Saudita, de acordo com agências de notícias, houve uma ameaça de retirar o WhatsApp do ar em 2013 porque o serviço não estaria se adequando às regras da Comissão de Comunicações e Tecnologia da Informação. Na época, o país chegou a tirar do ar o Viber, aplicativo de mensagens e chamadas de voz pela Internet, pelo mesmo motivo.

"Terroristas e elementos criminosos estão usando essas redes para se comunicar", disse uma autoridade do Paquistão para justificar a suspensão do aplicativo em uma província, segundo a mídia local. [...]

Na Síria, que vive uma sangrenta guerra civil, o aplicativo — usado para marcar protestos durante a Primavera Árabe — foi suspenso em 2012.

"Um golpe na liberdade de expressão e nas comunicações em todo lugar. Um dia triste para a liberdade", publicou o WhatsApp em sua conta no Twitter à época.

Disponível em: http://www.bbc.com/portuguese/brasil/2016/05/160502_bloqueio_whatsapp_atualiza_pai. Acesso em 16/05/2016.

6. A discussão sobre o uso do aplicativo WhatsApp é muito grande, sobretudo no que diz respeito à segurança e ao sigilo dos usuários. Ultimamente, vem se discutindo seu uso com moderação; e o aplicativo, sofrendo sanções, como o seu bloqueio. Além do Brasil, quais foram os países em que o WhatsApp foi debatido e até suspenso por tempo determinado?

[Arábia Saudita, Irã, Reino Unido, Bangladesh e Brasil.](#)

7. Qual é o argumento que as autoridades usam para suspender o serviço?

[As autoridades competentes argumentam ser mais difícil monitorar mensagens por serem encriptadas.](#)

8. O terrorismo também se beneficia do aplicativo, dizem alguns líderes de países como a Arábia Saudita. No entanto, o WhatsApp também serve para marcar protestos contra regimes autoritários ao redor do mundo; por exemplo, a Primavera Árabe. Faça uma pesquisa sobre a Primavera Árabe e esclareça a relação do WhatsApp com os movimentos sociais.

[Resposta pessoal](#)

Anotações

- 9.** A dissertação é um modo de exercitar habilidades, tais como: capacidade argumentativa e exposição de **ideias**/criticidade. Sendo assim, pesquise, reflita e elabore uma pequena dissertação sobre a seguinte citação do WhatsApp em sua conta no Twitter:

“Um golpe na liberdade de expressão e nas comunicações em todo lugar. Um dia triste para a liberdade.”

Resposta pessoal



Sugestão de
Abordagem

Desenvolver atividades que possam estimular questionamentos sobre temas atuais que são necessários para proporcionar uma ampliação do conhecimento. Pensando nisso, sugerimos uma atividade sobre o tema: *liberdade e suas dimensões na realidade*.

Inicialmente, questiona-se: *o que é liberdade? Todos temos essa tal liberdade?* Diante das questões levantadas pela turma, irão surgir várias respostas. É importante que nesta hora seja feito um desafio, isto é, a criação de uma necessidade para que o educando, através de sua ação, busque o conhecimento e estabeleça uma relação com os que já possui, ou seja, é necessário mediar o conhecimento de mundo e os conteúdos apreendidos durante as aulas.

Colocar no quadro ou em cartaz outras questões, dessa vez sobre a liberdade em outras dimensões conhecimento:

- **Dimensão filosófica:** *O que é liberdade? Existem várias maneiras de pensar a liberdade? Somos determinados a agir ou não?*
- **Dimensão histórica:** *Todas as pessoas são livres? O homem nem sempre foi livre, mas por quê?*
- **Dimensão social:** *A minha liberdade interfere na vida dos outros. Posso me sentir livre sabendo que existem pessoas que não o são?*

Para aprimorar ainda mais a aula sobre liberdade, propomos uma interdisciplinaridade. Sugerimos o poema de Fernando de Pessoa, *Liberdade*, para ser lido pelos estudantes e, em seguida, responder alguns questionamentos.

Liberdade

Ai que prazer
Não cumprir um dever,
Ter um livro para ler
E não fazer!
Ler é maçada,
Estudar é nada.
Sol doira

Liberdade

A história desse conceito perpassa os estudos de épocas e pensadores diversos e registra a interpretação de doutrinas sociais bastante variadas. Podemos fazer uma distinção inicial entre o que se convencionou chamar de **concepção negativa** e **positiva** da liberdade. Em seu sentido negativo, liberdade significa a ausência de restrições ou de interferência. O sentido positivo significa a posse de direitos, implicando o estabelecimento de um amplo âmbito de direitos civis, políticos e sociais. O crescimento da liberdade é concebido como uma conquista da cidadania.

No sentido político, a liberdade civil, ou individual, é o exercício de sua cidadania dentro dos limites da lei e respeitando os direitos dos outros. De acordo com o filósofo inglês Herbert Spencer, "A liberdade de cada um termina onde começa a liberdade do outro".

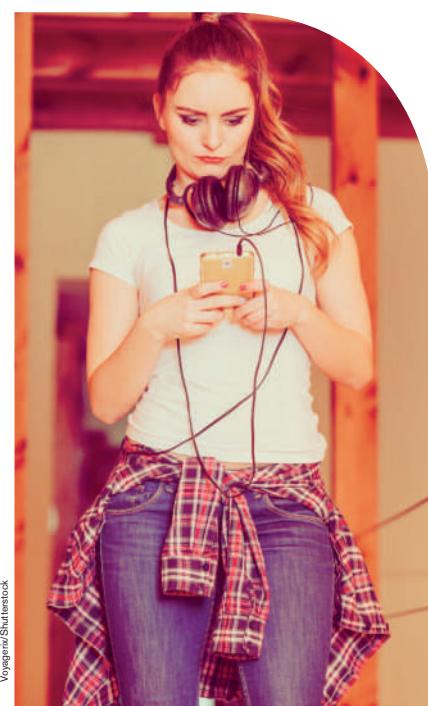
Em um sentido ético, trata-se do direito de escolha do indivíduo sobre o seu modo de agir, independentemente de qualquer determinação externa. Segundo Descartes, "A liberdade consiste unicamente em, ao afirmar ou negar, realizar ou enviar o que o entendimento nos prescreve, agirmos de modo a sentir que, em nenhum momento, qualquer força exterior nos constrange".

A liberdade de pensamento, em seu sentido estrito, é inalienável, inquestionável. Reivindicar a liberdade de pensar significa lutar pela liberdade de exprimir o pensamento. Voltaire ilustra bem essa liberdade: "Não estou de acordo com o que você diz, mas lutarei até o fim para que você tenha o direito de dizê-lo".

Hobbes afirma que o "homem livre é aquele que não é impedido de fazer o que tem vontade, no que se refere às coisas, e que pode fazer por sua força e capacidade". Kant diz que ser livre é ser autônomo, isto é, dar a si mesmo as regras a serem seguidas racionalmente. Para Jean-Paul Sartre, a liberdade é a condição ontológica do ser humano. O homem é, antes de tudo, livre. O homem é nada antes de definir-se como algo e é absolutamente livre para definir-se, engajar-se, encerrar-se, esgotar a si mesmo.



Descartes (à direita) conversando com a rainha Cristina da Suécia. Pintura de Pierre Louis Dumesnil.



16 Cidadania Moral e Ética | 9º ano

Voyager/Shutterstock

Sem literatura
O rio corre, bem ou mal,
Sem edição original.
E a brisa, essa,
De tão naturalmente matinal,
Como o tempo não tem pressa...

Livros são papéis pintados com tinta.
Estudar é uma coisa em que está indistinta
A distinção entre nada e coisa nenhuma.

Quanto é melhor, quanto há bruma,
Esperar por D.Sebastião,
Quer venha ou não!

Grande é a poesia, a bondade e as danças...
Mas o melhor do mundo são as crianças,
Flores, música, o luar, e o sol, que peca
Só quando, em vez de criar, seca.

No livro *A sociedade do espetáculo*, Guy Debord, ao criticar a sociedade de consumo e o mercado, afirma que a liberdade de escolha é uma liberdade ilusória, pois escolher é sempre optar entre duas ou mais coisas prontas, isto é, predeterminadas por outros. Uma sociedade como a capitalista, na qual a única liberdade que existe socialmente é a liberdade de escolher qual mercadoria consumir, impede que os indivíduos sejam livres na sua vida cotidiana. A vida cotidiana na sociedade capitalista, segundo Debord, se divide em tempo de trabalho e tempo de lazer. Assim, a sociedade da mercadoria faz da passividade (escolher, consumir) a liberdade ilusória que se deve buscar a todo custo, enquanto, de fato, como seres ativos, práticos (no trabalho, na produção), somos **não livres**. De maneira geral, a liberdade de indivíduos ou grupos sempre sugere, ou tem a possibilidade de implicar, a limitação da liberdade de outros.

Disponível em: <http://www.brasescola.com/sociologia/consciencia-e-liberda-humana-texto-2.htm>. Acessado em 16/04/2014.



Anotações

Questão de ética

1. De acordo com o texto:

a. Defina **liberdade positiva** e **liberdade negativa**.

Nem seu sentido negativo, liberdade significa a ausência de restrições ou de interferência.

No sentido positivo significa a posse de direitos, implicando o estabelecimento de um amplo âmbito de direitos civis, políticos e sociais.

b. Apresente sua concepção sobre cada uma delas.

Resposta pessoal

Mais que isto
É Jesus Cristo,
Que não sabia nada de finanças
Nem consta que tivesse biblioteca...

<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/pe000006.pdf>. Acesso em 12/20/2016.

Depois da leitura, discutir o texto e solicitar que os estudantes relatem sua opinião a respeito do poema.

Questões que podem ser levantadas:

- O que é prazer para o autor?
- Qual o sentido de estudar?
- Sobre que tipo de liberdade se refere esse poema de Fernando de Pessoa?
- Você concorda com o autor?
- Somos originalmente livres?

Em seguida, refletir sobre as seguintes citações:

"é livre aquele que tem em si mesmo o princípio para agir ou não agir, isto é, aquele que é causa interna de sua ação ou da decisão de não agir." Aristóteles.

"a liberdade é a escolha incondicional que o próprio homem faz de seu ser e de seu mundo. Afirma que estamos condenados à liberdade." Sartre.

"A minha liberdade termina onde começa a do outro." Provérbio popular, com base na Revolução Francesa e na Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão.

Avaliação

A avaliação será realizada no decorrer das atividades. Inicialmente, observar se os alunos compreenderam os conceitos expostos, analisando seus questionamentos através do diálogo.

Além do mais, é necessário a superação de **ideias** do senso comum para a dimensão científica. Se houver necessidade, retomar algum conteúdo para esclarecimento,

Fundamentação

O desapego

O desapego é um dos mais importantes ensinamentos budistas. Muitos dos problemas da vida são causados pelo apego. Ficamos com raiva, preocupados, tornamo-nos ávidos, fazemos queixas infundadas e temos todos os tipos de complexos. Todas estas causas de infelicidade, tensão, teimosia e tristeza são devidas ao apego. Se tem algum problema ou preocupação, examine-se a si mesmo e descobrirá que a causa é o apego.

Existe uma famosa história zen sobre um mestre e seu discípulo. Os dois estavam a caminho da aldeia vizinha quando chegaram a um rio agitado e viram na margem, uma bela moça tentando atravessá-lo. O mestre zen **ofereceu-lhe** ajuda e, erguendo-a nos braços, levou-a até a outra margem. E depois cada qual seguiu seu caminho. Mas o discípulo ficou bastante perturbado, pois o mestre sempre lhe ensinara que um monge nunca se deve aproximar de uma mulher, nunca deve tocar uma mulher. O discípulo pensou e repensou o assunto; por fim, ao voltarem para o templo, não conseguiu mais conter-se e disse ao mestre:

— Mestre, o senhor ensina-me dia após dia a nunca tocar uma mulher e, apesar disso, o senhor pegou aquela bela moça nos braços e atravessou o rio com ela.

— Tolo — respondeu o mestre — Eu deixei a moça na outra margem do rio. Tu é que ainda a carregas.

Desapego não é desinteresse, indiferença ou fuga. Não devemos tornar-nos indiferentes aos problemas da vida. Não devemos fugir da vida; não se pode fugir dela quando somos sinceros.

O desapego, como sabemos, não é uma rejeição, mas uma liberdade que prevalece quando deixamos de nos atar às causas do sofrimento. Num estado de paz interior, com conhecimento lúcido de como funciona a nossa mente.

A vida e os seus problemas devem ser encarados e enfrentados de frente, mas

- 2.** Qual é o seu ponto de vista sobre o pensamento “A liberdade de cada um termina onde começa a liberdade do outro”? Você acredita que essa assertiva é coerente?

Resposta pessoal

- 3.** Na obra *A sociedade do espetáculo*, de Guy Debord, há o seguinte pensamento: “Uma sociedade como a capitalista, na qual a única liberdade que existe socialmente é a liberdade de escolher qual mercadoria consumir, impede que os indivíduos sejam livres na sua vida cotidiana”. Pense e responda:

- a.** Você concorda com tal pensamento? Por quê?

Resposta pessoal

- b.** Em que situação concreta, cotidiana, você se percebe na situação descrita no pensamento em destaque? Justifique sua resposta.

Resposta pessoal

- c.** É possível ser livre na sociedade capitalista? Se sim, como?

Resposta pessoal

não são coisas às quais devamos nos apegar. É verdade que o dinheiro tem a sua importância, mas a pessoa que se apega a ele torna-se avarenta e escrava do dinheiro. É muito fácil apegarmo-nos à nossa beleza, às nossas aptidões ou às nossas posses, e assim sentirmo-nos superiores aos outros. É igualmente fácil apegarmo-nos à nossa falta de beleza, à nossa falta de aptidões ou à nossa pobreza, e assim sentirmo-nos inferiores aos outros. O

apego às condições favoráveis leva à avidez e ao falso optimismo, enquanto que o apego às condições desfavoráveis leva ao ressentimento e ao pessimismo. Sem dúvida, o nosso apego às coisas, condições, sentimentos e **ideias** é muito mais problemático do que imaginamos.

Quando adoecemos, chegamos até mesmo a apegarmo-nos à doença. É melhor não fazermos isso. Todas as

Para refletir

Keep calm and compre pouco

"As melhores coisas da vida não são coisas." O recado carimbado em murais reais e virtuais reflete a forte tendência de minimizar a bagagem, valorizar as experiências e desenvolver uma relação mais saudável com o consumo. Na Box 1824, agência especializada em tendências de comportamento, esse movimento foi batizado de **lowsumerism** (do inglês **low**, baixo; e **consumerism**, consumismo). Você pode não ter ouvido essa definição ainda, mas deve ter sentido a demanda crescente para refletir sobre a forma como nos relacionamos com marcas e produtos. O objetivo é repensar a lógica do consumo e agir com calma nas compras. "O espírito do nosso tempo tem se voltado para a ideia de que menos é mais. É ingênuo acreditar que o que utilizamos e descartamos não interfere na vida de mais ninguém. O consumismo é um comportamento ultrapassado do qual em breve sentiremos vergonha", comenta o pesquisador de tendências Eduardo Biz, da Box 1824. Esse comportamento se reflete em microtendências: o movimento *biker*, rituais como preparar jantares caseiros, frequentar a manicure do bairro, comprar alimentos em feiras ou direto de pequenos produtores tornaram-se uma forma de aquecer o contato humano congelado pela frieza dos meios digitais. "O ato da compra passa a ser revisto como um ato social, e com isso retornam hábitos de consumo ligados a valores locais e tradicionais", diz Biz. De maneira geral, dá para sentir um cansaço coletivo das pessoas em relação aos seus empregos com o horário fixo que engessa a vida. Não à toa, cresce paralelamente o êxodo urbano, puxado por jovens famílias em busca de um dia a dia mais simples, assim como a economia compartilhada em movimento ascendente. "Vemos cada vez mais pessoas trocando, doando, comprando usado, dividindo, gerando novos tipos de economia — sustentável, colaborativa, coletiva. Iniciativas empreendedoras que permitem que ideias deixem de girar em torno do dinheiro", analisa Biz.

Disponível em: <http://vidasimples.uol.com.br/noticias/capa/saiba-viver-com-menos.phpml#.V-zju6brtzk>. Adaptado. Acessado em 14/09/2016.



Anotações

doenças serão curadas, excepto uma, que é a morte. Quando estiver doente, aceite a doença e faça o possível para se recuperar. Aceite a doença e a transcenda... ou melhor, aceite-transcendendo. A vida é mutável; todas as coisas são mutáveis; todas as condições são mutáveis. Por isso, "deixe ir" as coisas. Todos os abusos, a raiva, a censura — deixe que venham e que se vão. Tudo o que fazemos, devemos fazer com since-

ridade, com honestidade e com todas as nossas forças; e uma vez feito, feito está.

Não nos apeguemos a ele. Muitas pessoas apegam-se ao passado ou ao futuro, negligenciando o importante presente. Devemos viver o melhor "agora", com plena responsabilidade. Quando o sol brilha, desfrute-o; quando a chuva cai, desfrute-a. Todas as coisas nesta vida — deixe que venham e deixe que se vão. Este é um segredo da vida que nos impede de

ficar aborrecidos ou neuróticos.

Buda disse que todas as coisas na vida e no mundo estão em constante mutação; por isso, não se torne apegado a elas.

Disponível em: <https://portaldobudismo.org/tag/desapego/>. Adaptado. Acesso em 25/12/2016.

Sugestão de leitura ////**Como usar o jornal na sala de aula**

Autora: Maria Alice Faria

A utilização do jornal na sala de aula é uma técnica reconhecida. Auxilia na aquisição da linguagem, na ampliação do vocabulário, na capacidade de analisar discursos e na própria inserção do aluno, como cidadão, na sociedade, além de predispor-lo favoravelmente à leitura de livros. Como o título revela, a preocupação desta obra não é com a teoria, mas com a prática em sala de aula. Ensina a ler, de maneira crítica, todas as partes do jornal, das manchetes aos suplementos, da economia à cultura, da política ao cotidiano. Apresenta minuciosamente o jornal, explica o modo como ele é preparado e mostra como sua leitura crítica pode transformar as aulas numa atividade divertida e proveitosa.

Sala de aula interativa

Autor: Marco Silva

Este livro tem como principal objetivo operar um diagnóstico do modo como a escola está encarando o desafio dos novos meios no início do século XXI, para traçar estratégias que possibilitem repensar a educação em um momento de generalização das tecnologias interativas.

Questões para reflexão

1. Você faz compras por impulso ou por necessidade?
2. Quando você compra um produto, você faz uma reflexão sobre se sua utilidade é realmente necessária?
3. Qual é a relação entre sustentabilidade e consumo consciente?
4. Seus atos no dia a dia são pensados de maneira sustentável e incentivando a coletividade?

Pensamento

Se, de fato, a existência precede a essência, não se poderá jamais explicar nada por referência a uma natureza humana dada e imobilizada. Dito de outro modo, não há determinismo; o homem é livre, o homem é liberdade. Se, por outro lado, Deus não existe, não encontramos diante de nós valores ou ordens que legitimarão nossa conduta. Assim, no reino luminoso dos valores, não temos justificativas ou desculpas nem por trás de nós nem diante de nós. Estamos sós sem desculpas. Eu exprimiria isso dizendo que o homem está condenado a ser livre. Condenado porque ele não se criou a si mesmo e, entretanto, é livre, pois, uma vez lançado no mundo, ele é responsável por tudo o que faz.

O existencialista não crê no poder da paixão. Ele jamais pensará que uma bela paixão é uma corrente devastadora que fatalmente conduz o homem a certos atos e que, por consequência, é uma desculpa. Ele pensa que o homem é responsável por sua paixão. O existencialista não pensará, tampouco, que o homem possa encontrar socorro em um determinado signo sobre a Terra que o oriente, pois ele pensa que o próprio homem decifra o signo como lhe agradar. Ele pensa, portanto, que o homem, sem apoio e sem socorro, está condenado, a cada instante, a inventar o homem.

**Anotações**

Em um belo artigo, Ponge disse: “O homem é o futuro do homem”. É perfeitamente exato. Mas, se entender por isso que esse futuro está inscrito no céu, que Deus o vê, então é falso, pois não seria nem mesmo um futuro. Se se entender que, qualquer que seja o homem que apareça, há um futuro a fazer, um futuro virgem que o espera, então essa frase é correta. Mas, então, estamos desamparados.

CreativeShutterstock



Para lhes dar um exemplo que permita compreender melhor o desamparo, citarei o caso de um de meus alunos que veio procurar-me nas seguintes circunstâncias: seu pai estava brigado com sua mãe, seu irmão mais velho tinha sido assassinado na ofensiva alemã de 1940, e esse jovem homem, com sentimentos um pouco primitivos, mas generosos, desejava vingá-lo. Sua mãe vivia sozinha com ele, muito perturbada pela semitraição de seu pai e pela morte de seu filho mais velho, e só nele encontrava consolo. Esse rapaz tinha, naquele momento, a seguinte escolha: partir para a Inglaterra e alistar-se nas Forças Francesas Livres, isto é, abandonar sua mãe, ou permanecer com ela e ajudá-la a viver. Ele se dava conta perfeitamente de que essa mulher vivia apenas por ele e que sua partida — e talvez sua morte — a mergulharia no desespero. Ele também se dava conta de que, no fundo, concretamente, cada ato dele em relação a ela teria resposta, no sentido de que ele a ajudaria a viver, enquanto cada ato dele para partir e combater seria um ato ambíguo que poderia se perder na areia e não servir para nada: por exemplo, partindo para a Inglaterra, ele poderia permanecer indefinidamente em um campo espanhol ao passar pela Espanha; ele poderia chegar na Inglaterra ou em Argel e ser posto em um escritório para preencher papéis.

Consequentemente, ele se encontrava em face de dois tipos de ação muito diferentes: uma concreta, imediata, mas voltada a apenas um indivíduo, ou uma ação voltada a um conjunto infinitamente mais vasto, uma coletividade nacional, mas, por isso mesmo, ambígua e que poderia ser interrompida no meio do caminho. E, ao mesmo tempo, ele hesitava entre dois tipos de moral. De um lado, uma moral da simpatia, do devotamento individual; e, de outro lado, uma moral mais larga, mas de uma eficácia mais contestável. Ele precisava escolher entre as duas. Quem

Natureza x liberdade

poderia ajudá-lo a escolher? A doutrina cristã? Não. A doutrina cristã diz: sede caridosos, amai o próximo, sacrificai-vos por vosso semelhante, escolhei o caminho mais difícil, etc. Mas qual é o caminho mais difícil? Quem ele deve amar como próximo: o combatente ou a mãe? Qual a maior utilidade: aquela, vaga, de combater em um grupo ou a precisa, de ajudar um determinado ser a viver? Quem pode decidir *a priori*? Ninguém. Nenhuma moral definida pode dizê-lo.

A moral kantiana diz: não trate jamais os outros como meio, mas como fim. Muito bem. Se eu permanecer junto de minha mãe, eu a tratarei como fim, e não como meio, mas, por isso mesmo, arrisco tratar como meio aqueles que combatem em torno de mim. E reciprocamente: se eu me reunir àqueles que combatem, eu os tratarei como fim e, por isso mesmo, arrisco tratar minha mãe como meio. Se os valores são vagos e se são muito vastos para o caso preciso e concreto que nós consideramos, **resta-nos** apenas confiar em nossos instintos. Foi o que esse rapaz tentou fazer. E, quando eu o vi, ele dizia: no fundo, é o sentimento que conta; eu deveria escolher o que me impelia verdadeiramente para uma determinada direção. Se eu sentir que amo bastante minha mãe para sacrificar por ela todo o resto — meu desejo

de vingança, meu desejo de ação, meu desejo de aventuras —, então eu fico com ela. Se, ao contrário, eu sentir que meu amor por minha mãe não é suficiente, eu parto.

Mas como determinar o valor de um sentimento? O que determinava o valor do seu sentimento por sua mãe? Justamente o fato de que ele ficava com ela.

Eu posso dizer: amo bastante tal amigo para sacrificar por ele tal soma de dinheiro. Eu só posso dizer isso se eu o fizer. Eu poderei dizer que amo bastante minha mãe para ficar com ela se eu ficar com ela. Só posso determinar o valor dessa afeição se, precisamente, eu fizer um ato que a confirme e a defina. Ora, mas como eu peço a essa afeição para justificar meu ato, eu me vejo então envolvido em um círculo vicioso.

Por outro lado, Gide disse muito bem que um sentimento que se representa ou um sentimento que se vive são duas coisas quase indiscerníveis: decidir que amo minha mãe ficando com ela ou representar uma comédia que me fará ficar por minha mãe é mais ou menos a mesma coisa. Dito de outro modo, o sentimento se constrói pelos atos que se pratica; eu não posso consultá-lo para me guiar por ele. O que significa dizer que eu não posso nem procurar em mim o estado autêntico que me

levará a agir nem buscar em uma moral os conceitos que me permitirão agir. Pelo menos, dirá você, ele foi ver um professor para pedir-lhe conselho. Mas, se você procurar conselho com um padre, por exemplo, você escolheu esse padre, você já sabe, no fundo, mais ou menos, o que ele irá aconselhar. Por outras palavras, buscar o conselheiro é ainda engajar-se a si mesmo. A prova é que, se você é cristão, você dirá: consulte um padre. Mas há padres colaboracionistas, padres oportunistas, padres resistentes. Qual deles escolher? E, se o rapaz escolher um padre resiente ou um padre colaboracionista, ele já decidiu o tipo de conselho que vai receber. Assim, vindo me procurar, ele já sabia a resposta que eu daria, e eu só tinha uma a dar: você é livre, escolha, isto é, invente.

Disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/cadernos_pedagogicos/ca-derno_filo.pdf. Acessado em 16/04/2014.

Questão de ética

- 1.** De acordo com o texto, responda: segundo Sartre, quais são as características do pensamento existencialista? Destaque o trecho do texto que responde a pergunta e, em seguida, apresente sua visão.

"O existencialista não crê no poder da paixão. Ele jamais pensará que uma bela paixão é uma corrente devastadora que fatalmente conduz o homem a certos atos e que, por consequência, é uma desculpa. Ele pensa que o homem é responsável por sua paixão. O existencialista não pensará, tampouco, que o homem possa encontrar socorro em um determinado signo que o oriente sobre a Terra, pois ele pensa que o próprio homem decifra o signo como lhe agradar. Ele pensa, portanto, que o homem, sem apoio e sem socorro, está condenado, a cada instante, a inventar o homem."

Resposta pessoal

- 2.** O que significa dizer: "O homem é o futuro do homem"?

De acordo com a tendência existencialista, o homem é o principal responsável por si e, consequentemente, pelos demais. Sendo assim, o futuro está sendo construído de acordo com o momento presente em sua conjuntura social e histórica, ou seja, cabe à humanidade a construção de si e do mundo a todo instante.

Anotações

Sugestão de Filme

O lado bom da vida

Diretor: David Russell

Por conta de algumas atitudes erradas que deixaram as pessoas de seu trabalho assustadas, Pat Solitano Jr. perdeu quase tudo na vida: sua casa, o emprego e o casamento. Depois de passar um tempo internado em um sanatório, ele acaba saindo de lá para voltar a morar com os pais. Decidido a reconstruir sua vida, ele acredita ser possível passar por cima de todos os problemas do passado recente e até reconquistar a ex-esposa. Embora seu temperamento ainda inspire cuidados, um casal amigo o convida para jantar e nesta noite ele conhece Tiffany, uma mulher também problemática que poderá provocar mudanças significativas em seus planos futuros.

Sugestão de leitura

O tempo do autoencontro

Autor: Rossandro Klinjey

Quem em sã consciência convida alguém para uma incursão no deserto? E quem se arrisca a tal aventura? E se o smartphone falhar? E se não encontrar fast food? E se o shopping center mais próximo estiver a milhares de quilômetros? Ficar sem rede social? Jamais! O convite não é do autor. Ele apenas aceitou e compartilha suas experiências e o crescimento que elas proporcionaram. Muitos, antes dele, aceitaram este convite: João Batista, Jesus, Paulo de Tarso, Buda, Krishna e milhares de anônimos. Agora é a sua vez. Permita-se este emocionante autoencontro!

Natureza x liberdade

- 3.** Qual é sua opinião sobre a situação na qual se encontra o jovem apresentado?

Resposta pessoal

- 4.** Analise o seguinte trecho:

“Assim, vindo me procurar, ele já sabia a resposta que eu daria, e eu só tinha uma a dar: você é livre, escolha, isto é, invente.”

Fazendo uma reflexão sobre sua vida, que invenção você faria para viver melhor e em comunidade?

Resposta pessoal

- 5.** Faça uma pesquisa sobre determinismo x existencialismo. E, em seguida, elabore um quadro esquemático em seu caderno de estudos. Atenção: não se esqueça de anotar as fontes, ou seja, as páginas consultadas.

Para refletir



OEA: “Brasil enfrenta contexto delicado para liberdade de expressão”

Relator da OEA, Edison Lanza afirma preocupação com repressão a protestos, vigilância na Internet e retirada dos mecanismos de autonomia da EBC.

Em agosto de 2015, o relator especial da Organização dos Estados Americanos (OEA) para a liberdade de expressão — o uruguai Edison Lanza — esteve no Brasil e, a convite da sociedade civil, se reuniu com diversas autoridades e ministros do Governo Federal.

Na época, o objetivo de Lanza era dialogar com o poder público brasileiro no sentido de promover políticas públicas de incentivo à diversidade e pluralidade na mídia brasileira.

A partir da escuta de demandas de organizações com o Intervozes e o Fórum Nacional pela Democratização da Comunicação (FNDC), Lanza colocou a relatoria especial da Comissão Interamericana de Direitos Humanos à disposição para contribuir no debate sobre um novo marco regulatório para as comunicações no País que democratizasse a liberdade de expressão no Brasil.

Pouco mais de um ano depois, Lanza volta ao País num contexto muito diferente para o exercício desse direito. Nesta segunda-feira, 26, ele participou em São Paulo de um debate sobre o estado da garantia da liberdade de expressão no Brasil e demonstrou preocupação com as ameaças em curso ao direito à palavra em nosso território.

"Estamos num contexto difícil e delicado para a democracia no Brasil, daí a importância de discutirmos o papel da liberdade de expressão para as democracias. A Convenção Americana de Direitos Humanos, as cartas e os princípios da OEA falam de uma democracia com pluralismo de **ideias**, com debate democrático e a garantia de um jornalismo livre e independente, não apenas uma democracia formal", explicou Edison Lanza.

Segundo o relator, a ausência de políticas de promoção à diversidade e pluralidade midiática é uma característica histórica do Brasil. Porém, a preocupação hoje é com a regressão de avanços obtidos no País no campo das comunicações. "O princípio da não regressão em matéria de direitos humanos também se aplica à liberdade de expressão", lembrou. [...]

Direito aos protestos e à privacidade

Outro tema que preocupa a relatoria da OEA é o avanço da repressão a protestos. A visita de Lanza ao País foi justamente para ouvir movimentos sociais e ativistas vítimas de repressão das forças de segurança em manifestações públicas.

O relator está preparando um informe temático da região sobre os protestos e veio ao Brasil para coletar casos específicos. Com o apoio da Artigo 19, organização internacional que trabalha com esse tema, já se reuniu em Brasília com movimentos de luta pela terra e, em São Paulo, com estudantes, mulheres e comunicadores que cobrem protestos e também são atingidos pela repressão policial.

"Protestos ganham força quando a população não encontra outra forma de interlocução com os governos. Para muitos grupos sociais, a proteção a essa forma de expressão é vital. E hoje vemos no Brasil uma série de obstáculos para a garantia do direito ao protesto, como a exigência de autorização prévia para as manifestações, o uso desproporcional da força — em vez de se facilitar o exercício desse direito —, a violência contra jornalistas, com a apreensão de equipamentos de trabalho e a vigilância das lideranças", afirmou Edison Lanza. [...]

"Hoje, mais do que nunca, é importante retomar a defesa dessa liberdade. Sem sua plena vigência, não há verdadeira democracia", concluiu Lanza.

Disponível em: <http://www.cartacapital.com.br/blogs/intervozes/oea-201cbrasil-enfrenta-contexto-delicado-para-liberdade-de-expressao201d>. Adaptado. Acessado em 20/09/2016.

? Questões para reflexão

1. Para você, o que é liberdade de expressão?
2. O que ela significa na prática?
3. A quem pertence o direito à liberdade de expressão?
4. Quais são as principais barreiras hoje à liberdade de expressão no Brasil?

Objetivos Pedagógicos

- Compreender a importância das chamadas **crises** no pensamento filosófico e na própria existência para o crescimento da sabedoria.
- Debater a relação entre o sentimento da angústia e a filosofia da existência.
- Questionar os desejos, as necessidades e as expectativas que compõem a busca pela felicidade.

Diálogo com o professor

Os conhecimentos prévios são os saberes ou as informações que temos guardando em nossa mente e que podemos acionar quando precisamos. Dito dessa forma, parece simples: temos informações disponíveis, que recuperamos quando queremos. No entanto, a situação é bem mais complexa do que isso. Primeiramente, precisamos pensar a respeito do funcionamento da memória. Sabemos que nem sempre é fácil acessar as informações. Tudo indica que não há compartimentos na mente onde as memórias são guardadas, mas há ativações neuronais que reconstroem as informações. Não precisamos entrar em detalhes relacionados ao funcionamento do cérebro, mas precisamos entender que não há “o *conhecimento prévio*, mas informações que podemos recuperar ou reconstruir com maior ou menor facilidade e informações que não recuperamos nem reconstruímos porque não temos dados para isso.

O que normalmente se chama de *conhecimento prévio na leitura* são as informações que se pressupõe que o leitor precisa ter para ler um texto sem muita dificuldade para **compreendê-**

Conhecimentos prévios

- Você já se perguntou por que existimos?
- O que você comprehende por **angústia** e **crise**?
- Você já entrou em crise?
- Quando você fica angustiado, o que você faz para melhorar?



Vamos dialogar!

Observe as imagens abaixo e converse com seu professor sobre a relação entre as fotos e o tema da unidade.



De cima para baixo da esquerda para direita: Lichtmeister, William Perugini, apibooz, Samuel Borges Photography/Shutterstock

Anotações

A Filosofia e sua crise

A palavra **crise** tem hoje vários sentidos, entre eles o de alteração brusca no curso de uma pessoa saudável ou doente (por exemplo: crise de asma, crise psicótica); o de ruptura de um equilíbrio (crise nervosa); o de um estado de dúvidas e incertezas (crise moral); o de tensão e conflito (crise política); o de complicação (crise diplomática); o de agravamento de uma situação (crise internacional); o de situação decisiva (crise dramática); e o de perturbação da ordem (crise social). A palavra, nos seus vários usos, guarda, ainda que de maneira suave, uma ambivalência que na sua origem é bem mais forte.

O termo é originado do verbo grego **krí-no**, que tem o sentido de **separar, triar, distinguir, arbitrar, escolher, decidir, julgar, apreciar, contestar, explicar e interpretar**. Assim, **krísis**, enquanto ato de separar, distinguir, escolher e interpretar, é inerente a toda atividade racional e caracteriza a ação própria

da razão na sua capacidade crítica. Assim, em todo pensamento, cada formulação racional inaugura uma atividade crítica que estabelece, ela mesma, uma crise: pensar é separar, julgar, interpretar. Em sua origem, a palavra traz a ambivalência daquela situação-limite de julgamento em que representa uma oportunidade, mas também um certo risco, pois, na atividade humana, não encontramos certezas absolutas em nosso julgamento.

Antes de ser uma atividade do pensamento, a crise, enquanto separação, delimitação, encontra-se, ela mesma, nas coisas. O mundo, este mundo que experimentamos e no qual vivemos, é composto de múltiplas realidades que estão separadasumas das outras, ao mesmo tempo que compartilham de um único espaço e tempo. A unidade de cada coisa, sua singularidade, faz com que cada realidade, limitada por seu próprio ser, esteja separada de tudo que não é ela mesma.

agsandrew/Shutterstock



No mesmo período do espaço e tempo, podemos viver diversas realidades separadas.

Sugestão de leitura ////

Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura
Autora: Ângela kleiman

A obra visa descrever vários aspectos que constituem a leitura, mostrando a complexidade do ato de compreender e a multiplicidade dos processos cognitivos que constituem a atividade em que o leitor se engaja para construir o sentido de um texto escrito.

Anotações

Fundamentação

Filosofia na Pedagogia e ação escolar

No mundo, que nos recebe para a existência, a Filosofia parece ser algo obsoleto. Raramente sobrevive às reformas dos cursos e currículos das graduações; com certa indiferença, consta nos currículos escolares de Ensino Médio. Na sua maioria, os filósofos, para fugir do desemprego e conseguir seu sustento, abraçam outras áreas do saber, renegando a Filosofia a segundo plano de aperfeiçoamento.

No entanto, a Filosofia serve e comanda tudo. Está presente em toda decisão e estratégia de ação. Ela torna-se onipresente. A Filosofia se manifesta ao ser humano como uma forma de entendimento que tanto propicia a compreensão de sua existência como lhe oferece um direcionamento para sua ação, um rumo para seguir ou, ao menos, para lutar por ele. Ela estabelece um quadro organizado e coerente de visão de mundo, sustentando uma proposição organizada e coerente de agir [...] A Filosofia não é, de modo algum, uma simples abstração independente da vida. Ela é, ao contrário, a própria manifestação da vida humana e a sua mais alta expressão. Traduz o sentir, o pensar e o agir do homem.

Evidentemente, o/a homem/mulher não se alimenta de Filosofia, mas, sem dúvida alguma, vive com a ajuda da Filosofia. Nesse sentido, prossegue o autor em referência, O que importa ter claro, por ora, é o fato de que a Filosofia nos envolve, não temos como fugir dela. Ela é como o ar que respiramos, está permanentemente presente. Se nós não escolhermos qual é a nossa filosofia, qual o sentido que vamos dar à nossa existência, a sociedade na qual vivemos nos dará, nos imporá sua filosofia. E, como se diz que o pensamento do setor dominante da sociedade tende a ser o dominante da própria sociedade, provavelmente aqueles que não buscam criticamente o sentido para sua



Pensemos no nosso nascimento. Não é, ele mesmo, uma crise, um separar-se? Em outras palavras, o vir a ser que observamos empiricamente é uma crise da qual temos ampla consciência. A gênese de cada coisa é um processo de crise no qual cada coisa, ao adquirir sua identidade, separa-se das demais, se tornando singular. Todas as coisas estão imersas numa crise profunda.

A crise é um impulso constitutivo da existência humana e da reflexão filosófica. É impensável o surgimento da Filosofia sem a crise da religiosidade grega; é impensável a democracia e a tragédia sem a crise da filosofia pré-socrática; é impensável Sócrates, Platão e mesmo Aristóteles sem os sofistas para desafiá-los. Pode parecer desolador que estejamos aqui afirmando que as coisas são como são e o que podemos fazer é responder a esse apelo da crise que nos interpela o tempo todo. Porém, as coisas não são tão ruins assim.

A vida do filósofo não é feita só de sofrimentos, angústias e tomadas de consciência de seus limites. O filósofo experimenta o prazer dentro do possível, sempre dentro do possível, o prazer da investigação intelectual, o gozo de compreender alguma coisa.

A Filosofia não é para os sábios nem para os ignorantes. Se nós filosofamos é porque, pouco a pouco, nos descobrimos homens, solitários, desprovidos de certezas, carentes, mas desejosos da consolação do saber. O filósofo, tal qual o amor (eros), é um intermediário: encontra-se entre o sábio e o ignorante. Sabe algo, ainda que seja só da sua própria ignorância, mas deseja a sabedoria, por isso filosofa. O filósofo é carência, desejo de sabedoria, mas também sentimentos amigáveis com relação ao saber; a Filosofia é a expressão mais nobre desse amor.

Disponível em: <http://www.ufpe.br/filosofia/images/pdf/a%20filosofia%20e%20sua%20crise.pdf>. Adaptado. Acessado em 29/04/2014.

existência assumirão esse pensamento dominante como o seu próprio pensamento, a sua filosofia. Quem não pensa é pensado! [...] a Filosofia, portanto, não é tão somente uma interpretação do já vivido e do que se está objetivando, mas também a interpretação do que está por vir, do que está para chegar. [...] É um instrumento de ação e uma arma política e, como tal, tem sido utilizada, em todos

os tempos, consciente ou inconscientemente. [...] é uma interpretação do mundo e é uma força de ação.

BECKER, Julci Stefano. Disponível em: <http://coral.ufsm.br/gpforma/2senafe/PDF/006e3.pdf>. Adaptado, acesso em 25/12/2016.

? Questão de ética

1. A palavra **crise** possui vários sentidos. Pense e busque definir os sentidos para as situações abaixo:

Sentido	Compreensão
Crise (doença)	Resposta pessoal
Crise (familiar)	Resposta pessoal
Crise (financeira)	Resposta pessoal
Crise (religiosa)	Resposta pessoal
Crise (afetiva)	Resposta pessoal

2. O que significa dizer que a crise “enquanto ato de separar, distinguir, escolher e interpretar é inerente a toda atividade racional e caracteriza a ação própria da razão na sua capacidade crítica”?

Significa que a crise é sempre uma ação que conduz a escolhas e, como tal, a cada escolha se permite deixar outras possibilidades. Por isso, através de uma ação racional, a todo instante, o homem é convidado a escolher e, de tal modo, torna-se uma atividade indispensável, isto é, inerente.

3. Pense e responda: por que a crise é algo constitutivo da existência humana e da reflexão filosófica?

Sugestão de resposta: Pode-se justificar que, sendo fruto racional, apenas o indivíduo humano pode usufruir de tal vivência. De igual maneira, a reflexão filosófica é sistêmica e busca analisar cada situação no seu conjunto, daí a riqueza de detalhes e de fundamentos.

Fundamentação

Hume: uma investigação sobre o entendimento humano

É universalmente admitido que há uma grande uniformidade nas ações dos homens em todas as nações e épocas e que a natureza humana ainda continua a mesma em seus princípios e suas operações. Os mesmos motivos sempre produzem as mesmas ações; os mesmos eventos seguem-se das mesmas causas. Ambição, avareza, interesse próprio, vaidade, amizade, generosidade, espírito público, essas paixões, mescladas em graus variados e distribuídas por toda a sociedade, têm sido desde o início do mundo, e ainda são, a fonte de todas as ações e todos os empreendimentos que já foram observados entre a humanidade.

A humanidade é tão semelhante em todas as épocas e todos os lugares que a história não nos revela nada novo ou estranho nesse aspecto. Sua principal utilidade é apenas revelar os princípios constantes e universais da natureza humana, mostrando os homens em todas as variedades de circunstâncias e situações e fornecendo materiais a partir dos quais podemos ordenar nossas observações e nos familiarizar com os motivos regulares da ação e do comportamento humanos. Esses registros de guerras, intrigas, sedições e revoltas são outras tantas coleções de experimentos pelos quais o político ou filósofo da moral fixa os princípios de sua ciência, da mesma maneira que o físico ou filósofo da natureza se familiariza com a natureza de plantas, minerais e outros objetos externos por meio dos experimentos que realiza sobre eles. E a terra, a água e outros elementos examinados por Aristóteles e Hipócrates se assemelham aos que estão presentemente dados à nossa observação, tanto quanto os homens descritos por Políbio e Tácito se assemelham aos que agora governam o mundo.

Se um viajante, retornando de um país distante, traz-nos um relato de homens completamente diferentes de to-

- 4.** As crises são facilmente resolvidas? Como você costuma lidar com elas?

Resposta pessoal

- 5.** Como você se sente após a vivência de alguma crise?

Resposta pessoal

Existencialismo: o homem está condenado a ser livre

Apesar de sua fama de pessimista, o existencialismo, na verdade, é apenas uma filosofia que não faz concessões: coloca sobre o homem toda a responsabilidade por suas ações.

O escritor, filósofo e dramaturgo francês Jean-Paul Sartre (1905–1980), maior expoente da filosofia existencialista, parte do seguinte princípio: **a existência precede a essência**. Com isso, quer dizer que o homem primeiro existe no mundo e, depois, realiza-se, **define-se** por meio de suas ações e pelo que faz com sua vida.

Somos os responsáveis por nossa existência

Eu não escolho nascer no Brasil ou nos Estados Unidos, pobre ou rico, branco ou preto, saudável ou doente: sou “jogado” no mundo. Existo. Mas o que eu faço de minha vida, o **significado** que dou à minha existência, é parte da liberdade da qual não posso me furtar. Posso ser escritor, poeta ou músico. No entanto, se sou bancário, esta é minha escolha, é parte do projeto que eliminou todas as outras possibilidades (escritor, poeta, músico) e concretizou uma única (bancário).



30

dos os que já conhecemos, homens inteiramente privados de avareza, ambição ou vingança, que não sentissem outros prazeres senão os da amizade, generosidade e espírito público, deveríamos imediatamente, por essas circunstâncias, detectar a falsidade e apontá-lo como mentiroso, com tanta certeza como se ele tivesse recheado sua narrativa com histórias de centauros e dragões, milagres e prodígios. E, se quisermos destruir qualquer

falsificação em história, não há argumento mais convincente do que provar que as ações atribuídas a uma pessoa qualquer são diretamente contrárias ao curso da natureza e que nenhuma motivação humana, em tais circunstâncias, jamais poderia induzi-la a tal conduta. A veracidade de Quinto Cúrcio é tão suspeita quando descreve a coragem sobrenatural de Alexandre, que o levava a atacar sozinho multidões, como

E, além disso, tenho total responsabilidade por aquilo que sou. Para o existencialista, não há desculpas. Não há Deus ou natureza a quem culpar por nosso fracasso. A liberdade é incondicional, e é isso que Sartre quer dizer quando afirma que estamos condenados a sermos livres: "Condenado porque não se criou a si próprio; e, no entanto, livre, porque, uma vez lançado ao mundo, é responsável por tudo quanto fizer". *O existentialismo é um humanismo*, 1973, p. 15.

Se o homem primeiro existe e depois se faz por suas ações, ele é um projeto — é aquele que se lança no futuro, nas suas possibilidades de realização. Isto é, o homem é responsável por suas ações. O que você acha disso? Justifique.

Resposta pessoal

Angústia e filosofia da existência

Em linhas gerais, podemos dizer que Kierkegaard considera a angústia como a **consequência** da liberdade. No entanto, a angústia também pode ser encontrada na inocência e na incerteza. Isso fica mais claro quando observamos a análise do filósofo sobre o conto que relata a queda de Adão. Como podemos constatar no livro Gênesis, Deus proíbe Adão de comer o fruto da maeira. Porém, Adão não conhece o mal, pois o mal só pode ser conhecido depois que o experimentamos.

Dessa forma, a personagem do Gênesis não comprehende as palavras do ser absoluto, e comprova-



Lilith tentando Adão e Eva no paraíso. Pintura de Rafael Sânzio (1483-1520).

quando descreve sua força e atividade sobrenaturais, que lhe permitiam enfrentar essas multidões. Reconhecemos uma uniformidade nos motivos e nas ações humanas de forma tão pronta e universal quanto nas operações dos corpos.

Daí, igualmente, o valor da experiência adquirida por uma longa vida e uma multiplicidade de ocupações e convivências para nos instruir quanto aos

princípios da natureza humana e regular tanto nossa conduta futura quanto nossa especulação. Por meio desse guia, ascendemos ao conhecimento das inclinações e motivações dos homens a partir de suas ações, expressões e, até mesmo, seus gestos; e, reciprocamente, descendemos à interpretação de suas ações a partir do conhecimento que temos de seus motivos e suas inclinações. As observações gerais, acumuladas no curso da experiência,

dão-nos a chave da natureza humana e nos ensinam a deslindar todas as suas complexidades. Pretextos e aparências não mais nos enganam, e declarações públicas são tomadas como o disfarce plausível de um certo interesse. E, embora se conceda à virtude e à honra seu apropriado peso e autoridade, esse perfeito desinteresse, tantas vezes alegado, jamais é esperado nas multidões e facções, raramente em seus líderes, e ainda mais raramente em indivíduos de qualquer categoria ou posição. Mas, se não houvesse uniformidade nas ações humanas, e se todo experimento realizado nesse campo fornecesse resultados irregulares e anômalos, seria impossível coletar quaisquer observações gerais acerca da humanidade, e nenhuma experiência, por mais acuradamente digerida pela reflexão, poderia servir a qualquer propósito. Por que o velho lavrador seria mais habilidoso em seu ofício que o jovem principiante, a não ser porque há certa uniformidade na operação do Sol, da chuva e da terra no que se refere à produção de vegetais e porque a experiência ensina ao velho praticante as regras pelas quais essa operação é governada e dirigida?

Não devemos, contudo, esperar que essa uniformidade das ações humanas chegue ao ponto de que todos os homens, nas mesmas circunstâncias, venham sempre a agir precisamente da mesma maneira, sem levar minimamente em consideração a diversidade dos caracteres, das predisposições e opiniões. Uma uniformidade desse tipo, em todos os detalhes, não se encontra em parte alguma da natureza. Ao contrário, ao observar a diversidade de condutas em diferentes homens, tornamo-nos capazes de moldar uma maior variedade de máximas, que continuam pressupondo algum grau de uniformidade e regularidade.

Se os costumes dos homens diferem em diferentes épocas e países, isso nos instrui sobre a grande força do hábito e da educação, que moldam a mente humana desde sua infância e lhe dão um

caráter fixo e determinado. Se os modos e a conduta de um dos sexos são bem diferentes dos de outro, isso nos familiariza com os diferentes caracteres que a natureza estampou sobre eles e que ela preserva com constância e regularidade. Se as ações de uma mesma pessoa se mostram muito distintas nos diversos períodos de sua vida, da infância à velhice, isso abre espaço para muitas observações gerais relativas à mudança gradual de nossos sentimentos e nossas inclinações e as diferentes máximas que prevalecem nas diferentes idades das criaturas humanas. Mesmo os caracteres, que são peculiares a cada indivíduo, exibem uma uniformidade em sua influência. Caso contrário, nossa familiaridade com as pessoas e nossas observações de sua conduta não poderiam jamais nos ensinar sobre suas disposições ou servir para dirigir nosso comportamento em relação a elas.

Concedo que seja possível descobrir algumas ações que não parecem ter nenhuma conexão regular com quaisquer motivos conhecidos e que são exceções a todos os padrões de conduta já estabelecidos para a direção dos homens. Mas, se quisermos saber quais julgamentos devem ser feitos sobre essas ações irregulares e extraordinárias, será útil considerar as opiniões comumente mantidas sobre os acontecimentos irregulares que surgem no curso da natureza e nas operações dos objetos externos. Nem todas as causas estão conjugadas com a mesma uniformidade a seus efeitos costumeiros. Um artífice que manipula apenas matéria inanimada pode ter seus objetivos frustrados tanto quanto um político que dirige a conduta de agentes razoáveis e inteligentes.

O vulgo, que toma as coisas tais como lhe aparecem à primeira vista, atribui a incerteza dos resultados a uma incerteza nas causas, que as priva **frequentemente** de sua influência habitual, embora não sofram impedimentos em

mos que Adão, [...] quanto ao que pode, não tem **ideia** alguma; de outro modo, estariamos — o que acontece habitualmente — a pressupor já a consequência, isto é, a diferença entre o bem e o mal", afirma Kierkegaard.

Adão não sabe que comer a maçã é desrespeitar Deus, dado que seu estado é de ignorância. Qualquer palavra que o ser supremo disser será ininteligível para Adão. Assim, Adão não sabe que comer a maçã é um ato proibido. Mais que isso, Adão não sabe o que é pecar. Não devemos esquecer que a personagem está em um estado de inocência, visto que desconhece o significado da palavra **pecado**.

Para que o indivíduo se torne culpado, ele deve primeiramente perder sua inocência. O filósofo demonstra essa relação quando diz que a inocência "[...] está presente sob a ignorância do indivíduo e se descobre quando este peca".

Quando o indivíduo comete o pecado e se torna, dessa maneira, culpado, então, nesse

momento, percebe que antes fora inocente e que nada fará com que ele retorne ao estado anterior. Ora, a inocência é ignorância, portanto não se sabe que está naquele estado.

Nesse sentido, encontraremos o surgimento do sentimento da angústia. A angústia será a resultante da inocência. Kierkegaard afirma que existe, no sentimento de angústia, uma falta de determinação, a relação que ainda não se estabeleceu ou o espírito que não se determinou. Tudo isso traz consigo a sensação de um vazio, um nada resultante da falta de algo determinado. A angústia guardará também uma **ambiguidade**. Como expressão da ignorância, a angústia surge em Adão no momento exato em que Deus faz a proibição.

Quando isso acontece, vemos que a personagem fica diante de sua ignorância, ele não entende o que Deus lhe diz. Adão tem diante de si mesmo o possível: fazer o que Deus manda ou não. Mas Adão não sabe o que



32

Cidadania Moral e Ética | 9º ano

sua operação. Mas os filósofos — ao observarem que, em quase todas as partes da natureza, está presente uma grande variedade de motivos e princípios que, por serem muito remotos ou diminutos, estão necessariamente ocultos — descobrem que é pelo menos possível que essa disparidade dos resultados proceda não de alguma contingência na causa, mas da operação secreta de causas contrárias. Essa possibilidade se converte em certe-

za quando, após um exame rigoroso, observações adicionais mostram que uma disparidade nos resultados revela sempre uma disparidade nas causas e decorre de sua mútua oposição. Um camponês não pode dar melhor explicação de por que um relógio **para** se não dizendo que ele não costuma funcionar bem; mas um artífice facilmente percebe que uma mesma força na mola ou no pêndulo tem sempre a mesma

Deus quer, a personagem é ignorante. Assim, notamos a angústia surgir em Adão, adquirindo um aspecto ambíguo que contém essa relação entre incerteza, liberdade e culpa.

Na angústia, encontramos a ambiguidade. Kierkegaard registra da seguinte maneira: "[...] a angústia é uma antipatia simpatizante e uma simpatia antipatizante". Isso porque na angústia o indivíduo não perdeu sua inocência, todavia também não é completamente inocente. Quando Deus proíbe Adão de comer o fruto, ele fica nesta situação totalmente incômoda: pode fazer algo, mas não sabe o que isso significa. Neste aspecto, a inocência aparece como uma coisa que foi perdida, visto que a liberdade mostra ao indivíduo que ele pode fazer algo e que este poder já é um conhecimento: consciência da liberdade. No entanto, a perda da inocência não se torna completa porque o indivíduo não sabe o que pode fazer.

A angústia aparece para Adão quando Deus o proíbe de comer a maçã. A **consequência** disso é o pecado, desrespeitar a ordem divina é pecar. A partir desse momento, podemos notar que Adão é livre para o pecado. O pecado pode-se estabelecer, tornar-se concreto. No entanto, a responsabilidade é do indivíduo, ou seja, a transformação da possibilidade para a realidade do pecado é realizada pelo indiví-

duo. Quando o homem toma consciência desse fato, então ele sentirá a angústia.

Esse sentimento se mostra intrinsecamente ligado à possibilidade. Como vimos, somente quando Adão está diante do possível, ele sentirá a angústia. Essa probabilidade surge depois da proibição divina. Existe aqui a liberdade, escolher entre comer a maçã ou não. A angústia religiosa é a angústia do indivíduo que tem a consciência da possibilidade de pecar. O pecado depende do indivíduo, e o gênio religioso tem a consciência desse fato. O gênio está diante de si, solitário, pois sabe que pecar é uma ação realizada por ele mesmo e, dessa forma, sente-se angustiado. Nesse sentido: "[...] voltando-se para o interior de si mesmo, o gênio religioso descobre a liberdade" (Kierkegaard). Ele sabe que pode desrespeitar os mandamentos de Deus, portanto teme a culpa e a si mesmo. Ele sabe que é livre, sabe que o destino não é importante e que só aquele livre-arbítrio pode o salvar ou o condenar. Assim, encontramos também a interioridade, pois vemos, nesse caso, o indivíduo tomando a consciência de si e a ineficácia da busca de algo exterior. É exatamente nesse ponto que surge a angústia no gênio religioso, visto que o indivíduo está só, não há onde se apoiar a não ser em si mesmo.

Disponível em: <http://www2.marilia.unesp.br/revistas/index.php/ric/article/viewFile/124/121>. Adaptado. Acessado em 29/04/2014.

ByungShutterstock



Cidadania Moral e Ética | 9º ano

33

influência sobre as engrenagens, embora possa falhar em produzir seu efeito costumeiro, em razão, talvez, de um grão de poeira que interrompe todo o movimento. Da observação de diversos casos paralelos, os filósofos extraem a máxima de que a conexão entre todas as causas e os efeitos é uniformemente necessária e que sua aparente incerteza, em alguns casos, deriva da secreta oposição de causas contrárias.

Assim, por exemplo, no corpo humano, quando os sintomas usuais de saúde ou doença frustram nossas expectativas, quando os remédios não operam com a eficácia costumeira, quando resultados irregulares decorrem de alguma causa particular, o filósofo e o médico não se surpreendem com isso nem jamais são tentados a negar a necessidade e uniformidade gerais desses princípios que dirigem a organização animal. Eles sabem

que um corpo humano é uma máquina imensamente complicada, que nele se ocultam muitos poderes secretos situados totalmente além de nossa compreensão, que ele frequentemente nos parecerá muito incerto em suas operações, e que, portanto, os resultados irregulares que se manifestam exteriormente não provam que as leis da natureza não estejam sendo obedecidas com a máxima regularidade em suas operações e determinações internas.

O filósofo, para ser consistente, deve aplicar o mesmo raciocínio às ações e volições de agentes dotados de inteligência. As resoluções mais irregulares e inesperadas dos seres humanos podem frequentemente ser explicadas por aqueles que conhecem cada detalhe particular de seu caráter e sua situação. Uma pessoa de gênio amável dá uma resposta irritada: mas é que ela tem dor de dente ou não almoçou. Um tipo vagaroso exibe uma vivacidade incomum em suas maneiras: é que um golpe de sorte subitamente o favoreceu. Ou mesmo quando uma ação, como algumas vezes ocorre, não pode ser particularmente explicada pela própria pessoa nem por outras, sabemos, em geral, que os caracteres dos homens apresentam um determinado grau de inconstância e irregularidade. Este, de certo modo, é o caráter constante da natureza humana, embora seja mais particularmente aplicável a algumas pessoas que não têm nenhuma regra fixa de conduta, mas procedem em um contínuo fluxo de capricho e inconstância. Os princípios e motivos internos podem operar de maneira uniforme apesar dessas aparentes irregularidades, assim como se supõe que os ventos, as chuvas, nuvens e outras variáveis do clima sejam governados por princípios estáveis, embora não facilmente discerníveis pela sagacidade e investigação humanas.

MARÇAL, Jairo (org.). Antologia de textos filosóficos. Curitiba: SEED – PR, 2009, p. 380–383.

Fundamentação

Sartre: o existentialismo é um humanismo

Uns e outros nos reprovam por ter negligenciado a natureza humana, por considerar que o homem está isolado, em grande parte, aliás, porque nós partimos, dizem os comunistas, da pura subjetividade, ou seja, do "eu penso" cartesiano, ou ainda, do momento em que o homem alcança a si mesmo em sua solidão, o que nos tornaria incapazes, **consequentemente**, de voltar à solidariedade com os homens que estão fora de mim e que eu não posso alcançar no cogito. E, do lado cristão, reprovam-nos por negar a realidade e a seriedade dos empreendimentos humanos, pois, se nós suprimirmos os mandamentos de Deus e os valores inscritos na eternidade, resta apenas a estrita gratuidade, cada um podendo fazer o que quiser e sendo incapaz, de seu ponto de vista, de condenar os pontos de vista e os atos dos outros.

Entendemos por existentialismo uma doutrina que torna a vida humana possível e que, por outro lado, declara que toda verdade e toda ação implicam um meio e uma subjetividade humana. Sabemos que a objeção essencial que nos fazem é por colocar a ênfase no lado mau da vida humana. Consequentemente, assimilam feira ao existentialismo; eis por que declararam que somos naturalistas; e, se somos naturalistas, espanta que assustemos e escandalizemos muito mais do que o naturalismo propriamente dito assusta ou escandaliza hoje em dia.

Conhecemos os lugares-comuns que podemos utilizar a esse respeito e que mostram sempre a mesma coisa: não se deve lutar contra os poderes estabelecidos, não se deve lutar contra a força, não se deve dar um passo maior que a perna, toda ação que não se insere em uma tradição é um romantismo, toda tentativa que não se apoia em uma experiência já feita é condenada ao fracasso; e a experiência mostra que os homens sempre decaem, que é preciso

? Questão de ética

1. O que você entende por **angústia**?

[Resposta pessoal](#)

2. Pense e evidencie:

a. aspectos negativos da angústia:

[Resposta pessoal](#)

b. aspectos positivos da angústia:

[Resposta pessoal](#)



3. Segundo o texto, o que significa dizer que o filósofo considera a angústia como a **consequência** do possível da liberdade?

A angústia existe a partir da necessidade de reflexão diante de uma postura pessoal, diante de uma decisão a ser tomada. Assim sendo, essa necessidade produz a angústia em função da circunstância comum de que toda escolha pressupõe alguma rejeição. Como se não fosse suficiente a necessidade de escolher, existem também as implicações morais e éticas que permeiam qualquer decisão a ser tomada diante da análise de um homem racional e consciente. Por isso, a necessidade evidencia a possibilidade de o indivíduo humano usufruir da liberdade de pensar, escolher e ser.

firmeza para detê-los, senão é a anarquia. Todavia, são as mesmas pessoas que repetem esses tristes provérbios que dizem: "como é humano", cada vez que se mostra a elas um ato mais ou menos repugnante, são elas que se deleitam com canções realistas, são essas pessoas que acusam o existentialismo de ser muito sombrio, a tal ponto que me pergunto se elas não o censuram não por seu pessimismo, mas, muito ao contrário, pelo seu otimismo.

A maioria das pessoas que utiliza essa palavra [existencialismo] ficaria bem embaraçada em justificá-la, pois, declara-se facilmente, hoje, que ela se tornou uma moda, que um músico ou um pintor é existentialista. No fundo, a palavra tomou hoje uma tal amplitude e uma tal extensão que ela não significa mais nada. Parece que, na falta de uma doutrina de vanguarda análoga ao surrealismo, as pessoas ávidas por es-

4. "Adão não sabe que comer a maçã é desrespeitar Deus, dado que seu estado é de ignorância." Pode-se dizer que a ignorância isenta o indivíduo humano de culpa?

Certamente, a culpa nasce diante da escolha errônea a partir da consciência. No entanto, ignorar a sabedoria na preferência de continuar na ignorância é uma omissão, e, desse modo, já se apresenta uma culpabilidade. É preciso observar a tendência religiosa, na qual, independentemente da consequência, o erro está na desobediência a Deus; no caso, comer o fruto da macieira. Vale salientar que toda filosofia é fruto de um tempo e uma circunstância histórica do pensador. Assim, cabe pensar também nas características e influências religiosas na filosofia de Kierkegaard.

5. O que você entendeu da afirmação abaixo?

A angústia é uma antipatia simpatizante e uma simpatia antipatizante.

Resposta pessoal

6. No texto, há a seguinte reflexão:

"A angústia aparece para Adão quando Deus o proíbe de comer a maçã. A **consequência** disso é o pecado; desrespeitar a ordem divina é pecar. A partir desse momento, podemos notar que Adão é livre para o pecado."

Você concorda ou discorda dessa afirmação? Por quê?

Resposta pessoal

cândalo e agitação se voltam para essa filosofia, que, aliás, nisso em nada pode ajudá-las; na realidade, é a doutrina menos escandalosa, mais austera; ela é estritamente destinada aos especialistas e aos filósofos. Entretanto, ela pode ser facilmente definida. O que torna as coisas complicadas é que há dois tipos de existencialista: o primeiro é cristão — entre eles, Jaspers e Gabriel Marcel, de confissão católica; e, de outro lado,

o existencialista ateu, entre os quais é preciso colocar Heidegger e também os existencialistas franceses.

O que eles têm em comum é simplesmente o fato de que consideram que a existência precede a essência, ou, se quiser, que é preciso partir da subjetividade. Que se deve entender por isso? Consideremos um objeto fabricado, como, por exemplo, um livro ou um corta-papel. Esse objeto foi fabricado por um artesão,

que se inspirou em um conceito; ele se referiu ao conceito de corta-papel e igualmente a uma técnica prévia de produção, que faz parte do conceito e que é, no fundo, uma receita. Assim, o corta-papel é, ao mesmo tempo, um objeto que se produz de certa maneira e que, de outro lado, tem uma utilidade definida, e não se pode supor um homem que produzisse um corta-papel sem saber para que tal objeto serviria. Diremos, portanto, que, no caso do corta-papel, a essência — isto é, o conjunto das receitas e das qualidades que permitem produzi-lo e defini-lo — precede a existência. Assim, a presença diante de mim de tal corta-papel ou de tal livro é determinada. Temos, aqui, uma visão técnica do mundo, na qual se pode dizer que a produção precede a existência.

Ao concebermos um Deus criador, esse Deus é identificado, na maioria das vezes, a um artesão superior; e qualquer que seja a doutrina que consideremos, quer se trate de uma doutrina como a de Descartes, quer se trate de uma doutrina como a de Leibniz, nós admitimos sempre que a vontade segue mais ou menos o entendimento ou, pelo menos, acompanha-o, e que Deus, quando cria, sabe precisamente o que cria. Assim, o conceito de homem, no espírito de Deus, é assimilável ao conceito de corta-papel, no espírito do artesão; e Deus produz o homem segundo técnicas e uma concepção, exatamente como o artesão fabrica um corta-papel segundo uma definição e uma técnica. Assim, o homem individual realiza certo conceito que está no entendimento divino. No século XVIII, o ateísmo dos filósofos suprime a noção de Deus; no entanto, não suprime a **ideia** de que a essência precede a existência. Nós encontramos essa ideia um pouco em toda parte: nós a encontramos em Diderot, em Voltaire e mesmo em Kant.

O homem possui uma natureza humana; essa natureza humana, que é o conceito humano, é encontrada em todos os homens, o que significa di-

zer que cada homem é um exemplo particular de um conceito universal, o homem. Em Kant, resulta dessa universalidade que o homem das florestas, o homem da natureza, tal como os burgueses, estão limitados à mesma definição e possuem as mesmas qualidades de base. Assim, mesmo aí, a essência do homem precede essa existência histórica que reencontramos na natureza.

O existentialismo ateu é mais coerente. Ele declara que, se Deus não existe, há pelo menos um ser em quem a existência precede a essência, um ser que existe antes de poder ser definido por algum conceito e que este ser é o homem, ou, como diz Heidegger, a realidade humana. Que significa dizer que a existência precede a essência? Significa que o homem primeiro existe, encontra-se, surge no mundo e que se define depois. O homem, tal como o existencialista o concebe, se não é definível, é porque, de início, ele não é nada. Ele só será em seguida, e será como se tiver feito. Assim, não há natureza humana, pois não há Deus para concebê-la. O homem é não apenas tal como ele se concebe, mas como ele se quer e como ele se concebe depois da existência, como ele se quer depois desse impulso para a existência, o homem nada mais é do que aquilo que ele faz de si mesmo. Tal é o primeiro princípio do existentialismo. É também o que se chama a subjetividade, e que nos reprovam sob esse mesmo nome. Mas, que queremos dizer com isso, senão que o homem tem mais dignidade que a pedra ou que a mesa? Pois nós queremos dizer que o homem primeiro existe, isto é, que ele é, de início, aquele que se lança para um porvir e que é consciente de se lançar no porvir.

O homem é, de início, um projeto que se vive subjetivamente, em vez de ser um musgo, uma podridão, uma couve-flor; nada existe antes desse projeto; nada está no céu inteligível, e o homem será aquilo que ele tiver projetado ser, não o que ele quiser ser. Pois o que entendemos vulgarmente por querer é

7. Escolha um colega de classe ou algum familiar e faça uma entrevista com ele. Em seguida, refletira sobre as respostas e, de modo sintético, faça um texto sobre a sua análise da entrevista.

Entrevista

- O que você entende por angústia?
- O que você faz para resolver suas angústias?
- A seu ver, compartilhar as angústias com alguém é uma boa solução? Por quê?
- A angústia é uma necessidade, doença ou estratégia para se conseguir algo?
- Que relação você observa entre angústia e liberdade?

Para refletir

Ansiedade na adolescência

Apesar de todo adolescente enfrentar episódios de ansiedade uma vez ou outra, alguns parecem ser mais ansiosos que a média.

A ansiedade é uma reação normal do organismo a qualquer situação de estresse, podendo ocorrer desde a realização de uma prova na escola até o ato de falar em público, marcar um encontro ou participar de uma competição. O problema começa quando a resposta a esse estresse se torna intensa a ponto de comprometer o desempenho ou o relacionamento com outras pessoas no dia a dia.

Além de ser uma reação normal, a ansiedade também pode ser considerada uma ferramenta útil. Por exemplo, ao estudar para um teste, um pouco de ansiedade pode ser o tempero que faltava para lhe fazer estudar com mais afinco. Entretanto, quando excessiva, ela pode prejudicar a capacidade de raciocínio.

Existem alguns sinais que sugerem que os níveis de ansiedade ultrapassaram os limites da normalidade. Os principais são:

- Você passa a ficar ansioso, preocupado ou assustado sem motivo aparente.



Olly/Shutterstock

uma decisão consciente e que é, para a maior parte de nós, posterior àquilo que fizemos de nós mesmos. Posso querer aderir a um partido, escrever um livro, casar-me, tudo isso é uma manifestação de uma escolha mais original, mais espontânea do que aquilo que chamamos vontade. Mas se, verdadeiramente, a existência precede a essência, o homem é responsável por aquilo que ele é. Assim, o primeiro passo do existentialismo é colocar todo

homem de posse daquilo que ele é e fazer cair sobre ele a responsabilidade total por sua existência. E, quando nós dizemos que o homem é responsável por si mesmo, não queremos dizer que o homem é responsável por sua estrita individualidade, mas que ele é responsável por todos os homens.

Há dois sentidos para a palavra *subjetivismo*: quer dizer, por um lado, "escolha do sujeito individual por si mesmo"

Anotações

- Você se preocupa demais com situações ou atividades rotineiras, como preparar uma refeição ou fazer um telefonema.
 - Você checa repetidamente se fez uma determinada coisa certa (ex.: volta várias vezes para ver se fechou a porta).
 - Você simplesmente tem ataques de pânico em certas situações corriqueiras (por exemplo: treme e sente náuseas ou vontade de desmaiar durante uma prova na escola).

Todos esses sintomas significam que, provavelmente, seu nível de ansiedade está além do normal.

Uma vez reconhecido o problema, é hora de descobrir como superá-lo. Em muitos casos, apenas admitir para si que uma determinada situação pode causar angústia excessiva e preparar-se antecipadamente para ela já pode ser o suficiente para liquidar o problema da ansiedade.

Algumas pessoas podem se beneficiar de técnicas simples de relaxamento. Por exemplo, para reduzir seus níveis de ansiedade, dedique diariamente um período de 20 minutos voltado para o relaxamento. Procure um lugar calmo, longe de outras distrações. Desligue o som do computador, das redes sociais e do telefone e sente-se em silêncio, o mais quieto possível, por 20 minutos. Mantenha o foco dos pensamentos naquele momento, eliminando da mente qualquer outra ideia capaz de desviar sua atenção. Enquanto medita dessa forma, procure perceber qual ou quais partes do seu corpo se encontram relaxadas ou tensas.

À medida que você for avançando na meditação, tente imaginar que cada pequeno músculo do seu corpo está se tornando relaxado e livre de tensões. Concentre-se em manter a respiração lenta e, a cada expiração, imagine seus músculos ainda mais relaxados — como se, a cada movimento respiratório, você exalasse a tensão para fora de si.

Findo o período de 20 minutos, procure sustentar o estado de serenidade por mais tempo. Após algumas semanas de prática diária, a maioria dos adolescentes é capaz de manter o relaxamento prolongado por várias horas, reduzindo significativamente os efeitos nocivos da ansiedade sobre sua vida.

Disponível em: <http://www.boasaude.com.br/artigos-de-saude/5366/-1/ansiedade-na-adolescencia.html>. Adaptado. Acessado em 18/10/2016.

Questões para reflexão

1. A partir de que ponto a ansiedade pode ser considerada excessiva?
 2. Quais são os tratamentos da ansiedade?
 3. Aprenda com suas emoções: o que lhe traz paz e o que lhe causa ansiedade?
 4. Além de meditar, o que você pode fazer para melhorar a ansiedade?

e, por outro, "impossibilidade para o homem de ultrapassar a subjetividade humana". É este segundo o sentido profundo do existencialismo. Quando afirmamos que o homem se escolhe a si mesmo, entendemos que cada um de nós se escolhe, mas queremos dizer também que, escolhendo-se, ele escolhe a todos os homens. De fato, não há um só de nossos atos que, criando o homem que queremos ser, não crie ao

mesmo tempo uma imagem do homem tal como estimamos que ele deva ser.

Escolher ser isto ou aquilo é afirmar, ao mesmo tempo, o valor daquilo que nós escolhemos, pois não podemos nunca escolher o mal; aquilo que escolhemos é sempre o bem, e nada pode ser bom para nós sem o ser para todos. Se, por outro lado, a existência precede a essência, e se nós queremos existir, ao mesmo tempo que moldamos nossa imagem, essa ima-

gem é válida para todos e para toda a nossa época. Assim, nossa responsabilidade é muito maior do que poderíamos supor, pois ela engaja a humanidade inteira. Se eu sou um operário e se escolho aderir a um sindicato cristão em vez de ser comunista; se, por essa adesão, eu quero indicar que a resignação é, no fundo, a solução que convém ao homem, que o reino do homem não é sobre a Terra, eu não estou engajando apenas a mim mesmo: eu quero ser resignado por todos; por **consequência**, minha decisão engaja toda a humanidade. E se eu quiser, fato mais individual ainda, casar-me, ter filhos, ainda que esse casamento dependa unicamente de minha situação, ou de minha paixão, ou de meu desejo, com ele eu engajo não apenas a mim mesmo, mas toda a humanidade no caminho da monogamia. Assim, eu sou responsável por mim mesmo e por todos e eu crio certa imagem do homem que eu escolhi; escolhendo-me, eu escolho o homem.

MARÇAL, Jairo (org.). *Antologia de textos filosóficos*. Curitiba: SFFD – PR, 2009. Pág. 616–621.

Sugestão de ● Abordagem ●

A música *Metamorfose Ambulante*, de Raul Seixas é uma das peças musicais mais interessantes para se trabalhar a temática do existentialismo. Seria interessante levar essa música para a sala de aula e desenvolver um debate com as **ideias** de Sartre sobre existência e essência.

Para realizar a atividade é importante que os alunos se sintam incluídos nos processos de análise da música e, com isso, consigam relacioná-la ao que é apresentado sobre o existentialismo, aqui especialmente pautado nas ideias de Jean-Paul Sartre.

O objetivo é que os alunos apreendam os conceitos de liberdade, de autonomia, de escolhas próprias, para isso é preciso instigá-los a pensar por conta própria, por isso não devemos impor o conteúdo, mas oferecer aquilo que já está dito e escrito e a partir daí eles possam fazer suas avaliações sobre o tema.

Questões propostas:

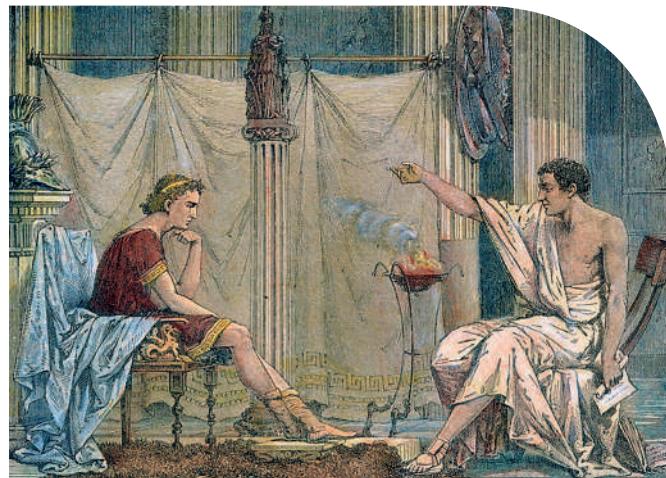
- Como podemos relacionar o existentialismo de Sartre e a música *Metamorfose ambulante*, de Raul Seixas?
- Como podemos compreender a frase de Sartre que diz que o "homem é o que ele faz com o que fizera dele".
- O que constrói (ou deve construir) a essência do Ser?

Felicidade e filosofia da existência

Desde a Antiguidade, muitos filósofos consideraram a felicidade como o fim último da vida humana. Muitos foram os tratados sobre o que é a felicidade, sobre os caminhos para encontrá-la. Somos felizes? Em que consiste a felicidade?

Aristóteles inicia o livro I de *Ética a Nicômaco* discorrendo sobre a finalidade das ações

que praticamos: "Se há, então, para as ações que praticamos, alguma finalidade que desejamos por si mesma, sendo tudo mais desejado por causa dela, e se não escolhemos tudo por causa de algo mais, evidentemente tal finalidade deve ser o bem e o melhor dos bens. Não terá então uma grande influência sobre a vida o conhecimento desse bem?".



Aristóteles ensinando a Alexandre, o Grande. Gravura de Charles Laplante.

Epicuro, em *Carta sobre a felicidade*, afirma que "o prazer é o início e o fim de uma vida feliz", mas faz uma ressalva: quando dizemos que o fim último é o prazer, não nos referimos aos prazeres dos intemperantes ou aos que consistem no gozo dos sentidos, como acreditam certas pessoas que ignoram nosso pensamento, ou não concordam com ele, ou o interpretam erroneamente, mas ao prazer que é a ausência de sofrimentos e de perturbações da alma. Não são, pois, bebidas nem banquetes contínuos, nem a posse de mulheres e rapazes, nem o sabor dos peixes ou das outras iguarias de uma

mesa farta que tornam doce uma vida, mas um exame cuidadoso que investigue as causas de toda escolha e de toda rejeição e que remova as opiniões falsas em virtude das quais uma imensa perturbação toma conta dos espíritos.

Se observarmos nosso modo de vida hoje, veremos o quanto investimos na busca da felicidade, na ausência do sofrimento, na anestesia para as dores da existência. Ser feliz é, muitas vezes, uma **ideia** associada a modelos previamente estabelecidos por nossa sociedade: o consumo desenfreado, a posse de objetos, dinheiro, fama, poder, *status*. Quan-

Anotações

to mais temos, mais tememos perder. Quanto menos temos, mais infelizes parecemos ser diante desse modelo. Necessitamos atingir os parâmetros estipulados por um modelo econômico/social? Nossa felicidade se resume a quanto podemos gastar? E quando não temos recursos para gastar? E quando gastamos muito e, ainda assim, não atingimos o que considerávamos ser um estado de felicidade?

Há uma forte tendência atual a buscar a felicidade em drogas ou medicamentos. Anestesias para os problemas da existência, felicidade artificial, encontrada em drogas lícitas ou ilícitas. Necessitamos desses recursos? Se minha infelicidade é fruto de um problema que não resolvi, uma droga que provoque um estado de torpor ou de felicidade artificial resolvêrá o problema?

Este é o movimento de muitas pessoas hoje: buscam entorpecer-se para esquecer o que lhes traz sofrimento, o que lhes perturba a existência. Com isso, deixam de lado os problemas, que ali permanecem, exigindo doses cada vez maiores das drogas; somente assim

conseguem não enxergar o que as perturba. Quando as dores se tornam insuportáveis, uma opção, muitas vezes, é desistir. Assumir o fracasso da existência e esperar, com a derrota, a morte.

Das muitas formas de morte, aquela que faz os dias parecerem sem fim, aquela que nos impede de ser o que somos, a morte em vida, é extremamente dolorosa. Então, mas alguns medicamentos para suportar a espera do fim. É preciso viver dessa maneira? Alguém opta, livremente, por essa forma de existência?

Poderia ser um caminho mais adequado buscar formas para solucionar as questões que nos incomodam, ainda que isso implique algum transtorno, um pouco de sofrimento, algumas dores? Talvez seja dolorido afastar os erros, os enganos, as falsas opiniões. Talvez seja triste descobrir que algumas coisas não são como pensávamos que fossem. Mais triste talvez seja perceber que o que escolhemos como caminho não é bem como imaginávamos ser. O que fazer diante de situações dessa natureza? Como produzir vida em nós?

Marijan Apostolovic/Shutterstock



Fundamentação

Por uma prática escolar eficaz

[...] não há dúvida de que é necessário e possível “ensinar a pensar” e de que o espaço adequado para isso é precisamente o ambiente escolar. [...] a título de sugestão, listamos a seguir uma série de operações que, inseridas nas atividades de produção textual oral ou escrita, poderão atuar como estratégias de treinamento sistemático para disciplinar o raciocínio, organizar e ordenar as **ideias**.

a) Conceituação / caracterização / finalidade:

- Definir ou conceituar seres concretos e abstratos.
- Trabalhar com palavras que envolvam conceitos polêmicos.
- Dar a finalidade de diversos seres, abstratos ou concretos, indicando outros que o substituam.
- Descobrir as características de objetos, inclusive em cada um dos campos sensoriais.
- Identificar objetos pelas suas características.

b) Analogia:

- Indicar semelhanças e diferenças entre seres, objetos, ações, estados, etc.
- Relacionar detalhes que permitam distinguir pessoas somente pelo comportamento.
- Justificar escolhas pelo “método da autoridade”.

c) Relações entre as ideias:

- Causa / **consequência** / conclusão: produzir enunciados, estabelecendo as relações acima.
- Concatenação de ideias: formar discursos lógicos, juntando dados soltos.
- Ordenação de ideias / **sequência lógica**: ordenar fatos em sequência lógica, descrever sequência lógica das ações.

d) O geral e o específico:

- Distinguir partes de um todo.
- Redistribuir conceitos, partindo do



Joshua Reancy/Shutterstock

Há quem não queira ser feliz? Lembro de Elizandra, uma moça que atendi que se revoltava toda vez que alguém perguntava a ela se fazia terapia porque buscava a felicidade. Elizandra não queria, e não quer, ser feliz. “Ser feliz”, diz ela, “em uma sociedade como a nossa, em que se morre de fome e de miséria, em que se vê a violência a toda hora, em cada esquina, é ser alienado. Eu não quero ser alienada. Prefiro morrer a ser feliz dessa maneira. Minha infelicidade me faz buscar, incessantemente, formas de transformar a sociedade”. Elizandra **envolve-se** constantemente em ações sociais, tentando encontrar formas de transformar o quadro de violência e miséria em que vivemos. Assim ela se sente bem, mas não feliz, pois, para ela, se estivesse feliz, não precisaria mais buscar.

Seria Elizandra louca por não querer a felicidade? Ou seria doentio o modo de ser que encontra felicidade gastando no *shopping*? Como distinguir entre uma “loucura” a ser condita ou uma inquietação criativa, necessária à

construção da pessoa? Até que ponto a busca por “restabelecer a normalidade” não é um impedimento, um entrave à construção de um modo de ser singular? Poderia um tratamento que pretende “restabelecer a normalidade” transformar-se em um processo de alienação, acomodando as inquietações e adaptando a pessoa a um modo de ser construído socialmente? Até que ponto esse modo de ser é saudável?

“A felicidade consiste em ser o que se é”, afirma Erasmo de Rotterdam em *Elogio da Loucura*. Conhecer e respeitar aquilo que somos, as nossas necessidades, encontrar modos para exercer o que somos, pode ser um caminho saudável para a existência. Distante de padrões estipulados socialmente, longe da hipocrisia social que exige a anulação do que se é como forma de ser, podemos valorizar tudo o que produz vida em nós.

Disponível em: http://www2.uol.com.br/vyaestelar/filosofia_felicidade.htm. Adaptado. Acessado em 30/04/2014.

40

Cidadania Moral e Ética | 9º ano

mais específico para o mais geral ou vice-versa.

- Aumentar progressivamente o enfoque de um dado quadro.
- Diminuir progressivamente o enfoque de um determinado quadro.

e) Análise:

- Analisar temas, com base em roteiros de operações lógicas.
- Definição (tentar definir o tema, inclu-

sive com citações, exemplos, provérbios, etc.).

[...]

Conhecimento e criatividade: “gêmeos siameses” no ato de Aprender

“O importante é saber que a única maneira para se criar é se informar. Toda e qualquer atividade humana baseada em conhecimentos e projetada

? | Questão de ética

- 1.** Pense nas várias circunstâncias da vida e elabore um conceito de felicidade.

Resposta pessoal

- 2.** Dê exemplos de felicidade duradoura e felicidade momentânea.

Resposta pessoal

- 3.** Para você, é possível encontrar felicidade ou construir a felicidade? Justifique sua resposta.

Resposta pessoal

- 4.** Segundo o texto, a felicidade sempre foi alvo de investigação na história da Filosofia. Releia o texto e apresente o pensamento de cada concepção de acordo com os filósofos abaixo:

Aristóteles:

Se há, então, para as ações que praticamos, alguma finalidade que desejamos por si mesma, sendo tudo mais desejado por causa dela, e se não escolhemos tudo por causa de algo mais, evidentemente tal finalidade deve ser o bem e o melhor dos bens.

Epicure:

Quando dizemos que o fim último é o prazer, não nos referimos aos prazeres dos intemperantes ou aos que consistem no gozo dos sentidos, como acreditam certas pessoas que ignoram nosso pensamento, ou não concordam com ele, ou o interpretam erroneamente, mas ao prazer que é a ausência de sofrimentos e de perturbações da alma.

Cidadania Moral e Ética | 9º ano

41

no devir é necessária e essencialmente criativa. Aliás, para Vygotsky, a relação entre imaginação e realidade é indispensável, havendo quatro formas de se combiná-las no ato da criação:

- a) Todos os elementos combinados provêm da realidade direta (experiência anterior), já que a fantasia se apoia na memória.
 - b) Os elementos combinados provêm

não da realidade direta, mas de elementos da realidade já elaborados e modificados pela imaginação, graças à experiência alheia ou social.

- c) Os sentimentos influem na imaginação, e, reciprocamente, a fantasia influem nossos sentimentos (lei da dupla expressão emocional da realidade).

- d) Embora não se ajustem a nenhum modelo existente na realidade, os elementos combinados, movidos apenas

pelos sentimentos e pelo pensamento, devem refletir a mais “convincente” realidade (verdade interna dos elementos combinados).

Fonte: LIMA, Maria Conceição Alves de. *Textualidade e ensino: Os aspectos lógico-semântico-cognitivos da linguagem e o desempenho discursivo escolar*. São Paulo: Editora Unesp, 2006, pp. 139, 140, 157. Adaptado.

Fundamentação

Os quatro pilares da educação

Aprender a conhecer

Essa aprendizagem se refere à aquisição dos “instrumentos do conhecimento”, desenvolvendo nos alunos o raciocínio lógico, a capacidade de compreensão, os pensamentos dedutivo e intuitivo e a memória. O importante é não apenas despertar nos estudantes esses instrumentos, como também motivá-los a desenvolverem sua vontade de aprender e querer saber mais e melhor. Pretende-se, assim, despertar em cada aluno a sede do conhecimento, a capacidade de pesquisar cada vez melhor e a vontade de desenvolver dispositivos e competências intelectuais que lhes permitem construir suas próprias opiniões e seu pensamento crítico. [...]

Aprender a fazer

Saber fazer ou dominar competências não se separa de aprender a conhecer, mas confere ao aluno uma formação técnico-profissional em que aplicará na prática seus conhecimentos teóricos. É essencial que cada indivíduo saiba se comunicar por meio de diferentes linguagens, assim como interpretar e selecionar, na torrente de informações que recebe, quais são essenciais e quais podem ajudar a refazer opiniões e ser aplicadas na maneira de se viver e de redescobrir o tempo e o mundo. [...]

Aprender a viver com os outros

Esse domínio da aprendizagem atua no campo das atitudes e dos valores e envolve uma consciência e ações contra o preconceito e as rivalidades diárias que se apresentam no desafio de viver. Apostar na educação como veículo de tolerância e da compreensão do outro, ferramentas essenciais para a construção da paz. [...]

Aprender a ser

Essa aprendizagem depende das outras três, e, dessa forma, a educação deve propor, como uma de suas finalidades essenciais, o desenvolvimento total do indivíduo, espírito e corpo, sensibilidade, sentido estético, responsabilidade pessoal e espiritualidade. A educação de

5. Escolha uma das concepções filosóficas abordadas na questão anterior e elabore um comentário explicando-a.

[Resposta pessoal](#)

6. No decorrer do texto, a autora faz vários questionamentos. Reflita e busque apresentar uma solução para cada um deles: [Resposta pessoal](#)

- a. Seria doentio o modo de ser de quem encontra felicidade gastando no *shopping*?
- b. Como distinguir entre uma “loucura” a ser contida ou uma inquietação criativa, necessária à construção da pessoa?
- c. Até que ponto a busca por “restabelecer a normalidade” não é um impedimento, um entrave à construção de um modo de ser singular?
- d. Poderia um tratamento que pretende “restabelecer a normalidade” transformar-se em um processo de alienação, acomodando as inquietações e adaptando a pessoa a um modo de ser construído socialmente?
- e. Até que ponto esse modo de ser é saudável?

7. Para você, Elizandra é louca por não querer a felicidade?

[Resposta pessoal](#)

42

Cidadania Moral e Ética | 9º ano

valores e atitudes não pode ser restrita a uma ou outra disciplina em algum momento do planejamento docente, mas um pensamento constante de se formarem alunos autônomos e capazes de estabelecer relações interpessoais, de se comunicar plenamente e de intervir de forma consciente e proativa na sociedade. [...]

ANTUNES, Celso. *Na sala de aula*. Petrópolis: Vozes, 2012, pp. 476, 477.

Anotações

Para refletir

Quanto maiores a dor e a tristeza, maior será a felicidade que os aguarda

É natural ter problemas, cometer erros e sentir-se arrependido. O importante é não ser derrotado. Em meio às suas preocupações e lutas, sempre olhem para frente e avancem.

Mesmo que sofram desapontamentos e reviravoltas, continuem avançando e não sejam derrotados. Se vocês tiverem essa forte determinação no coração, já estarão a meio caminho da vitória.

A felicidade ou infelicidade de uma pessoa não depende de suas posses materiais. Mesmo uma família rica e aparentemente invejável pode estar enfrentando algum problema sério que não seja evidente para os outros.

Quanto maiores a dor e a tristeza, maior será a felicidade que os aguarda. Uma existência digna de respeito é levar a felicidade e o bem-estar aos seus semelhantes.

Não sejam do tipo de gente mesquinha que depende sempre de alguém, que empurra a responsabilidade para os outros ou que espera que alguém faça algo por você. Se vocês se permitirem tornarem-se pessoas negativistas e queixosas, sempre inclinados à inveja e ao desprezo, o sol de sua vida nunca poderá brilhar através das nuvens pesadas que o obscurecem.

Sejam quais forem os obstáculos, usem-nos como um trampolim para seu crescimento e continuem a avançar com coragem, enfrentando todas as dificuldades. Por favor, continuem avançando com firmeza e tenacidade.

Não percam a esperança nem se desesperem por questões passageiras. A vida é longa. Mesmo que se sintam angustiados com os problemas, mesmo que tenham cometido alguns erros ou que tenham algo do que se arrepender, ainda têm todo o futuro pela frente. Não se tornem pessoas pobres de espírito que se desmoronam facilmente diante das dificuldades.

Disponível em: <https://verdadeirobudismo.wordpress.com/2010/11/23/quanto-maiores-a-dor-e-a-tristeza-maior-sera-a-felicidade-que-os-aguarda/>. Acessado em 10/10/2016.

Questões para reflexão

1. Quais são os fatores determinantes para ter uma vida em paz?
2. Você consegue superar os obstáculos da vida?
3. Quando há um erro cometido, você **para** e reflete sobre o acontecimento?
4. Você considera fatores como vida familiar, convívio escolar e a existência de um grupo de amigos próximos como realmente importantes?



Anotações

Diálogo com o professor

Outros pensadores existencialistas para se desenvolver uma pesquisa com os alunos:

Desde **Sócrates** (470 a.C.-399 a.C), muitos filósofos refletiram sobre a existência humana, passando pelos **estoicos**, **Santo Agostinho** (354-430), **Blaise Pascal** (1623-1662), **Friedrich Nietzsche** (1844-1900) e **Henri Bergson** (1859-1941), mas nem por isso podem ser chamados de filósofos existencialistas.

Mesmo entre os pensadores alinhados às doutrinas da existência, encontram-se posições diversas que vão do chamado existencialismo cristão, representado pelo dinamarquês **Søren Kierkegaard** (1813-1855) — considerado o precursor do movimento —, o francês **Gabriel Marcel** (1889-1973) e o alemão **Karl Jaspers** (1883-1969), até o existencialismo ateu, do próprio Sartre, do filósofo alemão **Martin Heidegger** (1889-1976) e dos escritores franceses **Albert Camus** (1913-1960) e **Simone de Beauvoir** (1908-1986).

Fundamentação

Adolescência e ansiedade

A adolescência é um período de transição entre a infância e o estado adulto, onde o jovem procura um sentido para a vida, experimenta e confronta-se com tarefas essenciais à formação da sua identidade e à construção da sua autonomia. A par deste caminho, a puberdade faz surgir um conjunto de transformações físicas, de sentimentos e de pulsões sexuais que exigem de si reajustamentos e adaptações. E, por isso, muitas vezes este é um percurso complicado, cheio de dúvidas, inseguranças e questões que, quando não encontram as respostas adequadas, geram angústias e agitações — razões básicas para o aparecimento de distúrbios ansiosos na adolescência.

Deste modo, a adolescência afigura-se como um período da vida onde a ansiedade patológica ocorre com frequência,

Carta sobre a felicidade (a Meneceu)

Que ninguém hesite em se dedicar à Filosofia enquanto jovem nem se canse de fazê-lo depois de velho, porque ninguém jamais é demasiado jovem ou demasiado velho para alcançar a saúde do espírito. afirmar que a hora de Filosofar ainda não chegou ou já passou é a mesma coisa que dizer que a hora de ser feliz não chegou ou já passou. Desse modo, a Filosofia é útil tanto ao jovem quanto ao velho: para quem está envelhecendo sentir-se rejuvenescer através da grata recordação das coisas que já se foram, e para o jovem poder envelhecer sem sentir medo das coisas que estão por vir. É necessário, portanto, cuidar das coisas que trazem a felicidade, já que, estando com a sua presença, tudo temos, e, sem ela, tudo fazemos para alcançá-la. Pratica e cultiva então aqueles ensinamentos que sempre te transmitem, na certeza de que eles constituem os elementos fundamentais para uma vida feliz.

Em primeiro lugar, considerando a divindade como um ente imortal e bem-aventurado, como sugere a percepção comum de divindade, não atribua a ela nada que seja incompatível com a sua imortalidade nem inadequado à sua bem-aventurança; pensa a respeito dela tudo que for capaz de conservar-lhe felicidade e imortalidade.

Os deuses, de fato, existem, e é evidente o conhecimento que temos deles; já a imagem que deles faz a maioria das pessoas, esta não existe: as pessoas não costumam preservar a noção que têm dos deuses, ímpio não é quem rejeita os deuses em que a maioria crê, mas, sim, quem atribui aos deuses os falsos juízos dessa maioria. Com efeito, os juízos do povo a respeito dos deuses não se baseiam em noções inatas, mas em opiniões falsas. Daí a crença de que eles causam os maiores malefícios aos maus e os maiores benefícios aos bons. Irmados pelas suas próprias virtudes,

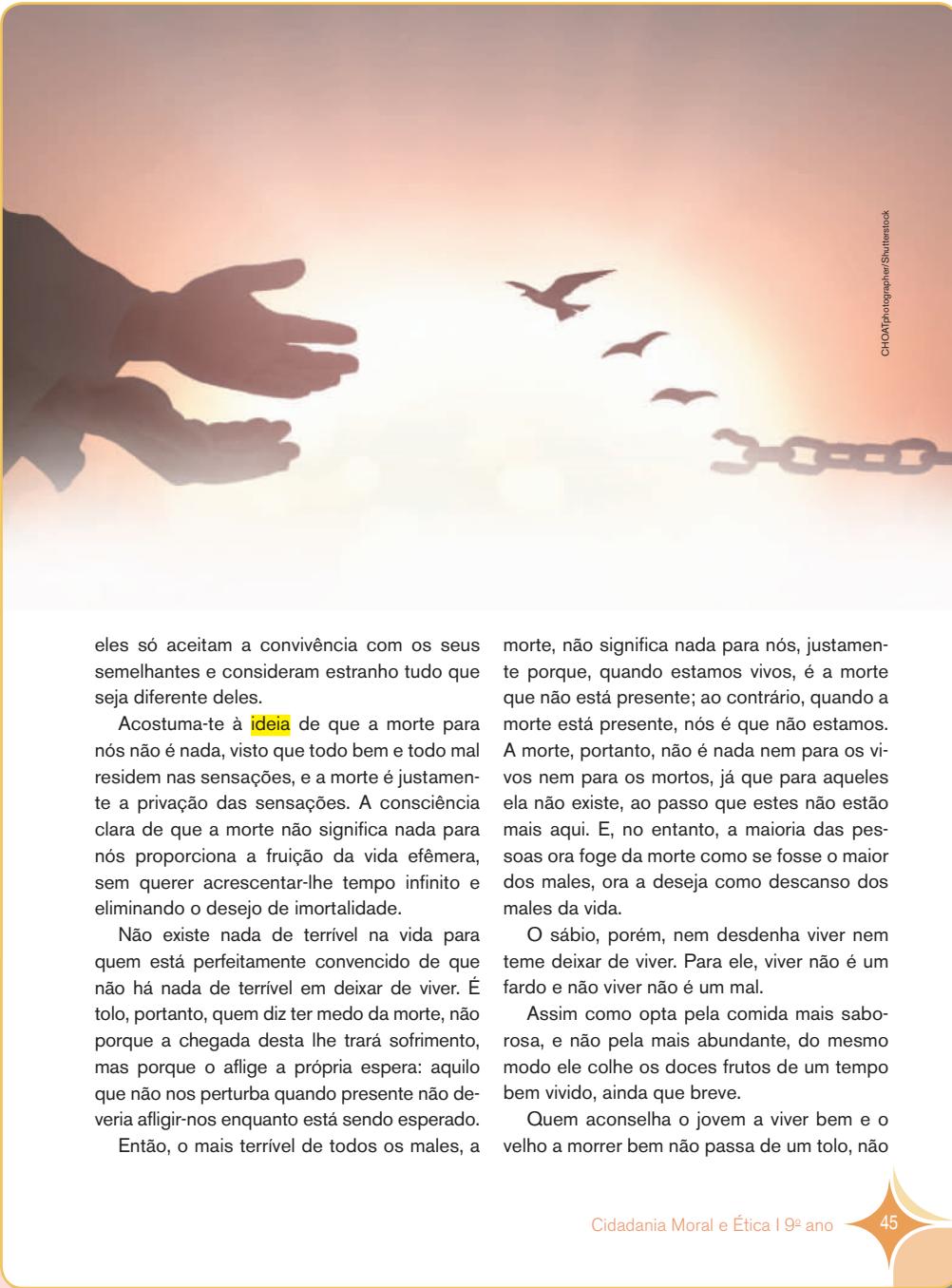


começando muitas vezes a estruturar-se nesta idade para o resto da vida. Falamos, então, de ansiedade patológica quando os seus sintomas provocam mal-estar e interfrem com o ajustamento social, profissional, familiar e/ou escolar da pessoa que a sofre.

Na adolescência, é comum encontrarmos jovens estudantes com altos níveis de ansiedade que perturbam a concentração e a memória, conduzindo depois a dificuldades e ao insucesso escolar. O medo da morte

também pode manter-se como parte da angústia existencial de alguns adolescentes, revelando níveis de ansiedade que provocam a desestruturação do comportamento. Ou o evitamento de situações sociais que levam o jovem a isolá-lo cada vez mais pode conduzir ao desenvolvimento de uma fobia social.

São várias causas que podem desencadear o que podemos chamar de "medo sem sentido": "[...] um medo que se ali-



eles só aceitam a convivência com os seus semelhantes e consideram estranho tudo que seja diferente deles.

Acostuma-te à **ideia** de que a morte para nós não é nada, visto que todo bem e todo mal residem nas sensações, e a morte é justamente a privação das sensações. A consciência clara de que a morte não significa nada para nós proporciona a fruição da vida efêmera, sem querer acrescentar-lhe tempo infinito e eliminando o desejo de imortalidade.

Não existe nada de terrível na vida para quem está perfeitamente convencido de que não há nada de terrível em deixar de viver. É tolo, portanto, quem diz ter medo da morte, não porque a chegada desta lhe trará sofrimento, mas porque o aflige a própria espera: aquilo que não nos perturba quando presente não deveria aflijir-nos enquanto está sendo esperado.

Então, o mais terrível de todos os males, a

morte, não significa nada para nós, justamente porque, quando estamos vivos, é a morte que não está presente; ao contrário, quando a morte está presente, nós é que não estamos. A morte, portanto, não é nada nem para os vivos nem para os mortos, já que para aqueles ela não existe, ao passo que estes não estão mais aqui. E, no entanto, a maioria das pessoas ora foge da morte como se fosse o maior dos males, ora a deseja como descanso dos males da vida.

O sábio, porém, nem desdenha viver nem teme deixar de viver. Para ele, viver não é um fardo e não viver não é um mal.

Assim como opta pela comida mais saborosa, e não pela mais abundante, do mesmo modo ele colhe os doces frutos de um tempo bem vivido, ainda que breve.

Quem aconselha o jovem a viver bem e o velho a morrer bem não passa de um tolo, não

menta do medo que o medo é – uma incerteza, uma angústia". A adolescência é, pois, um terreno fértil para o seu apacimento, sendo importante proporcionar aos jovens as ferramentas necessárias para a sua resolução, para que a ansiedade não permaneça nas suas vidas enquanto fator incapacitante.

Disponível em: <http://oficinadeepsicologia.com/adolescencia-e-ansiedade>. Adaptado. Acesso em 23/12/2016.

Anotações

só pelo que a vida tem de desagradável para ambos, mas também porque se deve ter exatamente o mesmo cuidado em honestamente viver e em honestamente morrer. Mas pior ainda é aquele que diz: bom seria não ter nascido, mas, uma vez nascido, transpor o mais depressa possível as portas do Hades.

Se ele diz isso com plena convicção, por que não se vai desta vida? Pois é livre para fazê-lo, se for esse realmente seu desejo; mas, se o disse por brincadeira, foi um frívolo em falar de coisas que brincadeiras não admitem.

Nunca devemos nos esquecer de que o futuro não é nem totalmente nosso nem totalmente não nosso, para não sermos obrigados a esperá-lo como se estivesse por vir com toda a certeza nem nos desesperarmos como se não estivesse por vir jamais.

Consideremos também que, dentre os desejos, há os que são naturais e os que são

inúteis. Dentre os naturais, há uns que são necessários; e outros, apenas naturais. Dentre os necessários, há alguns que são fundamentais para a felicidade; outros, para o bem-estar corporal; outros, ainda, para a própria vida. E o conhecimento seguro dos desejos leva a direcionar toda escolha e toda recusa para a saúde do corpo e para a serenidade do espírito, visto que esta é a finalidade da vida feliz: em razão desse fim, praticamos todas as nossas ações para nos afastarmos da dor e do medo.

Uma vez que tenhamos atingido esse estado, toda a tempestade da alma se aplaca, e o ser vivo, não tendo que ir em busca de algo que lhe falta nem procurar outra coisa a não ser o bem da alma e do corpo, estará satisfeito. De fato, só sentimos necessidade do prazer quando sofremos pela sua ausência; ao contrário, quando não sofremos, essa necessidade não se faz sentir. [...]

Marciav/Shutterstock

46



Monkey Business Images/Shutterstock

De todas essas coisas, a prudência é o princípio e o supremo bem, razão pela qual ela é mais preciosa do que a própria Filosofia. Foi dela que originaram-se todas as demais virtudes; é ela que nos ensina que não existe vida feliz sem prudência, beleza e justiça e que não existe prudência, beleza e justiça sem felicidade. Porque as virtudes estão intimamente ligadas à felicidade, e a felicidade é inseparável delas.

Na tua opinião, será que pode existir alguém mais feliz do que o sábio, que tem um juízo reverente acerca dos deuses, que se comporta de modo absolutamente indiferente perante a morte, que bem comprehende a finalidade da natureza, que discerne que o bem supremo está nas coisas simples e fáceis de obter e que o mal supremo ou dura pouco ou só nos causa sofrimentos leves? Que nega o destino, apresentado por alguns como o senhor de tudo, já que as coisas acontecem ou por necessidade, ou por acaso, ou por vontade nossa; e que a necessidade é incoercível; o acaso, instável; enquanto nossa vontade é livre, razão pela qual nos acompanham a censura e o louvor?

Mais vale aceitar o mito dos deuses do

que ser escravo do destino dos naturalistas: o mito, pelo menos, nos oferece a esperança do perdão dos deuses por meio das homenagens que lhes prestamos, ao passo que o destino é uma necessidade inexorável.

Entendendo que a sorte não é uma divindade, como a maioria das pessoas acredita (pois um deus não faz nada ao acaso), nem algo incerto, o sábio não crê que ela proporcione aos homens nenhum bem ou nenhum mal que sejam fundamentais para uma vida feliz, mas, sim, que dela pode surgir o início de grandes bens e de grandes males. A seu ver, é preferível ser desafortunado e sábio em vez de ser afortunado e tolo.

Medita, pois todas essas coisas e muitas outras a elas congêneres, dia e noite, contigo mesmo e com teus semelhantes, e nunca mais te sentirás perturbado, quer acordado, quer dormindo, mas viverás como um deus entre os homens. Porque não se assemelha absolutamente a um mortal o homem que vive entre bens imortais.

Disponível em: http://ghiraldelli.files.wordpress.com/2008/07/epicuro_1.pdf. Adaptado. Acessado em 15/06/2014.

? Questão de ética

- 1.** O texto estudado é uma carta que tem sua autoria atribuída a Epicuro e é endereçada a Me-neceu. Apresente, depois de realizar uma pesquisa básica, dados sobre o período histórico da época em que a carta foi escrita, para compreender melhor as **ideias** expostas no texto.

Epicuro, fundador da escola que herdou o seu nome, nasceu em Atenas, provavelmente em 341 a.C., e foi criado em Samos. Dedicou-se precocemente à Filosofia, sendo iniciado por Nausífanes de Teo. Em 306 a.C., abriu a sua famosa escola em Atenas, nos jardins da sua vila, que se tornou centro das reuniões aristocráticas dos seus admiradores, discípulos e amigos. O epicurismo teve uma rápida e vasta difusão no mundo romano.

- 2.** Por que, segundo o pensamento de Epicuro, a prudência é muito importante?

A prudência é o princípio e o supremo bem, razão pela qual ela é mais preciosa do que a própria Filosofia. É dela que originaram-se todas as demais virtudes, é ela que nos ensina que não existe vida feliz sem prudência, beleza e justiça e que não existe prudência, beleza e justiça sem felicidade. Porque as virtudes estão intimamente ligadas à felicidade, e a felicidade é inseparável delas.

- 3.** Qual a sua opinião sobre a importância da prudência para Epicuro? Você usa de prudência nas atitudes cotidianas? Como?

Resposta pessoal

Leia o trecho abaixo para responder às questões a seguir.

Que ninguém hesite em se dedicar à Filosofia enquanto jovem nem se canse de fazê-lo depois de velho, porque ninguém jamais é demasiado jovem ou demasiado velho para alcançar a saúde do espírito. Afirmar que a hora de filosofar ainda não chegou ou já passou é a mesma coisa que dizer que a hora de ser feliz não chegou ou já passou. Desse modo, a filosofia é útil tanto ao jovem quanto ao velho: para quem está envelhecendo sentir-se rejuvenescer através da grata recordação das coisas que já se foram, e para o jovem poder envelhecer sem sentir medo das coisas que estão por vir. É necessário, portanto, cuidar das coisas que trazem a felicidade, já que, estando com a sua presença, tudo temos, e, sem ela, tudo fazemos para alcançá-la.

(Epicuro. Carta de Epicuro a Meneceu).

- 4.** Para Epicuro, como se expressa na Carta a Meneceu, qual é o objetivo da Filosofia?

A felicidade do homem.

- 5.** Conforme o que estudamos aliado ao trecho acima, por que Epicuro valorizava tanto a Filosofia como meio de vida para o ser humano?

Epicuro acreditava que a Filosofia era o melhor caminho para se chegar à felicidade, que, para ele, significava se libertar dos desejos.

- 6.** Para Epicuro, a Filosofia tem uma finalidade prática, ou seja, buscava sobretudo encontrar o sossego necessário para uma vida feliz e aprazível. Você concorda com essa finalidade?

Resposta pessoal

- 7.** Para Epicuro, é somente com a Filosofia que se pode alcançar a felicidade? Explique.

Sim. Para Epicuro, a Filosofia é um instrumento para alcançar a felicidade, pois através dela o homem vai libertar-se do desejo que o incomoda.

Capítulo 3

Ética profissional

Objetivos Pedagógicos

- Conhecer os princípios que definem a **ética no trabalho**.
- Discutir a ausência de ética tida como aceitável em determinados comportamentos da sociedade.
- Entender como a ética constitui um elemento fundamental na prática médica e como isso atinge a todos nós.
- Analisar como pode haver limites entre os valores éticos universais e regras específicas.
- Estudar a importância do trabalho para o jovem, bem como a garantia desse direito.
- Debater as peculiaridades da geração jovem atual e a relação desta com as gerações anteriores.

Sugestão de Abordagem

Sugestões de endereços eletrônicos para pesquisa

Centro de Referência Paulo Freire

www.acervo.paulofreire.org

A obra e o legado de Paulo Freire se inserem no movimento pela democratização do acesso ao conhecimento. Nesse contexto, faz-se necessário publicar a contribuição da vida e da obra de Paulo Freire, que é um patrimônio cultural internacional, ampliando o acesso a essa literatura, a universidades, movimentos sociais, pessoas e organizações de todo o mundo.

Biblioteca Nacional Digital

www.bnfdigital.bn.br

A Fundação Biblioteca Nacional torna disponível para consulta uma importan-

Capítulo 3

Ética profissional



Vamos dialogar!

Observe as imagens e converse com seu professor sobre a relação entre as fotos e o tema da unidade.



De cima para baixo da esquerda para direita: Rawpixel, auremar, Maryna Pashkin, lightavemedia/Shutterstock



te parte da nossa história contada através da imprensa periódica no Brasil, por meio de documentos como textos e mapas.

Biblioteca Digital Mundial

www.wdl.org

Criada com apoio da Unesco, tem um acervo de imagens, sons, jornais, mapas, filmes e livros sobre diferentes países e culturas.

Brasiliana USP

www.brasiliana.usp.br

A Brasiliana USP biblioteca digital foi lançada em junho de 2009, com o objetivo de oferecer acesso público ilimitado à maior coleção do mundo de livros, manuscritos e gravuras dedicadas a estudos brasileiros.

A ética no trabalho

As leis trabalhistas são elaboradas com o objetivo de proteger os profissionais — a categoria como um todo — e as pessoas que dependem daquele profissional, embora aconteçam imprevistos que não estão especificados nas leis e que fazem parte do compromisso profissional de ser eticamente correto. A ética busca justificativas para as regras da moral e do direito, ou seja, é a própria reflexão da ação humana.

Durante a adolescência, quando as escolhas profissionais começam a se formar, é muito importante se fazer uma reflexão sobre a ética profissional, aprendê-la e descobrir o comprometimento com a categoria profissional que envolve o ofício em questão.

Atitudes de generosidade e cooperação no trabalho nem sempre estão nos códigos, mas fazem parte da vida profissional de toda

e qualquer pessoa. Tais atitudes mostram que a postura profissional independe da idade e do grau de conhecimento. Ter uma visão de cuidado com o todo em tudo o que se faz é a prova real de que a ética está sendo vivenciada.

Por exemplo, se você é um telefonista e passa as informações e as ligações corretamente, mas limitando-se apenas a transmitir o que lhe fora ensinado para aquela função, haverá o cumprimento do dever. Agora, se, além de cumprir o dever, você for simpático e sensível às necessidades de quem está do outro lado da linha, você estará sendo humano com aqueles que precisaram dos seus serviços. Ser um profissional que todos querem empregar é um objetivo saudável porque nos torna colaboradores do bem comum, independentemente da profissão que exercemos.



Africa Studio/Shutterstock

Fundamentação

A crise na educação: escola e profissão docente na modernidade

A nomeada **crise social e familiar**, na sociedade moderna, tem-se traduzido, **frequentemente**, como uma crise da educação cujos efeitos têm sido devastadores no cotidiano escolar e na vida dos docentes, comparecendo como queixas e sintomas diversos, revelando o profundo mal-estar que acomete os professores. A crise na educação escolar e na educação familiar, bem como a crise na sociedade contemporânea, é advinda da crise moral e ética que permeia a sociedade, na atualidade.

Arendt (2003) discute a crise social e familiar e o papel da escola na conservação da tradição como forma de tentar amenizar os efeitos dessa crise em nossos jovens. A autora considera que há um papel de conservação da tradição que a escola deve exercer. Para ela, à escola cabe a função de proporcionar aos alunos acesso aos conhecimentos que estes não têm, e, nesse aprendizado, há um componente de preservação do mundo. O assédio do novo é potencialmente destrutivo. Sendo assim, a criança deve ser protegida do mundo. A autora segue afirmando que o lugar de proteção da criança é a família, onde os membros adultos se recolhem à segurança da vida privada entre quatro paredes. É aí — na segurança da vida privada — que as crianças estão protegidas do aspecto público do mundo, dos perigos da sociedade moderna (ausência de valores morais, pessoais e éticos). Para Arendt, a família deve funcionar como um escudo contra o mundo moderno.

Assim, ao adulto é conferida a responsabilidade de educar suas crianças, ensinando-as a conviverem em sociedade. Pois, na relação de um adulto com uma criança, sempre há um componente de educação. A mesma autora salienta que o papel da escola é de ensinar às crianças como o mundo é, e não somente lhes ensinar a arte de viver. Defende a autoridade na sala de aula e acredita que o aluno deve ser apresentado ao mundo e,

? Questão de ética

1. Responda às perguntas a seguir.

a. Quais são as qualidades que não podem faltar, em hipótese alguma, a um profissional?

Resposta pessoal

b. O que é ser um profissional ético?

Resposta pessoal

c. Você pretende trabalhar mesmo estudando? Por quê?

Resposta pessoal

d. Qual é o emprego dos seus sonhos? Por quê?

Resposta pessoal

e. Você tem planos de fazer um curso técnico ou um curso superior? Por quê?

Resposta pessoal

f. Você sabe o que é e para que serve a Consolidação das Leis do Trabalho (CLT)?

Resposta pessoal

mais que isso, deve ser estimulado a mudar o mundo.

Para Arendt, o educador está em relação ao jovem como representante de um mundo pelo qual deve assumir a responsabilidade. Essa responsabilidade não é imposta arbitrariamente aos educadores; ela está implícita no fato de que os jovens são introduzidos por adultos em um mundo em contínua mudança. E afirma que "qualquer pessoa que se recuse a assumir a responsa-

bilidade coletiva pelo mundo não deveria ter crianças, e é preciso proibi-la de tomar parte em sua educação".

A mudança social acelerada e a crise na educação familiar constituem um problema que se reflete no cotidiano escolar. Os fenômenos sociais e a crescente mudança nos hábitos, costumes e valores são desafios que a sociedade impõe à escola. Há, portanto, um verdadeiro enfraquecimento, empobrecimento de aspectos

- 
- 2.** converse com pessoas que já passaram por situações em que não houve ética na condução das ações. Depois, elabore uma solução para a situação apresentada que seja eticamente correta.

[Resposta pessoal](#)

- 3.** Imagine que você está trabalhando em uma empresa. Escreva o que você faria diante das seguintes situações.

a. Seus colegas de equipe estão tendo muitas brigas por causa do trabalho. Você...

[Resposta pessoal](#)

b. Alguns colegas de trabalho andam fazendo comentários maldosos de outros colegas na ausência deles. Você...

[Resposta pessoal](#)

c. Um colega está fazendo o trabalho de forma errada. Você...

[Resposta pessoal](#)

d. Você já terminou o seu trabalho, mas seu colega ainda está cheio de serviço. Você...

[Resposta pessoal](#)

que deveriam ser privilegiados na educação familiar, como o respeito e a consideração aos professores. Na sociedade moderna, não se ensina mais às crianças, em casa, o valor e a autoridade de um mestre, nem mesmo a respeito da função do professor; esses valores não mais são passados de geração para geração.

Em Nôvoa (1999), lê-se que os valores que sustentavam a profissão docente caíram em desuso, em virtude da evolução

social e da mudança nos sistemas educativos. Para o autor, os ideais da educação necessitam ser reexaminados, já que o velho modelo não serve mais à ação pedagógica nem à profissão docente. E acrescenta que os professores se **veem** em um enorme conflito, pois necessitam refazer sua identidade. Para ele, é necessário aderir a novos valores, pois o que poderá contribuir para o fazer pedagógico é, justamente, uma reflexão crítica sobre a função de professor.

A respeito dos reflexos da crise na educação familiar e as **consequências** na educação escolar, Fleig (2000) chama a atenção para o fato de que, quando o homem abre mão da transmissão de saberes aos seus semelhantes e passa a agir como se fosse o último dos homens, passa também a desacreditar na geração seguinte, então ninguém pode usufruir o que herda. Mas o que constitui o futuro é justamente os saberes herdados, passados de pai para filho; diante da ausência destes, o presente se solidifica preenchido pelo vazio.

A tese do declínio da função paterna, na sociedade contemporânea, e seus efeitos no processo de subjetivação do sujeito — ausência de lei, de limites e de hierarquia de valores — tem sido atribuída à modernidade, responsabilizada pelo desinvestimento social da figura paterna e da família patriarcal, suposto sustentáculo do complexo de Édipo. Lajonquière (2000), no entanto, relativiza alguns dos pressupostos dessa tese ao argumentar que, “ao contrário, a modernidade elevou o pai a ‘um nível superior de espiritualidade’ — conforme expressão de Freud em Moisés e a religião monoteísta —, a ponto de reforçar a potestade do reconhecimento simbólico, colocando o laço filiatório ao abrigo da arbitrariedade das vontades”. O autor reconhece, não obstante, que a modernidade contribuiu “no processo paulatino de declínio da família patriarcal”. Polêmica à parte, se reconhecermos que o inconsciente é o discurso do outro, portanto, que o sujeito é social, pode-se inferir que a escola e seus professores se deixam afetar tanto pela rede discursiva que denuncia a crise social de valores culturais e morais cada vez mais fluidos quanto por passagens ao ato, no cotidiano escolar, ambos dando testemunho de que a autoridade devida ao professor é amplamente negada.

Fundamentação

O dialogismo para a construção da autonomia

Há leituras que necessitam da compreensão daquilo que “o texto pensa”. Ou seja, o que o texto leva a pensar. No momento após a leitura, o importante não é que nós saibamos, mas, sim, o que com o texto ou contra o texto ou a partir do texto nósせjamos capazes de pensar. Nesse sentido, **pensar** significa possuir um **pensamento autônomo**. Assim entendendo, [...] não se pode interpretar, por exemplo, a aspiração à autonomia profissional como diálogo reflexivo em sala de aula se não for também uma aspiração educativa para os alunos. Apenas no desejo de que os estudantes assumam o protagonismo em sua vida escolar e em seu aprendizado pode ser entendida a preocupação de um docente em manter um diálogo ou buscar o entendimento mútuo.

O ato de ler, portanto, constitui-se em compreensão mútua, em diálogo e em movimento para a construção da autonomia.

ZOZZOLI, Rita Maria Diniz. *Leitura, escrita e ensino*. Maceió: Edufal, 2008, p. 105.

Sugestão de leitura //

50 grandes educadores modernos: De Piaget a Paulo Freire
Autor: Joy A. Palmer

Como a estrutura socioeconômica condiciona a educação? Qual é o papel do professor em tempos atuais? Como organizar e planejar a atividade pedagógica de forma prática e racional? De Susan Isaacs a Martin Heidegger, de Jean Piaget a Simone Weil, de Schwab a Elliot Eisner, passando por Vygotsky e Foucault, 50 grandes educadores modernos abrange a influência, a importância e o caráter inovador do pensamento dos mais importantes educadores modernos, trazendo à tona questões intrínsecas à

4. Complete a tabela explicando como é possível agir com ética nas seguintes circunstâncias e o que é preciso para isso.

Aspectos do mundo do trabalho	Relação com a ética
Equipe de trabalho	Resposta pessoal
Concorrência de outras empresas	Resposta pessoal
Produtividade	Resposta pessoal
Responsabilidade	Resposta pessoal
Crise (afetiva)	Resposta pessoal

5. Dê exemplos ou descreva situações sobre o que é ir além da sua função. É importante você escolher, explicar e escrever cinco profissões que você gostaria de ter.

Profissão 1	Resposta pessoal
O seu trabalho...	Resposta pessoal
Para ir além, é preciso...	Resposta pessoal

Profissão 2	Resposta pessoal
O seu trabalho...	Resposta pessoal
Para ir além, é preciso...	Resposta pessoal

Profissão 3	Resposta pessoal
O seu trabalho...	Resposta pessoal
Para ir além, é preciso...	Resposta pessoal

Profissão 4	Resposta pessoal
O seu trabalho...	Resposta pessoal
Para ir além, é preciso...	Resposta pessoal

educação contemporânea. Elaborada de forma didática, a obra analisa criticamente as ideias das personagens e revela as controvérsias e polêmicas atreladas a cada uma delas. Além disso, destaca o perfil de Paulo Freire — um dos maiores pedagogos do século XX, cujas ideias revolucionaram o pensamento pedagógico universal.

Anotações

Profissão 5	Resposta pessoal
O seu trabalho...	Resposta pessoal
Para ir além, é preciso...	Resposta pessoal

Para refletir



Importância da ética profissional

Uma conduta ética no trabalho, seguindo padrões e valores, tanto da sociedade quanto da própria organização, é essencial para o alcance da excelência profissional. Não basta apenas estar em constante aperfeiçoamento para conquistar credibilidade profissional, é preciso assumir uma postura ética. Através dela, ganhamos confiança e respeito de superiores, colegas de trabalho e demais colaboradores. [...]

O profissional deve seguir tanto os padrões éticos da sociedade quanto as normas e os regimentos internos das organizações. A ética profissional proporciona ao profissional um exercício diário e prazeroso de honestidade, comprometimento, confiabilidade, entre tantos outros, que conduz o seu comportamento e sua tomada de decisões em suas atividades. Por fim, a recompensa é ser reconhecido, não só pelo seu trabalho, mas também por sua conduta exemplar.

Confira, abaixo, alguns exemplos de boa conduta profissional no ambiente organizacional.

• Responsabilidade

Para a preservação de uma marca ou um produto, o profissional deve manter uma postura congruente com seu trabalho e manter para si os dados que lhe foram confiados, a fim de garantir o sigilo necessário.

• Integridade

É indispensável manter a transparência nas atividades exercidas, ser honesto com o gestor direto e os demais profissionais, garantindo que todos sejam influenciados positivamente com seu trabalho, de forma direta ou indireta.

• Meritocracia

O sistema de crescimento de toda e qualquer organização deve ser pautado em merecimento, advindo de resultados correspondentes às expectativas e à necessidade da empresa. Promover um liderado por favoritismo ou afinidade, além de ser antiético, não é nada profissional. Lembre-se de que a sua credibilidade é o bem mais precioso que um colaborador pode ter; uma vez perdida, dificilmente pode ser recuperada.

Diálogo com o professor

Espera-se que estudante compreenda essa atividade com senso crítico não baseando as respostas de forma subjetiva. É interessante que se leve em conta os argumentos sugeridos pelos alunos para responder às questões e dar continuidade ao ciclo de aprendizagem.

Fundamentação

Os constituintes do campo ético

Para que haja conduta ética é preciso que exista o agente consciente, isto é, aquele que conhece a diferença entre bem e mal, certo e errado, permitido e proibido, virtude e vício. A consciência moral não só conhece tais diferenças, mas também reconhece-se como capaz de julgar o valor dos atos e das condutas e de agir em conformidade com os valores morais, sendo por isso responsável por suas ações e seus sentimentos e pelas **consequências** do que faz e sente. Consciência e responsabilidade são condições indispensáveis da vida ética.

A consciência moral manifesta-se, antes de tudo, na capacidade para deliberar diante de alternativas possíveis, decidindo e escolhendo uma delas antes de lançar-se na ação. Tem a capacidade para avaliar e pesar as motivações pessoais, as exigências feitas pela situação, as consequências para si e para os outros, a conformidade entre meios e fins (empregar meios imorais para alcançar fins morais é impossível), a obrigação de respeitar o estabelecido ou de transgredi-lo (se o estabelecido for imoral ou injusto).

A vontade é esse poder deliberativo e decisório do agente moral. Para que exerça tal poder sobre o sujeito moral, a vontade deve ser livre, isto é, não pode estar submetida à vontade de um outro nem pode estar submetida aos instintos e às paixões, mas, ao contrário, deve ter poder sobre eles e elas.

• Humildade

Atrás de crachás, ternos e gravatas, estão apenas humanos, totalmente suscetíveis a erros, afinal somos falhos. No meio corporativo, são tomadas todas as medidas para que os equívocos não ocorram, porém empresas são feitas de pessoas, e, portanto, os erros se fazem presentes uma vez ou outra. Se uma dessas situações acontecer com você, seja humilde para reconhecer a falha e corrigi-la, a fim de que não gere maiores prejuízos.

• Comprometimento

O compromisso do profissional se aplica sistematicamente. Em primeiro lugar, ele deve se comprometer com o próprio desenvolvimento contínuo e se comportar de maneira congruente com sua linha de pensamento, ou seja, agir para alcançar suas metas e seus objetivos, e o único caminho é a entrega dos resultados solicitados pela empresa. Em segundo lugar e não menos importante, ele deve estar comprometido com os colegas de trabalho, com os líderes e o público da marca. Ao desempenhar sua função com excelência, automaticamente estará contribuindo com o todo.

Disponível em: <http://www.ibccoaching.com.br/portal/comportamento/importancia-conduta-etica-trabalho/>. Adaptado. Acessado em 10/10/2016.



Nestor Rizhnik/Shutterstock

! Questões para reflexão

1. Qual é a importância da conduta ética no trabalho?
2. Ser bom profissional, ter conhecimentos técnicos, dons, talentos, habilidades e capacidades bem desenvolvidas cabe a qualquer pessoa que deseja ter uma carreira de sucesso. Por quê?
3. Para você, ter bom relacionamento com os colegas na sua escola, facilidade no trabalho em equipe e boa comunicação são aspectos importantes para a vida profissional?
4. As organizações de trabalho seguem os padrões éticos sociais, aplicando-os em suas regras internas para o bom andamento dos processos de trabalho, alcance de metas e objetivos. Você mantém esse foco na sua vida para o futuro?

O campo ético é, assim, constituído pelos valores e pelas obrigações que formam o conteúdo das condutas morais, isto é, as virtudes. Estas são realizadas pelo **sujeito moral**, principal constituinte da existência ética. [...]

O sujeito ético ou moral, isto é, a **pessoa**, só pode existir se preencher as seguintes condições:

- Ser consciente de si e dos outros, isto é, ser capaz de reflexão e de reconhecer

a existência dos outros como sujeitos éticos iguais a ele.

- Ser dotado de vontade, isto é, de capacidade para controlar e orientar desejos, impulsos, tendências, sentimentos (para que estejam em conformidade com a consciência) e de capacidade para deliberar e decidir entre várias alternativas possíveis.
- Ser responsável, isto é, reconhecer-se como autor da ação, avaliar os efeitos

A necessidade da ética

Os diversos conflitos entre as categorias e a sociedade, em geral, levantam sempre as questões dos valores morais e éticos das pessoas. O grande tema hoje é a normatização do lícito, ou seja, o ato de deixar escrito o que se pode fazer, o que é ético. O Governo Federal acaba de constituir uma comissão que elaborará o Código de Ética para o funcionalismo público; por conseguinte, todos os funcionários públicos deverão assinar um termo de compromisso ao ingressar na carreira pública.

Num dos casos mais gritante de falta de ética no Brasil culminou com o *impeachment* do ex-presidente Fernando Collor de Mello. Os estudantes foram às ruas exigir a saída do então presidente, com a frase de ordem "Fora Collor", por acharem que ele não teve ética no exercício da Presidência da República. Será que esses mesmos estudantes que se sentiram traídos como cidadãos pelo ex-presidente Collor estão pagando todos os seus impostos? Não estão aceitando suborno?

A democracia é uma forma de governo muito cara, e o povo brasileiro está pagando um preço muito alto por ela. O Brasil é um país novo, com pouco mais de 500 anos. Não podemos cair no discurso de que o País não tem mais jeito. As coisas somente começarão a mudar quando acabar o "jeitinho brasileiro" e tivermos, em todas as classes econômicas, tolerância zero!

Disponível em: <http://150.162.138.14/arquivo/a23-necessidadee.htm>. Adaptado. Acessado em 25/02/2005.



Os caras-pintadas se preparam para o protesto a favor do *impeachment* de Fernando Collor



e consequências dela sobre si e sobre os outros, assumi-la bem como às suas consequências, respondendo por elas

- Ser livre, isto é, ser capaz de oferecer-se como causa interna de seus sentimentos atitudes e ações, por não estar submetido a poderes externos que o forcem e o constrainjam a sentir, a querer e a fazer alguma coisa. A liberdade não é tanto o poder para

escolher entre vários possíveis, mas o poder para autodeterminar-se, dando a si mesmo as regras de conduta. [...]

CHAUÍ, Marilena. *Convite à Filosofia*. Ed. Ática, São Paulo, 2000.

Anotações

Fundamentação

Ética, Saúde e Envolvimento

Tanto Mafesolli em suas análises do cotidiano e imaginário social, quanto Morin com suas reflexões sobre a complexidade, destacam o ser humano como um ser de relações e interações. Mesmo em seu individualismo e autonomia transparece a dependência. Os mesmos laços e forças que unem os indivíduos para formar uma sociedade, também agem para separar e afastar, tudo é dependente das relações e interações dialógicas que se estabelecem.

Edgar Morin destaca as múltiplas dependências e a religação como uma nova ordem da sociedade humana contemporânea: “[...] as sociedades mais complexas comportam, ao mesmo tempo, a própria religação comunitária, antagonismos, rivalidades, desordens, todos inseparáveis das liberdades. Além disso, no espírito dos indivíduos, as religações acontecem a partir da responsabilidade, da inteligência, da iniciativa, da solidariedade, do amor” (p. 35).

A ética é afirmada como a expressão do imperativo da religação. Todo ato ético é um ato de religação com o outro, com os seus, com a comunidade, com a humanidade, inclusive com o cosmos.

Maffesoli, por sua vez, expressa a evidência dessa religação pós-moderna, a partir da metáfora do tribalismo resumida por ele como “a osmose com a alteridade”.

O *estar-junto* que serve como cimento das sociedades pós-modernas, que é da ordem da intuição e da emoção, esclarece uma ética da estética. A partir do “Pensamento Complexo” e da “Razão Sensível”, no momento atual, dito pós-moderno, destacam-se múltiplos significados para a ética como categoria de análise. Também nos diversos espaços da saúde, a ética transfigura-se como entidade salvadora, uma ética da compreensão, da solidariedade, do envolvimento humano. [...]

? Questão de ética

1. Escreva a resposta das perguntas abaixo.

a. Qual é a sua opinião sobre o valor do Código de Ética?

Resposta pessoal

b. Quase todo dia, surgem casos de falta de ética profissional. O que você acha que deve ser feito nessas situações?

Resposta pessoal

c. Diante de tanta corrupção, injustiças, falcaturas, você acha que ainda existe solução para o Brasil? Por quê?

Resposta pessoal

d. O que leva uma pessoa a agir desonestamente?

Resposta pessoal

2. De que maneira podemos promover ações punitivas para os casos a seguir?

a. Roubam os cofres públicos.

Resposta pessoal

b. Inscrevem-se em programas governamentais (Bolsa Família, por exemplo) sem precisar.

Resposta pessoal

Alinhavando uma síntese reflexiva e abrindo para múltiplos olhares

A ética e a saúde na ótica do pensar complexo e plural, tendo o envolvimento como matriz que ilumina e dinamiza as relações, interações e associações, nos remete ao despertar de questionamentos talvez muito significativos no viver a vida, viver a saúde, viver a socialidade da vida humana.

O ser humano interage num contexto sintonizado pelo imaginário das suas percepções, interações e vivências reais em um mundo circunscrito por múltiplas possibilidades de ser e estar, presente no que se pode testemunhar de verdadeiro, de ético, de intenção natural do viver humano.

A saúde é vivida na perspectiva de se reconhecer os potenciais que colaboraram para a aproximação entre os se-

- c. Compram os votos dos eleitos.

Resposta pessoal

- d. Fabricam e vendem remédios falsificados.

Resposta pessoal

3. Pesquise notícias e reportagens que falem sobre o mau atendimento dos serviços públicos no Brasil. Em seguida, escreva, em seu caderno, pelo menos cinco itens que deveriam entrar no Código de Ética para o funcionalismo público.

4. Faça uma revisão dos acontecimentos da história do Brasil e monte uma linha do tempo com fatos importantes em que os governos atuaram de forma antiética.

Para refletir



Ética e transporte público

Eu tentava entender o porquê de as pessoas gostarem tanto de ficar aglomeradas antes das catracas dos ônibus, mas já cheguei à conclusão de que é um acontecimento inexplicável. Há pessoas que não compreendem que devem pagar, rodar a catraca e buscar um espaço que não atrapalhe ninguém. E quando você depende da boa vontade de quem está à sua frente para seguir adiante, ela ainda acredita que quem está errado é você. E por mais que o motorista ou o cobrador peça para seguirem o curso, ninguém obedece.

Hoje pela manhã, fiquei sem saída. A pessoa que estava à minha frente não seceu adiante, e a pessoa que estava atrás de mim pediu: "Segue, moça, quero passar". Tive que responder: "Desculpe, mas

se ele não seguir não tem como eu passar". E, quando estamos com as mãos ocupadas, é pior ainda. Isso quando o que você está carregando não cai na cabeça de alguém. A mochila é a rainha dos comentários, porque ela esbarra em todo mundo, e tem gente que grita: "Vai, seu mal-educado... Ela faz parte do seu corpo?".

Podemos pensar: ninguém é obrigado a carregar material de outra pessoa, bolsa, mochila, etc., e muito menos ceder lugar, mas existe um ato que se chama **solidariedade**. Somos todos humanos, e todas as pessoas que estão em um ônibus têm o mesmo objetivo: chegar a algum lugar.

De acordo com o que eu tenho presenciado dentro dos ônibus, seguem dicas para manter a ética dentro do transporte

Anotações

conhecendo que o sofrimento é parte dela e contém nele o prazer e as formas de superação do quotidiano com seus ritmos, contornos, sinalizações e possibilidades de superações.

Na perspectiva do pensar complexo e plural, novos olhares apontam os matizes que iluminam a compreensão do viver a saúde de modo mais ético e mais solidário, em busca de uma civilidade humana que permita o direito de viver mais feliz e de forma mais humana.

O aqui e agora é testemunho de um viver sempre renovado, presente, em que o saudável está em perceber que somos animadores de um mundo de relações saudáveis e éticas quando focalizamos o melhor para o outro e para nós mesmos.

Nosso presente é um constante desafio em buscar o viver saudável e mais ético para a vida humana em comunidade.

Disponível em: <http://www.saocamilo-sp.br/pdf/bioethikos/71/252-255.pdf>. Acesso em 10/12/2016.

res humanos, as relações vividas numa harmonia conflitual que privilegia os vínculos ou envolvimento para a construção do viver melhor, do sobreviver, do ser; mesmo que em condições de maior vulnerabilidade. Esses potenciais contam com a aproximação de relações solidárias como possibilidade do vir a ser mais ético, mais humano, mais acolhedor, mais sintonizado com a vida em seus múltiplos modos de ser e viver.

O cuidar do outro, do mundo, de nós mesmos é mais ético na compreensão de que somos seres da natureza e temos o direito de viver a vida com prazer, alegria, no sonho e na certeza de que nossas relações nos impulsionam a um viver sempre mais autêntico.

Envolver-se e estar envolvido na trama das interações humanas nos potencializa a sermos vitoriosos no viver a saúde ou mesmo, no sobrevivê-la, re-

público:

- Você sabe o valor da passagem, então deixe a quantia separada em local estratégico. Isso evitará atrasos na partida do veículo, pois mais pessoas também precisam entrar.
- Passe pela catraca na primeira oportunidade que tiver e vá para a traseira. Isso evitará aglomerações e congestionamento na parte dianteira do ônibus. Mais pessoas entrarão, principalmente em horário de pico.
- Ao sentar-se nas cadeiras de uso preferencial, não cochile, fique atento, pois ela só é livre na ausência de quem realmente precisa usá-las. Já vi muitas grávidas, idosos e mulheres com criança de colo realizarem todo o trajeto em pé.
- Se o guarda-chuva estiver molhado, carregue uma sacola plástica para colocá-lo. Isso evitará molhar outros passageiros.
- Se vir alguém próximo a você, carregando material, peça gentilmente para **levá-lo**. Isso é uma questão de solidariedade. Se a pessoa recusar, você fez a sua parte.
- Quando for atravessar de um lado para outro, peça licença, tenha segurança de onde colocará o pé, para não pisar em ninguém.
- Se o ônibus estiver lotado e você estiver usando mochila, retire-a, assim você terá maior controle sobre o objeto.
- Evite ofender o motorista e o cobrador quando o trânsito estiver lento. Eles também precisam cumprir horário.
- Ocupe somente a sua cadeira. Sente-se de tal maneira que não incomode a pessoa que está do lado. Há pessoas que querem dormir, encostam-se à janela e vira o bumbum para a pessoa do lado, quase a empurrando para fora do banco.
- Ao sentar-se não deixe as pernas abertas, pois incomoda quem está no corredor e a pessoa que está sentada ao lado. Geralmente são os rapazes que tomam essa postura, mas já fui incomodada por mulheres também.



- Evite sentar-se sobre o local em que fica o motor do ônibus e conversar com o motorista. Tirar a atenção do condutor pode colocar a sua e a vida de outras pessoas em risco.
- Rapazes, não se esfreguem de propósito nas mulheres; e, mulheres, não empinem o bumbum para trás. Assim, serão evitados diversos conflitos. Já ouvi rapazes gritarem para todos ouvirem: "Dá para você chegar o seu popô para lá para que eu possa passar, depois dizem que são os homens que aproveitam".
- Não tente limpar o sapato sujo na barra da calça de alguém. Carregue **papel-toalha** ou um pano limpo. Faça a higienização do sapato em local apropriado.
- Ao sentar-se na cadeira do corredor, lembre-se de que a pessoa que sentou ao lado da janela precisará levantar-se. O correto é que você levante-se, para que ela possa passar. É constrangedor passar e ser obrigado esfregar os joelhos ou as pernas no corpo de outra pessoa.
- Não sente no piso ou na escada, em frente à porta de embarque ou desembarque.

Essa atitude pode colocar a sua vida e a de outras pessoas em risco, pois alguém pode tropeçar em você e cair.

- Se tiver suado muito durante o dia, faça uma rápida higienização, use desodorante, principalmente no final do dia. Ninguém é obrigado a sentir odores. Se não pode usar nada, vá ao banheiro e passe um pano limpo com água ou use lenço umedecido. Já vi pessoas brigarem dentro do ônibus e dizer que a outra estava fedida.
- Não exagere no perfume. Há fragrâncias para o dia e para a noite. Muitas pessoas reunidas misturam diversos cheiros diferentes, o que pode causar mal-estar em pessoas que não podem usar perfume.
- Abra a janela conforme a temperatura e o clima. Quem está em pé não recebe a mesma proporção de vento no rosto que as pessoas que estão sentadas.

Disponível em: <http://www.leilokando.com.br/2016/02/etica-e-transporte-publico.html>.
Acessado em 02/08/2016.

? Questões para reflexão

1. As dificuldades do transporte apresentadas no texto estão relacionadas à ética? Se sim, de que forma?
2. Como o comportamento das pessoas envolvidas nas situações apresentadas relaciona-se com a ética?
3. Para diminuir as dificuldades apresentadas, qual é o comportamento ético necessário?
4. Você acha que a ética influencia a sua vida? De que forma?
5. Qual é a relação entre o texto e o tema que estamos estudando?

Fundamentação

O professor posto à prova

[...] Afinal, o que é uma prova? Ela é mesmo um bom instrumento? Por que se tornou um sinônimo de avaliação? Segundo o autor Cipriano Luckesi, uma das referências no tema no Brasil, a prova surgiu ainda no século XVI, na Europa, como um recurso de coleta de dados sobre o desempenho do educando. "Esse recurso recebeu o nome de 'prova' e permaneceu com essa denominação até hoje. É o mais comum e cotidiano instrumento usado em sala de aula", diz Luckesi. Boa parte de seu sucesso se explica pela eficácia de reunir informações sobre um conjunto grande de alunos. Na Idade Média, não havia necessidade de testes escritos, devido ao pouco número de aprendizes. "O mestre convivia diretamente com todos, podia **observá-los**, conversar, observar diretamente seu desempenho", lembra. Mas veio o tempo em que se tornaram necessários o ensino para muitos e a demanda por um recurso eficiente para que o professor pudesse conhecer o desempenho de todos — e assim nasceu a prova.

Para a pesquisadora Dirce de Moraes, há outros fatores que fizeram com que o teste se tornasse um instrumento predominante ao longo dos séculos. Ele documenta e comprova o conhecimento, possibilitando a representação final por um valor numérico, que retrataria a aprendizagem daquele que foi avaliado. Para Dirce, hoje, muitos professores simplesmente não conseguem acompanhar a aprendizagem do aluno sem lançar mão da prova. "Os educadores até buscam novos caminhos, mas, por desconhecerem as diferentes ferramentas ou por sentirem-se inseguros, garantem-se na prova como instrumento comprobatório", diz.

[...] O educador deve ter presente que a prova é um indicador, uma informação, como um sinal de trânsito, que precisa, portanto, ser interpretada, e não meramente corrigida. "A questão da prova precisa indicar algo; o erro tem de indicar algo", enfatiza o especialista.

A responsabilidade médica: uma visão ética

Vida, saúde e morte são questões morais. Podemos fazer algo a respeito delas e, **consequentemente**, temos de decidir o que fazer. É essa verdade fundamental acerca da nossa existência humana que nos coloca em nível diverso dos demais componentes do reino animal: o fato de que a maior parte do nosso destino é ou pode ser resultado de decisão deliberada, de conduta racional, mais do que de comportamento meramente instintivo. O tamanho de nossa responsabilidade moral expande-se, por necessidade, com os avanços da ciência e das tecnologias médicas. Quase que anualmente, é alcançada uma nova etapa na nossa batalha para estabelecer controle sobre a saúde, a vida e a morte.

Um ato humano, seja na teoria ética, seja em teologia moral, é definido como aquele que é livre e baseado no conhecimento, e não ditado irremediavelmente pela ignorância e pela resignação. Os atos morais são melhor servidos pela reflexão do que pelo reflexo, e a qualidade ética de um ato está muito mais vinculada ao raciocínio do que à paixão.

É por esse motivo que a ciência, a despeito de alguns casos trágicos e equivocados, contribui decisivamente para a expansão do nosso alcance moral e para a magnitude de nossa vida ética. A tecnologia não somente altera a cultura; ela, indiscutivelmente, adiciona créditos à nossa estatura moral. E as questões do início e do fim da vida, como uma parte do cuidado médico, ilustram a regra geral.

Tomemos, por exemplo, a questão da anticoncepção. Os preservativos, os dispositivos intrauterinos e as pílulas eliminaram as velhas restrições sobre a sexualidade fora do casamento, o chamado **terror tripló**: concepção, infecção e descoberta, que, em certa medida,



mantinha as pessoas contidas. Não obstante o fato da Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (Aids), os riscos são, rigorosamente falando, quase uma coisa do passado. A ciência tende a remover as compulsões morais. Isso quer dizer, por meio de um paradoxo significativo, que a responsabilidade moral está sendo salientada; e nossa estatura moral, aumentada.

Em qualquer discussão sobre moral e medicina, é necessário delinear nossa liberdade moral, nossa ação humana, em uma série de decisões sobre a vida e sobre a morte. E isso deve ser feito de tal maneira que tais eventos possam tornar-se decisões verdadeiras, e não meras fatalidades biológicas. "A censura e a culpa são conceitos legais e religiosos, e não científicos", diz Menninger. Podemos parafraseá-lo dizendo que a responsabilidade é um conceito legal e ético, e não empírico. A responsabilidade não é assunto ou fato natural e objetivo; é algo moral e espiritual. Em suma, é um fenômeno humano pessoal, que não pode ser encontrado "lá fora", no mundo físico.

Essencialmente, autonomia é a capacidade de pensar, decidir e agir de modo livre e independente. Na esfera da ação, é importante distinguir, por um lado, liberdade, isenção, licença ou, simplesmente, "fazer o que lhe der

Portanto, para ele, a primeira providência, antes mesmo de escrever as questões, é colocar no papel a descrição da prova, quais conteúdos, quais competências se quer avaliar — tecnicamente, trata-se de estabelecer os descritores. Isso vai determinar, em grande medida, a formulação das questões e a estrutura do exame.

O desenvolvimento das questões é um dos pontos que mais atrapalham os professores, não apenas pela falta de clareza

de que conteúdos mais relevantes devem ser avaliados, mas pela própria linguagem. "Com **frequência**, a linguagem utilizada não é clara e precisa, deixando o aluno em dúvida sobre o que o professor realmente quer como resposta", diz Vasco Moretto, autor do livro *Prova: Um momento privilegiado de estudo*, em que analisou mais de 8 mil provas recolhidas em todo o Brasil.

Um dos males mais comuns dos tes-



na telha” e, por outro lado, agir de forma autônoma, que também pode ser “fazer o que se quer, mas baseado em deliberação racional”. Só como exemplo: os animais não possuem autonomia, mas podem ser perfeitamente livres. A autonomia é uma categoria de liberdade, mas nem toda liberdade é autonomia. O conceito de **autonomia** está, necessária e obrigatoriamente, ligado ao exercício daquilo que Aristóteles chamou de **atributo específico do homem** — a **racionalidade**.

Outra modalidade desse princípio, e que constitui a contrapartida da autoria da ação, é ter a responsabilidade ética intransferível. Mesmo quando, na ação, existem vários autores, a responsabilidade ética não pode ser dividida. Ela existe por inteiro, em relação a cada um dos que participaram da ação, sendo, todos eles, solidariamente responsáveis. Também as circunstâncias não dividem a responsabilidade. Ou são elas circunstâncias conhecidas e previsíveis, e então assumidas, ou são elas imprevisíveis e não sabidas e, portanto, sem responsabilidade a cogitar.

Essas questões estão disciplinadas no Código de Ética Médica. Ele cuida precisamente da total responsabilidade moral que o médico deve assumir como autor único de seus próprios atos, não dividindo com terceiros nem para eles transferindo a responsabilidade. Esta será, sempre, igualmente inteira para cada um deles. Não se pode consentir em sua divisão quando as circunstâncias pelas quais se quer responsabilizar a ocorrência eram razoavelmente esperadas e, ainda assim, foram assumidas.

O médico que nada faz jamais incidirá em erro, mas, obviamente, não é essa a razão nem o propósito maior da medicina, entendida como prática comprometida com a ação. Originada como ciência, arte e profissão da existência prévia do próprio médico, e carac-



terizado o médico como aquele que assumiu o encargo de cuidar (do latim, *medeor*), o preceito tradicionalmente repetido do *primum non nocere* não poderia sobrepor-se ao princípio ético indiscutivelmente mais alto, que é o princípio de servir.

A ética e a responsabilidade médica têm necessariamente que mudar, crescer e se engajar constantemente em autocorreção. Isso é verdadeiro porque a medicina é uma arte humana para seres humanos.

O dever não é vã premissa dogmática de velhas morais teológicas. Mas, e melhor do que isso, é toda a moral idealizada e toda a moral prática: um compromisso do indivíduo consigo mesmo e com a sociedade.

Aqueles que assumem a responsabilidade pessoal de cuidar de alguém, aqueles que têm o conhecimento dos fatos e que exercitam a liberdade de escolha e o respeito pela autonomia dos outros são seres verdadeiramente morais, pois, sem liberdade de escolha e sem direito de saber as verdades, as pessoas seriam apenas marionetes. E não existe qualidade moral em um espetáculo de marionetes. Seguramente, não nos bonecos.

Disponível em: <http://www.portalmedico.org.br/revista/bio2v2>. Adaptado. Acessado em 25/02/2005.

tes escritos aplicados nas escolas brasileiras é, segundo Moretto, a falta de parâmetros claros para a correção. Ao utilizar perguntas genéricas como "Comente, dê sua opinião", o professor automaticamente está dando carta branca para todo tipo de resposta. "O comando deve estar muito claro", confirma Tadeu da Ponte. A clareza da questão, a adequação do vocabulário à faixa etária e a objetividade também são atribu-

tos de uma boa prova. "Muitas vezes, o professor faz uma questão com quatro ou cinco temas embutidos, porque acha que poderia ser bom perguntar também isso e aquilo. Isso, no entanto, só dificulta a análise posterior", afirma Tadeu. [...]

CAMARGO, Paulo. Revista *Educação*. Ed. 174. São Paulo:
Segmento.

Anotações

Sugestão de Abordagem

As canções *Vida de operário*, de Falcão, e *Construção*, de Chico Buarque, podem ser trabalhadas com o tema **trabalho**. Se oportuno, utilize-as como material para a realização de atividades, que podem incluir desde o debate entre os alunos a respeito da significação da música até a produção de textos.

Para ter acesso às canções, respectivamente, sugerimos os links a seguir:

- <https://www.letras.mus.br/pato-fu/48034/>
- <http://www.letrasdemusicas.com.br/chico-buarque/construcao/>

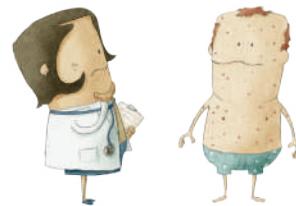
Anotações

? Questão de ética

1. Escreva a resposta das perguntas abaixo.

a. O que você entende por **responsabilidade médica**?

Resposta pessoal



b. O que significa **ser autônomo**?

Resposta pessoal

c. Qual é a relação entre tecnologia e medicina?

Resposta pessoal

d. Por que a autonomia é tão importante para a medicina?

Resposta pessoal

e. Por que a liberdade de escolha dos médicos e a necessidade de dizer a verdade aos pacientes são fundamentais para o Código de Ética da Medicina?

Resposta pessoal

f. Imagine um médico que trata de um paciente com uma doença incurável. Você acha que ele deverá dizer isso ao paciente? Por quê?

Resposta pessoal

- 2.** Explique o que é **responsabilidade ética intransferível** e exemplifique com, pelo menos, três situações diferentes.

[Resposta pessoal](#)

- 3.** Elabore e escreva, pelo menos, cinco regras que devem fazer parte do Código de Ética das Profissões. [Resposta pessoal](#)

Regra 1

Regra 2

Regra 3

Regra 4

Regra 5



É permitido ou antiético?

Se você fosse funcionário do publicitário Marcos Valério, um dos principais personagens do escândalo do Mensalão, cumpriria suas ordens sem pestanejar? E qual seria sua reação se a empresa onde você trabalha entrasse em sua caixa de e-mails? Alegaria invasão de privacidade? Valores éticos nas relações profissionais estão no centro de algumas das polêmicas mais inflamadas dos últimos tempos.

Um e-mail pornográfico, desses que vira e mexe transitam pela rede, acendeu o estopim de uma polêmica. Em 2000, acusado de repassar a mensagem com as imagens indiscritas aos colegas de uma empresa de seguros, o analista de Brasília I. L. N., 29 anos, foi demitido por justa causa. Entrou na Justiça e ganhou em primeira instância. Mas perdeu na segunda e no Supremo Tribunal Federal.

No entendimento dos juízes que deram parecer favorável à empresa, o correio eletrônico corporativo é uma ferramenta de trabalho e, como tal, não deve ser usado para fins pessoais. "Meu cliente teve sua caixa de e-mail violada. Isso significa que as fotos anexadas ao processo foram conseguidas de modo ilícito", defende José Oliveira Neto, advogado de I. L. N. Por meio de sua assessoria de comunicação,

a instituição financeira rebate a acusação alegando que, "Sendo o e-mail de propriedade da empresa, ela pode ter amplo conhecimento da forma como é utilizado".

Por trás da polêmica, na verdade, está uma questão crucial nas relações de trabalho: quais são exatamente as fronteiras entre os direitos e deveres dos funcionários e os direitos e deveres da empresa? O assunto é ainda mais delicado porque não depende somente de normas e leis trabalhistas. Envolve a ética, que, embora seja um valor universal, no varejo está sujeita a interpretações subjetivas. "Posturas que para alguns são antiéticas, outros não consideram tão reprováveis", diz a psicóloga Regina Silva, do Instituto Gyraser, consultoria em Gestão de Carreira de São Paulo. Daí, segundo ela, a importância de definir com todas as letras o que cabe a cada um dos lados. "O problema é que, com exceção de grandes companhias, poucas empresas se preocupam em estabelecer regras claras nesse terreno", pondera Silvana Case, vice-presidente da Catho, consultoria em Recursos Humanos de São Paulo.

Fonte: <http://mdemulher.abril.com.br/carreira-dinheiro/reportagem/carreira/etica-trabalho-501888.shtml>. Acessado em 09/05/2014.





? Questão de ética

1. No texto *É permitido ou antiético?*, vimos que um funcionário foi punido por ter utilizado de forma inapropriada o e-mail do trabalho. Em contraponto, a empresa ficou ciente do mau uso feito pelo funcionário de forma ilícita, pois se presume que os funcionários têm direito à privacidade. Para você, quem agiu de forma correta: o funcionário ou a empresa? Justifique a sua resposta.

Resposta pessoal

2. Pense sobre a sua postura no ambiente escolar. Você age eticamente? Dê exemplos de ações éticas e antiéticas que você já presenciou ou das quais participou na sua escola.

Resposta pessoal



Sugestão de Filme ▶▶

O show de Truman

Diretor: Peter Weir

Ele é a estrela do *show*, mas não sabe disso. Truman Burbank é um homem cuja vida é um *show* contínuo de televisão. Truman nem imagina que sua antiquada cidade é um estúdio gigantesco, dirigido por um visionário produtor/diretor/criador, nem que as pessoas que vivem e trabalham lá são atores de Hollywood e que a entusiasmada esposa é uma atriz contratada. Gradualmente, Truman vai percebendo os fatos.

Quase deuses

Diretor: Joseph Sargent

A história verdadeira e emocionante de dois homens que desafiam as regras em sua época para iniciar uma revolução médica. Na Baltimore dos anos 1940, o Dr. Alfred Blalock e o técnico de laboratório Vivien Thomas realizam cirurgias cardíacas usando uma técnica sem precedentes, atuando como equipe de uma maneira impressionante. Mas, ao mesmo tempo que travam uma corrida contra o tempo para salvar a vida de um bebê, ambos ocupam diferentes condições sociais na cidade. Blalock é o saudável homem branco que comanda o Departamento Cirúrgico do Hospital Johns Hopkins; Thomas é negro e pobre, um habilidoso carpinteiro. Quando Blalock e Thomas desbravam um novo campo na Medicina, salvando milhares de vidas graças ao processo, as pressões sociais ameaçam minar sua parceria e pôr um fim à amizade que nasceu entre eles.

O trabalho forma o jovem

O trabalho é um importante espaço de humanização. Nesse contexto de relações, as coisas se modificam, se aperfeiçoam e se humanizam. O trabalho é um espaço de socialização, de construir o trabalhador enquanto pessoa, detentora de valores e conhecimento, sujeito social, portanto protagonista do seu modo de gerar a vida. A juventude é um período de grande energia e vitalidade, é quando os sonhos são grandes, é um estado de potencialidade.

Direito ao trabalho

O acesso ao trabalho é um direito civil e político e uma real possibilidade de exercer a cidadania. Além disso, o trabalho é o espaço por excelência de formar a identidade, estabelecer relações; ter participação social e do exercício do poder político. No entanto, a redimensionalização que o capitalismo oferece ao mundo do trabalho coloca em xeque o direito do trabalhador e seu direito ao trabalho.

Diante do processo de reestruturação industrial, os jovens enfrentam os mesmos problemas que afetam os trabalhadores em geral. Mas sua situação é consideravelmente agravada por serem novos, pela possibilidade de convocação para o serviço militar obrigatório e pela alegada falta de qualificação e treinamento profissional. Vivem, portanto, a contraditória experiência de serem empurrados para o mercado de trabalho e de serem recusados por ele. Além disso, enfrentam a necessidade de complementar a renda familiar ou até mesmo são responsáveis por suprir a lacuna deixada pelos pais que também são vítimas do desemprego. Quase sempre com um salário inferior, péssimas condições nas garantias dos direitos e uma carga horária elevada, os jovens priorizam o sustento em detrimento dos estudos.



goddard/Shutterstock



MNStudio/Shutterstock

68

Cidadania Moral e Ética | 9º ano

Anotações

Sonhos e projetos

Para alguns jovens, não estar empregado representa conviver com dificuldades cotidianas e pode até significar a permanência definitiva fora do mercado de trabalho. Essa situação de exclusão tem efeitos econômicos, sociais e culturais devastadores na expectativa de futuro dos jovens. Seus sonhos e projetos ficam impossibilitados de se tornarem realidade, uma vez que estão excluídos dos espaços de sociabilidade do trabalho, da independência financeira e da escolha de uma profissão.

Para o jovem trabalhador, não ter trabalho significa não ter direito a dignidade, proteção social e necessidades básicas, dificultando a sobrevivência, as relações e o sentido de pertencimento. Repensar o trabalho como emprego restrito à sobrevivência é ir além dessa garantia para conquistar, no aspecto mais amplo, o sentido de pertencimento na lógica do sujeito de direitos e de uma equidade social.

Em sua essência, o trabalho precisa expressar a criatividade, a inteligência e as potencialidades apresentadas na diversidade de

cada homem e de cada mulher. Essas potencialidades devem ser desenvolvidas de forma artística e livre para que possam contribuir na construção das relações e da participação ativa em suas produções. Não há outra categoria que, na realidade, tenha condições para revelar a produção material do ser humano do que o trabalho. É através dele que o homem e a mulher revelam o que são, o que fazem, tanto na sua dimensão subjetiva quanto na objetiva, modificando a si mesmos por suas ações, vivenciando o ser social. O trabalho pode propiciar um mundo de abertura, de relações com outros grupos de diferentes faixas etárias, papéis e vivências que contribuem para o crescimento e o amadurecimento sadio. Com a juventude, o trabalho estabelece a possibilidade de recravar o sentido do próprio trabalho para a humanidade. Mas nada do que está posto é imutável e inevitável. E é nesse exercício diário que se constrói aquilo que queremos e vamos vir a ser.

Revista Mundo Jovem. Maio, 2009.

AP/Shutterstock



Sugestão de Filme

Doutores da alegria

Diretora: Mara Mourão

Um filme sensível e bem-humorado, que resgata a importância da figura do palhaço, um ser irreverente, sábio e generoso, capaz de provocar verdadeiras transformações com sua capacidade de olhar a vida por novos ângulos. Sempre apontando o ridículo da situação nele mesmo, o palhaço torna-se a figura ideal para remexer baús empoeirados, chacoalhar estruturas, arejar nossas mentes.

Os estagiários

Diretor: Shawn Levy

Tentando renovar suas carreiras obsoletas, os vendedores Billy e Nick conseguem um programa de estágio no moderníssimo campus do Google, programa este que leva a vagas disputadíssimas por universitários em tecnologia que têm metade da idade de Billy e Nick e são duas vezes mais inteligentes do que eles. A competição fica acirradamente divertida, pois Billy e Nick quebram todas as regras numa busca hilária para conseguir o almejado emprego dos sonhos!

Anotações

Fundamentação

Filmes, ensino e sala de aula

Pensar a respeito do uso de novas mídias e tecnologias em sala de aula gera diversos debates sobre o modo como devem ser usadas e qual a sua influência no método ou na didática do professor, isto é, de que modo professores e alunos se apropriam de tais recursos como material didático, que métodos de leitura são empregados na análise dessa relação. A educação a ser oferecida exige novos pressupostos, entre eles aquele que admite a produção de textos em **imagem-som** e a **consequente** difusão de conhecimentos que possam ter legitimidade, confiabilidade e valor epistemológico, tais como outras fontes usadas em sala de aula. Nesse caminho, é visível como os recursos audiovisuais ocupam, hoje, um lugar estratégico na dinâmica da cultura cotidiana das maiorias, na transformação das sensibilidades, nos modos de construir imaginários e identidades. [...]

A relação entre o ensino e o uso de novos meios de comunicação, como o cinema, é próxima, sendo que desde o início a produção audiovisual foi considerada como um poderoso instrumento de educação e instrução. Para refletir a respeito dessa questão, basta relembrar alguns casos que extrapolam a sala de aula, como os cinejornais, ou actualités, que eram exibidos antes dos filmes, exercendo um grande poder de convencimento sobre a população em geral. [...]

Os documentários, não obstante a sua aparente objetividade, também são representações sobre o passado e como tais devem ser tratados. A seleção do tema, dos fatos abordados, das imagens e o seu encadeamento, a música utilizada, o conteúdo do texto narrado e a sua inserção, tudo isso faz parte do universo de subjetividade presente no filme, que deve ser abordado à luz da relação passado-presente.

O que difere um filme de ficção de um documentário é que este faz asserções ou proposições tangentes ao mundo histórico. Pode-se dizer que o documentário é uma forma de narrativa que utili-

? Questão de ética

1. Segundo o texto, qual é a importância do trabalho no desenvolvimento do jovem?

O trabalho é um espaço importante de humanização. É nele que os jovens podem desenvolver sua identidade, ampliar suas relações sociais, etc.

2. Você já esteve ou está empregado? Se sim, escreva sobre sua experiência; se não, faça uma breve entrevista com alguém que está no mercado de trabalho e procure saber como a vivência profissional o ajuda a se desenvolver socialmente.

Resposta pessoal

3. Qual é o seu sonho profissional? Você sabe como realizá-lo?

Resposta pessoal

4. Faça uma breve pesquisa sobre a profissão que você deseja seguir. Procure algumas informações sobre centros profissionalizantes, universidades ou instituições de ensino que oferecem seu curso. Veja também a concorrência para o ingresso nessas instituições. Observe as últimas notas atribuídas ao curso e à instituição de ensino pelo Ministério da Educação (MEC), etc. Reúna todos esses dados e compartilhe com a sala.

Resposta pessoal

za o recurso fílmico e estilos diversos para passar sua mensagem. Assim, ao estabelecer asserções relativas ao mundo, o documentário admite procedimentos que o singularizam com relação ao campo ficcional. O documentário, antes de tudo, é definido pela intenção do autor de fazer um documentário.

O documentário pode ser definido como um filme não ficcional, uma película de asserção pressuposta, que seria um filme ape-

nas envolve uma intenção de sentido por parte do cineasta que fornece a base para a compreensão de sentidos pelo público, assim como uma intenção assertiva por parte do cineasta que serve como base para a adoção de uma postura assertiva pelo público. [...]

Para trabalhar o documentário com os alunos, propõe-se que ele não seja utilizado para ilustrar, mas para apresentar o fazer histórico, como a História é feita

A ética profissional em debate

Falar de **ética** significa tratar das possibilidades humanas; das grandes questões e dos desafios da vida; de seu encaminhamento; e de sua resolução ou não. Segundo o filósofo Manfredo de Oliveira, a Filosofia e, consequentemente, a ética emergiram, no Ocidente, intimamente ligadas à experiência da vida.

A existência é originária e fundamental no sentido de fazer o ser humano perceber que é responsável pelo seu ser individual e social. É o que faz com que todos se percebam como possibilidade, como tarefa de que necessitam dar conta para não incorrer em omissões e desvios que inviabilizem qualquer projeto de vida e de sociedade.

A condição existencial da possibilidade põe em cena questões que obrigam o ser humano a pensar, a refletir e a se posicionar. A primeira talvez seja: sou verdadeiramente livre? Muitos dilemas existenciais surgem a partir do “como” e do “porquê” decidir. O ser humano percebe que suas opções e condutas necessariamente têm implicações éticas.

As questões postas são essenciais para uma reviravolta no mundo profissional. Muitas instituições e pessoas esqueceram-se da ética e pautam seus afazeres, suas funções, suas tarefas, sua profissão meramente pela necessidade do "ganho", também, muitas vezes, eticamente desmesurado. Em contrapartida, um enorme contingente de pessoas, em virtude de mecanismos estruturais, simplesmente não consegue dar conta das demandas mínimas de sobrevivência! O foco (quase) exclusivo no lucro é a origem de problemas que afetam profissões e desvirtuam profissionais, tais como a corrupção, a exploração crescente, a acumulação perversa, o corporativismo, a opressão, a sonegação.



Aqueles que têm a prerrogativa legal de definir os próprios salários — por exemplo, profissionais liberais, juízes, políticos, etc. — devem ter a consciência mínima de que “Nem tudo que é legal é justo, e nem tudo o que é justo é legal”, bem como de que é imoral atropelar o senso comum e a ética e muito feio jogar pela janela a dignidade e a honestidade pessoal.

Não dá para continuar pensando só no seu próprio bem e no lucro. Repensar o sentido humano, pessoal e social do trabalho é a porta de entrada de uma retomada da ética profissional, desafiada a superar a mercantilização das relações sociais e a competição sem limites. Todos os profissionais, de hoje em diante, terão que estar atentos aos impactos ambientais, às **consequências** sociais e aos resultados econômicos de sua atividade. O desempenho profissional requer também eficiência, seriedade, respeito, qualificação científica, educação, sensibilidade humana, entre outros tantos atributos morais.

Mundo jovem – um jornal de ideias. Abril de 2011. Ano 3, nº 12.
Adaptado

Cidadania Moral e Ética | 9º ano

71

e suas diversas formas de escrita, comparando-o ao fazer documentário. Isso colocado, há de se lembrar que qualquer profissional da educação que queira utilizar algum recurso audiovisual em sala de aula deve ter um mínimo de conhecimento técnico sobre o assunto. Negar tal saber é cair na armadilha de um cine-ilusão. Os recursos audiovisuais (dentre eles, o documentário) devem gerar um novo conhecimento, e não simplesmente

interpretações superficiais. [...]

Portanto, para trabalhar o documentário em sala de aula, é ideal que o professor aponte interpretações e apresente um debate, nunca para a desqualificação da obra, mas, sim, para problematizá-la.

SALES, Eric. História e documentários: Reflexões para o uso em sala de aula. Disponível em: <http://www.revistas.ufg.br/index.php/sv/article/view/9866/6742>. Acessado em: 15/12/2013. Adaptado.

Anotações

Para refletir

Os jovens e o dilema da escolha profissional

Ao longo da vida fazemos muitas escolhas. Mas considero que uma das mais difíceis é a escolha profissional. Os jovens, que mal saíram da adolescência, precisam tomar uma decisão que pode definir seu futuro. Além disso, são bombardeados por informações sobre as melhores profissões para trabalhar e ainda sofrem com a pressão dos pais e as influências de seus grupos de amizades.

Em alguns casos, a escolha da profissão ocorre ainda na infância. Brinadeiras e sonhos infantis acabam se tornando um objetivo na vida dos adolescentes. A pergunta “O que você deseja ser quando crescer?” continua sendo comum na vida das crianças e já vem repleta de expectativas dos adultos. Elas podem optar pela profissão dos pais ou, conforme crescem, vão alternando as preferências de acordo com o que aprendem sobre cada uma.

É positivo para os jovens receber incentivos dos pais para seguirem seus próprios desejos. Contudo, esse desprendimento não é tarefa fácil para os pais, que pensam em um futuro próspero para seus filhos, visto que a prosperidade está muitas vezes relacionada a profissões reconhecidas e valorizadas socialmente. Assim, alguns jovens adultos terminam por assumir um desejo que não lhes pertence e logo se frustram no início do curso superior.

Como fazer a melhor escolha profissional?

Claro que não há uma regra. Mas a melhor escolha será aquela em que o jovem se percebe mais seguro e confortável. Ele precisa conseguir vislumbrar seu futuro na profissão. Para os mais indecisos e que não conseguiram encontrar a vocação, um psicólogo especialista em escolha profissional pode ser essencial.

Entretanto, o primordial ainda é o apoio dos pais ou responsáveis. Com a certeza de que independentemente da escolha eles terão aqueles que os amam ao seu lado, a pressão para fazer a escolha certa diminui consideravelmente. E, caso não se sintam preparados para ingressarem em uma faculdade logo quando terminam o Ensino Médio, não custa nada esperar para tomar uma decisão mais consciente e livre de obrigações. Mas, se optarem por fazer uma escolha e posteriormente descobrirem que aquele desejo não era realmente o que esperavam, nunca é tarde para mudar e tomar novos rumos.

Disponível em: <http://www.personare.com.br/os-jovens-e-o-dilema-da-escolha-profissional-m3361>. Adaptado.
Acesso em 21/10/2016.



Questões para reflexão

1. Por que tomar uma decisão e fazer uma escolha é uma tarefa sempre árdua para os seres humanos?
2. O que significa o trabalho digno na vida de uma pessoa?
3. Comente e relate a temática do texto *Os jovens e o dilema da escolha profissional* com os outros textos estudados neste capítulo, que envolve o tema ética profissional.

O que esperar de adolescentes e jovens?

Cada idade tem sua sabedoria. Aprendemos a valorizar os idosos, por exemplo, porque nos fazem viva a memória de nosso passado, com os valores vividos e que nos servem de referência. A juventude também tem a sua sabedoria. Um exemplo é a facilidade que os jovens têm para lidar com os novos meios eletrônicos, com as novas tecnologias.

O próprio Papa Paulo VI já dizia, em 1971, que devemos ouvir a sabedoria dos jovens: “É conveniente até que certos jovens sejam mestres e educadores dos seus companheiros. A

sua idade permite-lhes assimilar novos tipos de cultura e comunicá-la aos da sua geração”. Nesse sentido, a sabedoria dos jovens corresponde a uma utopia que nos faz olhar para o futuro, a uma projeção do que desejamos. É preciso olhar com cuidado para a juventude. Nela, a realidade social e os dramas da condição humana estão presentes de forma mais intensa. É a ponta do iceberg. Como diz a socióloga Marília Spósito, “O modo como uma sociedade olha a juventude é uma metáfora do modo como ela olha para si mesma”.



Sugestão de Abordagem

Cooperação: da sala de aula para o mundo

Essa atividade pode ser desenvolvida em duas aulas de 50 minutos, ou conforme seu planejamento e sua rotina de trabalhos. Com essa atividade, nós propomos os seguintes objetivos que os estudantes podem aprender durante essas aulas:

1. Identificar as próprias ações e as dos colegas relativas a atitudes cooperativas.

2. Perceber a importância da cooperação para resolver uma mesma situação-problema.

3. Conhecer e analisar relatos de situações de cooperação vividas entre as pessoas em casa, na escola, na rua e em outros espaços sociais.

Desenvolvimento

Aula deve ser iniciada apresentando aos alunos uma **sequência** de imagens que remetem à **ideia** de cooperação, para que eles possam se expressar sobre elas. No momento de apresentação das imagens, se poderá fazer a pergunta: O que estas imagens representam para vocês? Registre a fala dos alunos na lousa.

Dando continuidade, se propõe aos alunos o exercício de, a partir das palavras geradoras listadas na lousa, pensar coletivamente, ou seja, considerar as ideias expressas pelo outro e rever as próprias ideias, se necessário, culminando em uma construção coletiva. Poderá também ressaltar a importância do trabalho em equipe, comentar que juntos podemos muito mais do que cada um separadamente, pois nos tornamos mais fortes, conquistamos objetivos comuns, enfim, fazemos a diferença.

A partir deste exercício, os alunos produzirão um texto sobre a importância da cooperação em nossas vidas. O texto deverá ser registrado em um cartaz para ser utilizado em outro momento da aula.

É importante apresentar aos alunos

Que geração é essa?

É fato que mudou muito o jeito de ser adolescente de algumas décadas para cá. Na verdade, mudou porque o mundo mudou, e mudamos todos nós. São mudanças que trazem perdas e conquistas.

Se, por um lado, ganhamos em liberdade e pragmatismo; por outro, perdemos em idealismo e encantamento. Uma das características dessa geração, fruto da revolução tecnológica, é o desejo de fazer tudo ao mesmo tempo: estudar, ouvir música, vasculhar a Internet. Também conhecida como *geração Z* — de zapear —, essa geração é formada por nativos digitais, que já nasceram em um mundo marcado pela Internet. Não imaginam a vida sem computador, *chats*, redes de relacionamento, iPods ou telefones celulares.

Sempre conectados, são mais informados e possuem interesse por diversos assuntos. São capazes de conectar-se com uma vasta rede, mas sem profundidade. A velocidade é tão grande que refletem pouco sobre as informações, não avaliam nem interpretam e sentem muita dificuldade em definir prioridades. É uma geração ansiosa, porque está exposta a um excesso de informação que faz da concentração e da reflexão capacidades raras.

Aprendendo com eles

Se for necessário recuperar um programa no computador, basta chamar o adolescente mais próximo. São eles também os consultores da família na hora de adquirir um novo aparelho eletrônico. Nós, adultos, devemos aprender com os adolescentes e jovens a abrir janelas sem ter vergonha. Os jovens estão mais abertos ao futuro. Podemos aprender com eles que ser multimídia e ficar conectado a inúmeros aparelhos permite trocar conhecimentos com mais pessoas simultaneamente e

receber informações amplas sobre o mundo.

Não podemos querer voltar atrás e achar que os jovens vão abrir mão desses prazeres e dessas facilidades. Mas aprender também com as perguntas: o que vale mais: a preservação de nossas forças, que nos garante uma vida mais longa, ou a liberdade da máxima intensidade e variedade de experiências? Melhor viver a mil, em menos tempo, ou viver com moderação, em mais tempo? Melhor ficar acordado até tarde pelo prazer da companhia ou voltar cedo para casa, já que, no outro dia, os compromissos nos esperam? O prazer ou a vida?

Para os jovens, para quem a morte parece muito distante, parece não haver dúvida de que é preciso viver intensamente o momento presente, pois “O tempo não **para**”. Este é um questionamento que nos desafia a novamente perguntar: será que temos outras razões que não seja apenas a decisão de durar um pouco mais para que nos privemos dos prazeres da vida? Qual é o critério do bem ou do mal quando a paixão de viver é tão grande que ameaça nossa própria vida?

O mais importante é que as gerações se encontrem. A juventude é muito veloz e capaz, mas não lida bem com perdas e frustrações. A família é o lugar onde os filhos são preparados para crescer e se tornar independentes. O adolescente necessita conquistar seu espaço no mundo adulto, fazendo suas próprias escolhas. Porém, são poucos os jovens em condições de vislumbrar alternativas para o seu projeto de vida.

A nossa esperança no futuro depende da resposta que daremos à seguinte questão: o que fazer juntos para que possamos viver mais e melhor? Ou seja, é preciso uma ética da cooperação e da solidariedade, superando o individualismo e a competição, muito presentes em nossas ações.

uma atividade de pesquisa que se iniciará na sala de aula, com os próprios colegas, e que terá continuidade fora da escola, atingindo outros espaços sociais, como família, clube, praças, parques, ruas, dentre outros.

Primeiramente, em duplas, farão o exercício de entrevistar o colega, com o intuito de conhecer e resgatar atitudes cooperativas praticadas no espaço escolar. Em um segundo momento, a ser previamente

definido com a turma, com prancheta, roteiro de entrevista e lápis na mão, os alunos deverão entrevistar as pessoas para conhecer situações de cooperação vividas por elas. Para colaborar com essa atividade sugerimos logo a seguir um roteiro da entrevista que será utilizada pelos alunos, no entanto o roteiro poderá ser modificado, de acordo com a realidade da turma.

? Questão de ética

- 1.** De acordo com o texto, é muito importante que uma geração troque experiência e informação com as outras. Você concorda com essa afirmação? Por quê?

Resposta pessoal

- 2.** converse com seus pais sobre as principais diferenças entre a sua geração e a geração deles. Que contribuição os adolescentes da geração dos seus pais deram à sociedade e quais contribuições os jovens dão para a sociedade atual?

Resposta pessoal

- 3.** Quais são os limites e os desafios para a geração atual de adolescentes e jovens?

Resposta pessoal

- 4.** Você acha que o espírito competitivo é uma característica positiva ou negativa da sociedade? Justifique sua resposta.

Resposta pessoal

Roteiro de Entrevista

Sexo: () Feminino () Masculino

Idade: ____ anos

- Você se lembra de alguma situação em que cooperou com alguém? Conte como ela aconteceu.

- Para você o que significa cooperação?
- Você já se deparou com alguma falta de cooperação ao seu redor?

De volta para a sala, os alunos deverão ler as entrevistas realizadas por eles, para que todos conheçam os diferentes relatos das pessoas entrevistadas. Seria interessante que se fosse possível socializar com o professor da área de Matemática a fim de cooperar com a turma, na apresentação dos resultados quantitativos referentes a sexo e idade das pessoas. Se poderá também utilizar esses resultados para trabalhar em suas aulas com situações-pro-

Diálogo com o professor

É importante a troca de experiência para fomentar o conhecimento e fazer relação entre o passado e o presente.

O diálogo entre gerações favorece um enriquecimento de experiências que podem ser úteis tanto para os alunos mais novos quanto para os alunos mais velhos.

blema e desafios lógicos referentes ao conteúdo curricular.

Os alunos deverão escolher e analisar algumas situações interessantes, curiosas e originais contadas pelos entrevistados, para serem reescritas por eles. Depois de reescritas, deverão ser colocadas em um painel intitulado: *cooperação: da sala de aula para o mundo*, juntamente com o cartaz produzido pelos alunos.

Avaliação

Para a avaliação, propomos dois tópicos:

- **Auto-avaliação dos alunos (oral ou por escrito):** avaliar a participação individual e em grupo nos momentos da aula.

- **Avaliação dos alunos pelo professor:** verificar se os alunos conseguiram perceber a importância de cooperar uns com os outros para realizar com responsabilidade a pesquisa; analisar os relatos de situações de cooperação vividas entre as pessoas em casa, na escola, na rua e em outros espaços sociais.

Objetivos Pedagógicos

- Problematizar os aspectos práticos e psicológicos envolvidos nos atos de ficar e namorar.
- Examinar a influência da cultura na nossa relação com o corpo e a sexualidade.
- Conhecer as principais doenças sexualmente transmissíveis (DSTs), suas formas de transmissão, seus sintomas, os métodos de tratamento e a prevenção.
- Refletir sobre os problemas existentes na gravidez na adolescência.

Sugestão de leitura //

O livro a seguir também toca no assunto da **paixão** e do (des)compromisso afetivo na adolescência. De forma simples e original, o poeta Fabrício Carpinejar fala de valores e emoções comuns à juventude.

**Diário de um apaixonado:
Sintomas de um bem incurável**
Autor: Fabrício Carpinejar

Uma versão masculina do álbum Amar é... Reunião de máximas e aforismos descrevendo a repentina mudança de comportamento no amor. Com linguagem simples, bem-humorada e sem pudor, Carpinejar captura a intimidade sigilosa e atrapalhada de um apaixonado. Este é um livro que seduzirá adolescentes e adultos; afinal, o apaixonado é sempre um adolescente, não importa a idade. Todo apaixonado sofre uma metamorfose apoteótica de personalidade, vivem um tempo de suspensão e num espaço muito distante do tédio.



Vamos dialogar!

Observe as imagens e converse com seu professor sobre a relação entre as fotos e o tema da unidade.



De cima para baixo da esquerda para direita: Stefano Troni, comodo, michaelfjung/Shutterstock



Anotações

Ficar x namorar

É interessante escutar os jovens atualmente falarem sobre suas experiências sexuais. Há algum tempo, tem-se intensificado a prática de ficar. Ficar corresponde a uma relação que, a princípio, não tem nenhum tipo de compromisso. Namorar, há muito tempo, é outra coisa: requer, pelo menos, um certo nível de compromisso.

Vale a pena levantar alguns pontos quanto a essa questão:

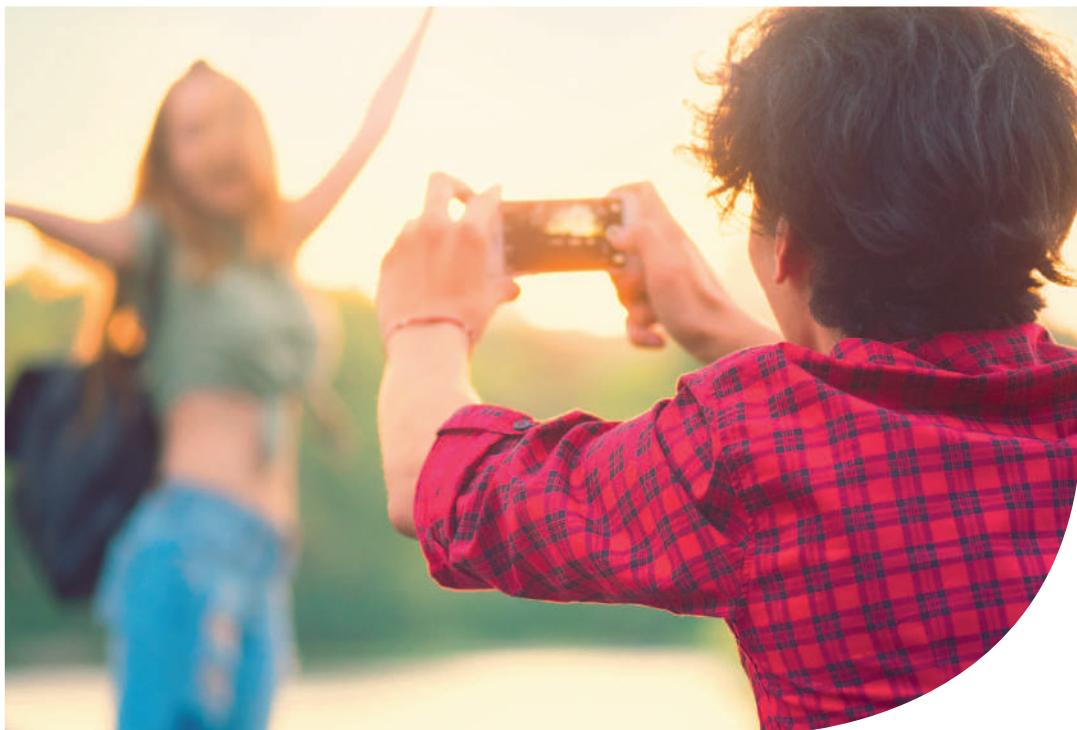
- Qual é a vantagem de ficar e qual é a vantagem de namorar?
- Por que ficar e por que namorar?
- Quando ficar? Quando namorar?
- Como você se sente ao ficar? Como você se sente ao namorar?
- O que você acha melhor: ficar ou namorar?

Todas essas questões servem como reflexão sobre as **consequências** de ficar ou de namorar. É preciso ter ciência de como você trata seu corpo e como gostaria que as pessoas o tratassesem.

Além disso, há o aspecto do respeito que envolve essa questão, pois cada pessoa tem um determinado parâmetro do que vem a ser respeito. Por exemplo: fingir que nada aconteceu depois de uma ficada corresponde a uma atitude de respeito em relação a você e ao outro?

Portanto, o mais importante é cada pessoa se sentir preparada para ficar ou namorar, tendo a consciência das consequências de cada um desses momentos.

Subbotina Anna/Shutterstock



Fundamentação

Sexualidade humana: reflexão ética

A sexualidade aparece ao ser humano como uma realidade assaz misteriosa que, desde os tempos mais remotos, mergulha num fundo mítico. Na multiplicidade das dimensões que lhe são inerentes, três aparecem particularmente relevantes, oferecendo, desse modo, um ponto de partida para uma reflexão geral sobre a sexualidade: a força cosmovital, o sagrado e a presença humana. O fundo mítico da sexualidade humana mantinha fortemente interligadas essas dimensões, que, na nossa cultura contemporânea, apresentam-se em larga medida dissociadas.

Como fenômeno cosmovital, a sexualidade está ligada à geração de novos seres vivos. Ela é uma força instintiva graças à qual a vida perecível dos organismos animais se perpetua e se desenvolve, tendo como efeito, no decurso de milênios, conjuntamente, a permanência e a evolução das espécies animais. Para o ser humano, contudo, a reprodução sexual animal e humana se reveste de uma conotação quase mítica e sagrada, em virtude da sua proximidade com o mistério da origem de todos os seres vivos. Mas, na medida em que não se identifica pura e simplesmente com a reprodução, a sexualidade especificamente humana introduz parâmetros novos de vivência e de compreensão, os quais interferem com o ciclo espontâneo das gerações.

É, contudo, a interligação dessas três dimensões na vivência humana que caracteriza a sexualidade das sociedades primitivas. Em função dessa interligação, a sexualidade humana é atravessada por uma dimensão cósmica, fazendo participar homem e mulher na força reprodutiva e criativa do mundo da vida. Essa vida é, então, imaginariamente percebida como um elemento integrado na "vida" do próprio cosmos e beneficiado da aura sagrada que afeta a totalidade cósmica. O nascimento de uma nova criança evoca e reproduz o mistério fascinante da vida.

Corpo e sexualidade

Nunca se falou tanto do corpo e da sexualidade como nas últimas décadas. A cultura contemporânea encontra-se marcada por uma hipervalorização do corpo e da sexualidade. Experimentamos o mundo através de nosso corpo; sendo assim, toda cultura é, necessariamente, cultura do corpo.

O corpo tornou-se um referente privilegiado para a construção das identidades pessoais. Há uma série de motivos que apontam para essa novidade. O corpo nunca esteve tanto em evidência, graças à revolução sexual, aos avanços das ciências, sobretudo das biociências e da biotecnologia, uma vez que ambas explicitam e aprofundam a compreensão genética e protética do corpo.



Maksim Tomic/Shutterstock

No contexto da sociedade industrial, segundo a teoria de Hannah Arendt (1906–1975), filósofa e pensadora política, encontramos as premissas comuns à maioria das explicações do consumismo. Tais premissas também contribuíram para a nova cultura do corpo: a prática econômica deu origem ao hábito de consumir, sustentado pela demanda emocional do corpo por prazer e ausência de dor, que resulta na insatisfação psicológica permanente do consumidor. A emergência histórica do consumo esteve relacionada a alguns fatores, como o aumento da produtividade industrial, o avanço tecnológico, a produção em grande escala, e não mais artesanal. Vender tornou-se a meta final da produção.

Segundo Arendt, os objetos tornaram-se cada vez mais descartáveis. Ao lado dessa reflexão, está a desorientação pessoal pela perda dos valores tradicionais, pois não há mais quem herde o sentido moral e emocional que um dia eles materializavam. Assim ocorre de modo similar com o corpo: "As imagens corporais se tornaram instáveis e intercambiáveis, porque nos recusamos a fazer pulsar em nossos ideais éticos que estavam lá antes que elas existissem e que continuaram lá depois que elas cessassem de existir".

Desse modo, as três dimensões primordiais que oferecem uma inteligibilidade à sexualidade estão aparentemente presentes em todas as sociedades primitivas: a força vital que envolve a espécie humana no seio de todas as espécies vivas sem privilegiar esta espécie particular; o mistério sagrado dessa força, que tem uma dimensão cósmica na medida em que se entrelaça com a origem do mundo; enfim, o rosto específico que a sexualidade hu-

mana assume quando da sua institucionalização pelas regras sociais e morais.

É essa sólida interligação que já não existe nas sociedades contemporâneas consideradas como desenvolvidas. O conhecimento científico dos mecanismos da reprodução contribui para fazer retroceder a dimensão sagrada e misteriosa da sexualidade humana. Do mesmo modo, apaga-se progressivamente a ligação espontânea da sexualidade



? Questão de ética

1. Para você, o que justifica, na sociedade atual, o ato do ficar?

Resposta pessoal

2. Como o regime capitalista tem influenciado a vida afetiva da humanidade?

O modelo capitalista influencia na diversidade, no consumo e, como consequência, na necessidade de troca já usado ou possuído pelo novo. De modo implícito, mas não ingênuo, influencia as relações sociais, marcadas pela facilidade de substituição dos sujeitos, pela reprovação da identidade e pelo não reconhecimento respeitoso desta, pela ausência de transparência e de lealdade. Daí, é preciso repensar o modo como as relações estão sendo construídas.

3. O que significa dizer que “experimentamos o mundo através do nosso corpo”?

Significa que o corpo se constitui com o mundo, onde se firmam as impressões humanas, bem como a identidade histórica, temporal e cultural.

4. Quais são as evidências apontadas pelo texto *Ficar x namorar* para o corpo ter-se tornado um referente para a construção das identidades pessoais?

Revolução sexual, os avanços das ciências, sobretudo das biociências e a da biotecnologia, uma vez que ambas explicitam e aprofundam a compreensão genética e protética do corpo.



humana com o caráter cósmico da força vital. Quanto à terceira dimensão, subsiste um conflito latente entre o esforço de disciplinar a sexualidade humana pela sua integração na instituição (as diferentes formas de união matrimonial) e o caráter rebelde de uma sexualidade que procura a total liberdade das suas expressões. Pode-se considerar, porém, que, até nas sociedades desenvolvidas, as dimensões assinaladas manifestam

ainda a sua presença eventualmente de modo intermitente, residual ou subconsciente.

Na esteira dessas considerações, importa sublinhar o impacto das ligações parciais. Apreendida no pano de fundo da força cosmovital, a sexualidade humana acentua a sua vertente de vida anônima. A presença humana se encontra, assim, diluída na pujança dessa força, de tal modo que, despertando para o mistério

da vida, o ser humano adulto se sente invadido por uma força anônima, sem rosto e quase violenta. Não estamos longe das bacanais e de toda a corrente dionisíaca que ilustra o lado “noturno” da vida, isto é, o seu lado pré-pessoal. Nas orgias sexuais do tempo dos antigos gregos ou no tempo presente, apaga-se a individualização humana, como se o essencial consistisse em se deixar absorver ou atravessar pela torrente da força sexual. Na sua passagem, esta varre tudo o que, no ser humano, lembra a personalização do rosto. Nas bacanais antigas, o uso de máscaras fazia com que os rostos desaparecessem por detrás dos corpos, dos quais emanava apenas uma força ou um poder de sedução erótica. O preço a pagar é, contudo, alto: enquanto não orientado para a pessoa, mas para o sexo, por assim dizer objetivo, o comportamento humano se apresenta como **infraético** ou, mais exatamente, como norteado apenas pelo valor da “vida animal”.

Em sentido contrário, na altura em que aparece uma ética da sexualidade de cariz pessoal, desmorona-se a dimensão do “sagrado arcaico” e anônimo que estava subjacente às orgias dionisíacas. Essa dimensão dionisíaca, no entanto, permanece em outras culturas e religiões. Por exemplo, no hinduísmo, com a proliferação do simbolismo cosmovital, repleto de hierogamias, de atos de guerra e de amor.

Segundo Paul Ricoeur, foi sob o impacto cultural do monoteísmo ético e da razão técnica que se operou essa transformação histórica. A violência do Eros deve ceder o passo à ordem e à disciplina. A sexualidade deve aceitar não só os moldes da instituição familiar, mas as suas **consequências** relativas ao respeito pela pessoa, enquanto que as relações性uais se inscrevem dentro do “contrato” do casamento.

A institucionalização da sexualidade tem, assim, como objetivo transformar a antiga força cosmovital num encontro pessoal e personalizado de corpos sem máscara, como se a nudez dos corpos

prolongasse a transparência dos rostos. A força da pulsão sexual não se deixa, porém, tão facilmente apazigar. Uma espécie de luta se instaura entre uma sexualidade disciplinada e o vigor dessa força pulsional, a qual resiste ao freio da ordem e faz permanentemente sentir a sua energia avassaladora e quase caótica. Além disso, acontece que, na espécie humana, a capacidade procriativa, ou sexualidade genital, precede a maturidade psicológica; do mesmo modo, nas sociedades ocidentais, a maturidade psicológica precede muitas vezes a capacidade socioeconômica de fundar uma nova célula familiar.

ARCHER, Luís. Disponível em: http://www.cnecv.pt/admin/files/data/docs/1273057680_P029_SexualidadeHumana.pdf. Acesso em 18/12/2016.

Sugestão de ● Abordagem ●

Doenças sexualmente transmissíveis

A sexualidade é um aspecto natural do ser humano, despertado comumente na adolescência. Entretanto, os estímulos externos (contexto social, mídia, etc.) e internos (biológicos) têm conduzido nossos estudantes ao florescimento precoce da sexualidade. Diante desse contexto, percebe-se a necessidade de abordar esse tema possibilitando o avanço do conhecimento de senso comum para o científico, e daí, construir uma base que possibilite reflexão, conhecimento e conscientização dos valores e das atitudes ao se confrontar com essa nova fase da vida.

Cronograma

Serão disponibilizadas três aulas durante o trimestre para a realização do projeto. Sugestão: a primeira aula de cada mês.

Para refletir



Stanislav Malyshev/Shutterstock

Cada vez mais cedo

Os adolescentes de hoje são a geração mais bem informada sobre sexo. Eles têm aulas de educação sexual na escola, leem a respeito nas revistas, veem os *reality shows* da televisão, e, se restar algum vestígio de dúvida, há sites na Internet que respondem a qualquer questão sobre o tema. Os jovens não apenas sabem muito como não há amarras sociais nem familiares que verdadeiramente impeçam de passar da teoria à prática no momento escolhido por eles próprios. Nada disso, vale dizer, impede que estejam confusos e divididos sobre temas como virgindade, fidelidade, namoro e casamento. O conhecimento também não é suficiente para evitar descuidos, como sexo sem camisinha. Por ano, nasce um milhão de bebês de pais adolescentes no Brasil. "O início da vida sexual é um processo extremamente complexo para qualquer pessoa, de qualquer geração", diz Paulo Bloise, psiquiatra da Universidade Federal de São Paulo, especialista em adolescência.

A persistência das angústias em relação à vida amorosa, apesar do conhecimento e das liberdades atuais, tem uma explicação óbvia. "Sexo não é só uma questão de informação, mas também de maturidade", pondera o psicólogo Maurício Torselli, do Instituto Kaplan, centro de estudos da sexualidade em São Paulo. Esta é a primeira geração que não conta com a orientação de um guia socialmente rígido para a sexualidade. Pais e mães estão igualmente confusos, preocupados e tão carentes de parâmetros quanto os próprios filhos. Muitos deles tentam estabelecer paralelo entre o que está acontecendo e sua própria geração. Os dois momentos são diferentes. O desejo de romper estruturas sociais esclerosadas fez da liberdade sexual uma das bandeiras dos jovens das décadas de 1960 e 1970. Quando chegou a vez deles, deram liberdade aos filhos, mas não incluíram no pacote um modelo de comportamento sexual. O que se observa na sexualidade da atual geração não tem nem

80

Cidadania Moral e Ética | 9º ano

Público-alvo

Adolescentes do 8º e 9º anos do Ensino Fundamental. Sugestão: pode-se dividir a orientação por sexo (masculino e feminino) de acordo com os profissionais envolvidos no projeto.

Objetivo geral

Contribuir para a criação de um espaço de reflexão e discussão do tema sexualidade e adolescência, estimulando a au-

tonomia e responsabilidade dos jovens para com a saúde do próprio corpo e sua sexualidade.

Objetivos específicos

- Conhecer os sistemas reprodutores feminino e o masculino.
- Perceber a higiene pessoal como particularidade necessária à saúde do corpo.



Photographer: eu/Shutterstock

vestígio daquela energia rebelde e transformadora. O debate agora não é mais a presença de limites, e sim, eventualmente, a ausência deles.

A precocidade e a ousadia dos primeiros relacionamentos são uma característica de hoje. A média de idade da primeira vez das meninas é de quinze anos, de acordo com pesquisa da Unesco, nas principais capitais do País. A dos meninos, quatorze. O surpreendente é que muitos jovens que têm vida sexual ativa não começaram com um namoro firme, mas com alguém com quem ficavam. A pressão sobre os adolescentes para que iniciem a vida sexual deve fazer com que os jovens se sintam em um túnel de vento. Como tomar a decisão? A única resposta é: pense bem se você está preparado e se é isso mesmo o que quer. "Um risco é o jovem, de tanto ouvir falar de sexo, ter a falsa **ideia** de que crescer significa ter quanto antes uma relação sexual", diz o psicólogo paulista Antônio Carlos Egypto, do Grupo de Trabalho e Pesquisa em Orientação Sexual. Nesse assunto, os pais podem ajudar bastante. Muitos deixam de perguntar sobre a vida dos filhos quando eles chegam à adolescência. É um erro. Os especialistas aconselham a continuar a falar sobre comportamento, expectativas e valores. Só é preciso evitar pronunciamentos solenes.

Adolescentes odeiam sermões — especialmente sobre sexo.

Revista Veja Especial Jovens. Abril-julho. 2003.

! Questões para reflexão

1. Qual é o tema central do texto?
2. Você concorda com os argumentos apresentados?
3. Você acha que já sabe o suficiente sobre sexo?
4. Como você acha que vai saber o momento adequado para começar sua vida sexual?
5. Qual é a relação entre o texto e o tema do capítulo?

- Reconhecer as mudanças físicas e psicológicas que ocorrem na adolescência.
- Esclarecer mitos e tabus sobre sexualidade.
- Conhecer as DSTs, suas manifestações e **consequências** para o ser humano.
- Identificar os métodos contraceptivos comuns em nossa sociedade.
- Identificar o papel da mídia nas rela-

ções ligadas à sexualidade e aos valores.
• Sensibilizar os estudantes sobre como suas ações requerem responsabilidades.

Metodologia

O procedimento metodológico deste projeto teve como critérios o avanço da aprendizagem, a partir dos conhecimentos prévios dos estudantes, ampliando sua visão de mundo e possibilitando a construção de uma nova postura fren-

Anotações

te aos novos saberes. Para atingir tais objetivos, serão utilizados, como instrumentos didáticos, leitura compartilhada, interpretação oral e dramatização, interpretação artística, socialização, leitura individual, textos informativos, discussão, cartazes, palestras de profissionais.

Avaliação

A avaliação da aprendizagem será realizada durante todo o desenvolvimento deste projeto, no qual os estudantes serão observados quanto ao envolvimento, interesse, bem como à participação, assiduidade, habilidade na solução dos problemas propostos, postura construída diante do novo conhecimento e às produções individuais e coletivas.

Disponível em: <http://www.cnfsc.com.br/userfiles/file/projetosexualidadenaadolescencia.pdf>. Acesso em 02/12/2016.

Afetividade e sexualidade

Doenças sexualmente transmissíveis (DSTs)

Ao iniciar a vida sexual, é preciso estar ciente de como praticar o sexo seguro. Sexo seguro é o sexo sem risco de ser contaminado ou de contaminar o parceiro com doenças que, em sua maioria, são transmitidas pelo contato sexual.

As doenças sexualmente transmissíveis (DSTs) são transmitidas, principalmente, por contato sexual sem o uso de camisinha com uma pessoa que esteja infectada e geralmente se manifestam por meio de feridas, corrimentos, bolhas ou verrugas.

Há uma variedade muito grande de DSTs. Algumas delas são: cancro mole, clamídia e **gonorreia**, condiloma acuminado (HPV), doença inflamatória pélvica (DIP), donovano-se, hepatites virais, herpes, infecção pelo vírus T-linfotrópico humano (HTLV), linfogranuloma venéreo, sífilis, tricomoníase, Aids (HIV).

As DSTs são muitas e podem ser causadas por diferentes agentes. Apesar disso, elas podem ter sintomas parecidos. Assim, é importante ter certeza e comprovação de que o parceiro é sadio, porque, normalmente, no sexo, há troca de fluidos corpóreos, como esperma, secreção vaginal e sangue.

Além disso, é necessário utilizar sempre

algum preservativo. O mais comum é a camisinha, também conhecida como **camisa de vénus**, ou **condom**. Essa última palavra vem do latim **condare**, que significa **proteger**. Portanto, a camisinha protege as pessoas não só da gravidez, mas também da transmissão de DSTs. A camisinha é feita com um material elástico que apresenta certa resistência e é utilizada nos genitais masculinos ou femininos. Deve ser usada durante o coito, pois impede o contato entre os fluidos corpóreos dos parceiros. Atualmente, há camisinhas com as mais variadas características: formatos especiais, coloridas, lubrificadas, perfumadas, com sabor, texturizadas, etc.

A camisinha tem índice relativo de proteção em relação àquelas DSTs que não apresentam secreções genitais, pois o agente transmissor delas pode estar localizado fora da área protegida pelo preservativo.

Vale a pena salientar que a camisinha só oferece excelente proteção quando utilizada de forma correta. Caso contrário, é possível acontecer ruptura, perfuração, deslizamento, colocação inadequada, enfim, vários problemas que diminuem a proteção.



luminimages/Shutterstock

? Questão de ética

1. Escreva a resposta de cada uma das perguntas a seguir.

a. Você conhece alguma DST? Qual ou quais?

Resposta pessoal

b. Você sabe que algumas DSTs, quando não tratadas, podem chegar a matar?

Resposta pessoal

c. Você acha que transar sem camisinha é demonstração de confiança? Por quê?

Resposta pessoal

d. O que você deve fazer se achar que está com alguma DST?

Resposta pessoal

e. Você acha que há preconceito com as pessoas que têm DST? Por quê?

Resposta pessoal

Fundamentação

O prazer, a alegria e a felicidade

Não será um pouco estranho introduzir tão tarde o tema do prazer sexual? Não será esse atraso o reflexo de uma análise que ignora as realidades concretas, confirmadas pelas sondagens, para se refugiar nos aspectos filosóficos menos importantes para a vivência cotidiana? Qual é a razão desse atraso? Uma análise que procura compreender um fenômeno não pretende nem deve reproduzir a ordem de importância dos fatores tal como ela é eventualmente vivida. É só preciso que, chegada ao fim, a análise consiga mostrar porque é que não podia começar pelo mais aparente.

O estudo sociológico indica que a procura do prazer e o desejo de ter filhos são, nas relações sexuais, dois fatores que evoluem diferentemente conforme as idades. O grupo etário mais jovem (de 15 a 45 anos) parte de uma nítida prioridade conferida ao prazer (prioridade cuja importância diminui com a idade), ao passo que o equilíbrio dos dois fatores, do ponto de vista etário, é atingido no grupo situado entre 45 e 54 anos.

Antes de ser considerado por si próprio no âmbito da sexologia, o prazer sexual era, pelo menos no segundo milênio da sociedade ocidental, abordado na teoria dos fins ou objetivos do casamento. Qualquer que fosse a sua denominação, o prazer vinha em terceiro lugar, depois da procriação e da comunhão de vida. Tal como todos os esquemas interpretativos, essa teoria gerou, no plano das **consequências concretas**, existências que atingiram formas de equilíbrio notáveis na conduta da sua vida sexual e outras que manifestaram desequilíbrios igualmente patentes. Não se trata, aqui, de indicar rigorosamente em que consiste o equilíbrio ou o seu contrário, mas de salientar a relação, fortemente acentuada no último século do milênio, entre libertação ou repressão do prazer sexual.

Hoje em dia, no entanto, verifica-se que acabou o período da sexualidade oficialmente reprimida, isto é, de uma sexualidade calada ou somente objeto de conversas privadas. A sexualidade invadiu a praça

Para refletir

Doenças sexualmente transmissíveis, HIV e Aids

As chances de se contrair uma DST por meio do sexo oral são menores do que no sexo com penetração?

O fato é que nenhuma das relações sexuais sem proteção é isenta de risco — algumas DSTs têm maior risco de contágio que outras. A transmissão da doença depende da integridade das mucosas das cavidades oral ou vaginal. Independentemente da forma praticada, o sexo deve ser feito sempre com camisinha.

Toda ferida ou corrimento genital é uma DST?

Não necessariamente. Além das doenças sexualmente transmissíveis, existem outras causas para úlceras ou corrimentos genitais. Entretanto, a única forma de saber o diagnóstico correto é procurando o serviço de saúde.

É possível estar com uma DST e não apresentar sintomas?

Sim. Muitas pessoas podem se infectar com alguma DST e não ter reações do organismo durante semanas, até anos. Dessa forma, a única maneira de se prevenir efetivamente é usar a camisinha em todas as relações sexuais e procurar regularmente o serviço de saúde para realizar os exames de rotina. Caso haja alguma exposição de risco (por exemplo, relação sem camisinha), é preciso procurar um profissional de saúde para receber o atendimento adequado.

Onde se deve ir para fazer o tratamento de DST?

Deve-se procurar qualquer serviço de saúde disponível no Sistema Único de Saúde (SUS).

Que período de tempo é necessário esperar para se fazer a identificação de um possível caso de sifilis?

Os primeiros sintomas da sifilis são pequenas feridas nos órgãos sexuais e caroços nas virilhas, que surgem entre 7 e 20 dias após o sexo desprotegido com a pessoa infectada. A ferida e as ínguas não doem, não coçam, não ardem e não apresentam pus. Mas, mesmo sem sintomas, a doença pode ser diagnosticada por meio de um exame de sangue.

Sifilis tem cura?

Sim. A sifilis é uma doença de tratamento simples que deve ser indicado por um profissional de saúde.

Quais as providências a serem tomadas em caso de suspeita de infecção por alguma doença sexualmente transmissível?

Na presença de qualquer sinal ou sintoma de possível DST, é recomendado procurar um profissional de saúde para o diagnóstico correto e a indicação do tratamento adequado.

Quais são os sintomas do condiloma acuminado (HPV)?

A doença se manifesta por verrugas nos órgãos genitais, com aspecto de couve-flor e tamanhos variáveis. É importante procurar um profissional de saúde, pois só ele pode indicar o melhor tratamento para cada caso.

pública; ainda que subsista como o lado muitas vezes secreto e escondido da personalidade individual, ela é analisada, debatida, dissecada nas revistas semanais. O tema da sexualidade "vende-se" bem; do mesmo modo, a evocação próxima ou longínqua do prazer sexual é comercializada até aos limites da banalidade, quer na publicidade, quer nos espetáculos televisivos. Será que o prazer sexual é o núcleo da sexualidade?

Se o ser humano fosse somente corpo

animal objetivo, o prazer seria efetivamente o centro da sexualidade, centro inconscientemente a serviço da sobrevivência da espécie. Mas, para o ser humano enquanto pessoa, o prazer só contém uma satisfação profunda se é mais do que simples prazer. Noutros termos, este deve estar aberto a uma dimensão que, sem negar minimamente a sua realidade de prazer sensível, contém uma abertura constitutiva a algo que excede o prazer e

A vacina contra o HPV está disponível no SUS?

A vacina passou a ser oferecida no SUS a partir de 10 de março de 2014, para meninas de 11 a 13 anos. Para receber a dose, basta apresentar o cartão de vacinação ou documento de identificação. Cada adolescente deve tomar três doses para completar a proteção: a segunda, seis meses depois de tomar a primeira dose; e a terceira, após cinco anos.

O conceito de grupo de risco ainda é válido atualmente?

Atualmente, fala-se em comportamento de risco, e não mais em grupo de risco, pois o vírus da Aids passou a se espalhar de forma geral, sem se deter apenas em grupos específicos.

O que se considera um comportamento de risco, que pode vir aoccasionar uma infecção pelo vírus da Aids?

Relação sexual com pessoa infectada sem o uso de preservativos; compartilhamento de seringas e agulhas, principalmente no uso de drogas injetáveis; reutilização de objetos perfurocortantes com presença de sangue ou fluidos contaminados pelo HIV.

Qual é o tempo de sobrevida de um indivíduo portador do HIV?

Até o começo da década de 1990, a Aids era considerada uma doença que levava à morte em um prazo relativamente curto. Porém, com o surgimento do coquetel (combinação de medicamentos responsáveis pelo atual tratamento de pacientes HIV positivo), as pessoas infectadas passaram a viver mais. Esse coquetel é capaz de manter a carga viral do sangue baixa, o que diminui os danos causados pelo HIV no organismo e aumenta o tempo de vida da pessoa infectada. O tempo de sobrevida (ou seja, os anos de vida pós-infecção) é indefinido e varia de indivíduo para indivíduo. Por exemplo, algumas pessoas começaram a usar o coquetel em meados dos anos noventa e ainda hoje gozam de boa saúde. Outras apresentam complicações mais cedo e têm reações adversas aos medicamentos. Há, ainda, casos de pessoas que, mesmo com os remédios, têm infecções oportunistas (infecções que se instalaram, aproveitando-se de um momento de fragilidade do sistema de defesa do corpo, o sistema imunológico).

Quanto tempo o HIV sobrevive em ambiente externo?

O vírus da Aids é bastante sensível ao meio externo. Estima-se que ele possa viver em torno de uma hora fora do organismo humano. Graças a uma variedade de agentes físicos (calor, por exemplo) e químicos (água sanitária, glutaraldeído, álcool, água oxigenada) pode tornar-se inativo rapidamente.

Disponível em: <http://www.aids.gov.br/pagina/dividas-frequentes#dst>. Adaptado.
Acessado em 05/06/2011.



integram-se ou não no dinamismo da construção da personalidade? Não será que a autonomia da pessoa implica o poder de decisão quanto à determinação do dinamismo da sua construção pessoal? Aparentemente, segundo essa objeção, a análise que se pretende filosófica quereria de modo sub-reptício impor um determinado molde comportamental em matéria de sexualidade.

A questão é simples; a resposta, complexa. Está-se, com efeito, na linha de demarcação e de cruzamento entre a análise antropológico-filosófica e a análise ética. Ora, quando se volta a colocar o ser humano no dinamismo da realização de si próprio, opera-se um ato de projeção para o futuro, como se o que o ser humano virá a ser fosse incorporado na análise daquilo que ele é. Mas, uma vez que a liberdade humana é necessária para que advenha o que virá a ser, já não se está rigorosamente no campo da análise antropológica, quando se fala do dinamismo de construção da personalidade. É por isso que não se pode impor a ninguém a realização da sua personalidade. Cada ser humano escolhe a si próprio no seu modo de ser pessoa. Mas essa escolha não significa que não seja possível analisar a riqueza de conteúdo inerente ao fato de ser pessoa.

O exemplo psicológico da relação amorosa pode ser esclarecedor a esse respeito. Por um lado, é verdade que cada ser humano tem a liberdade de escolha de viver o amor tal como ele quer (embora a liberdade de escolha não se identifique com o sentido mais rico ou profundo da liberdade); por outro lado, essa liberdade de escolha não se substitui às leis psicológicas que a psicologia descobre no desenvolvimento da relação amorosa e descreve como a sua dinâmica evolutiva; essa relação tem as suas leis: leis do começo, dos modos de enfrentar os obstáculos que o tempo acumula, leis que predizem o fim eventual dessa relação amorosa em caso de não superação dos obstáculos. A espontaneidade do coração que vibra com a relação amorosa não escapa às leis ou às regularidades psicológicas que regem o comportamento afetivo e sexual.

a que se pode chamar **alegria**.

A diferença entre o prazer sensível e a alegria reside na capacidade que a alegria confere de abrir a pessoa (enquanto corpo sexuado) para o outro, para o desejo do outro, para o seu prazer, para a sua alegria. A alegria dilata a possibilidade de encontro com o outro ser humano, ao passo que o prazer sensível não partilhado pode reduzir a tensão do corpo, mas não satisfaz a sede de partilha intersubjetiva que

distingue o animal do ser humano. Não se trata aqui de fazer obra de moralista, indicando o que é bem e o que é mal no comportamento individual; trata-se de discernir o que, do ponto de vista da compreensão do ser humano, integra-se num dinamismo de construção da personalidade e o que caminha em sentido contrário a esse dinamismo.

Mas quem é que decide, objetar-se-á, que determinados comportamentos e, no caso presente, comportamentos sexuais,

Mutatis mutandis, a análise filosófica da relação sexual tem, de modo semelhante, a capacidade de indicar a relação entre prazer, alegria e felicidade. É nesse sentido que pode haver prazer sexual sem alegria, mas também alegria sem prazer sensível. Facilitar o aparecimento do prazer sexual — com ou sem técnicas, com ou sem novos remédios — não induz automaticamente um suplemento de alegria na relação sexual; poderá induzir se outros fatores, de natureza afetiva, relacional ou ética, estiverem presentes. Para o ser humano consciente, o prazer sexual não deveria estar desligado da responsabilidade. Se a responsabilidade implica, em primeiro lugar, um modo de responder ao outro ou face ao outro, o prazer sexual é autenticamente humano quando incorpora uma dimensão de responsabilidade.

A felicidade implica um estado de alma mais estável e, enquanto tal, instaurando uma certa unidade de vida no seio da dispersão temporal. Mesmo quando um instante preenche da sua riqueza a plenitude da existência, só se falará de felicidade se esse instante tiver a capacidade de projetar a sua sombra — ou a sua luz — sobre um determinado tempo futuro do ser humano. Do mesmo modo, o olhar retrospectivo que avalia uma parte do passado ou a sua totalidade falará de felicidade não em relação a um ato, eventualmente repetido, mas em relação a uma unidade temporal. A **consequência** quanto ao prazer sexual é, então, evidente, mesmo se a sua aplicação nas várias fases da existência humana não seja tão fácil de realizar: o prazer sexual contribui para a felicidade humana somente mediante a sua incorporação em outras dimensões afetivas e éticas que são parte da existência humana. Em sentido contrário, a realização da felicidade não implica, necessariamente, ou imprescindivelmente, a presença do prazer sexual. Seria filosoficamente errado reprimir a *priori* o prazer sexual em nome da alegria ou da felicidade autêntica, mas também não se pode reduzir a alegria ou a felicidade à exclusiva dimensão do prazer físico.

ARCHER, Luís. Disponível em: http://www.cnev.pt/admin/files/data/docs/1273057680_P029_SexualidadeHumana.pdf. Acesso em 18/12/2016.

? Questões para reflexão

1. Qual é o tema central do texto?
2. Há dúvidas sobre DST, HIV ou Aids para as quais você ainda não sabe a resposta?
3. No texto, há informações que você não sabia?
4. Qual é a relação entre o texto e o tema do capítulo?

A nova cultura somática

Parece fundamental, em uma reflexão sobre o corpo e a sexualidade, lembrar que o advento da cultura somática abre as cortinas do espetáculo quando apresenta ao ser humano o corpo como "objeto" imprescindível para a construção de sua identidade e do reconhecimento social. Dessa forma, essa cultura delega ao corpo um lugar de prazer, de aparência, de beleza e de saúde tal que acaba por sobrevalorizar o corpo, outrora esquecido por causa de sua fragilidade e precariedade. Entende-se, assim, o motivo de, nos últimos quarenta anos, termos assistido a uma "liberação do corpo" e, mesmo, de um "triunfo do corpo". Quer dizer, um triunfo do corpo-objeto sobre o corpo-vi-

vido. Encontra-se, porém, um paradoxo. Esse corpo enaltecido pela técnica, genética e estética tende a negar o eminentemente carnal do corpo. Esconde-se a finitude humana e o relacional do corpo em função da ênfase no corpo fetichizado.

Dessa forma, cria-se uma personalidade somática que transfere o que somos e devemos ser nos atributos físicos do corpo, ou seja, exteriores, que tendem a esvaziar o sentido do corpo-sujeito ou do corpo próprio. Foi criado o hábito de entender e explicar a natureza da vida psíquica e das condutas éticas pelo conhecimento da morfologia corporal. Não é pelo fato de hoje dedicar-se mais tempo ao culto



Anotações

ao corpo que a cultura somática diferencia-se das culturas anteriores que também cuidaram do corpo. A diferença encontra-se, sobretudo, na ênfase dada à relação entre a vida psicológico-moral e a vida física.

Nesse sentido, as transformações ocorridas na sociedade, no que tange aos valores morais, contribuíram para a difusão e solidificação dessa cultura, principalmente o conhecimento sobre o corpo físico e os ideais de autorrealização. Na cultura somática, **insiste-se** cada vez mais no fato de os fenômenos psicológicos estarem ancorados em uma causalidade física. O físico, especialmente a dimensão cerebral, deixou de ser o coadjuvante para ser o grande astro das histórias sobre a mente. O foco foi transferido do sujeito sentimental, típico da era moderna, para o sujeito corporal engendrado na era contemporânea. Positivamente, o advento dessa cultura pode ser libertador. As ciências recordam que as

relações entre físico e psíquico se tornaram infinitamente mais nuancadas desde que os cientistas começaram a investigar o funcionamento do cérebro.

Outro progresso ímpar com relação ao corpo-objeto diz respeito aos avanços das tecnologias médicas, que aumentam a estimativa da vida dos pacientes com a ajuda das próteses ou mesmo com as regras de prevenção em relação ao cuidado da saúde. Ter uma vida longa fez com que as pessoas percebessem o corpo de outra maneira. O que antes era interpretado como sobrevida agora é percebido como outra forma de existência humana viabilizada pela plasticidade corporal. O corpo se torna plástico, manuseável, adaptável aos avanços científicos.

Uma expressão que, de certa forma, também condiz com o corpo da cultura somática é a de corpo “neutralizado”. A neutralidade suscita a **ideia** de um corpo no qual nada é defi-



Ajut Erdogan/Shutterstock

Fundamentação

A sexualidade e o erotismo

Múltiplos são os discursos sobre o erotismo. Por um lado, o erotismo evoca tudo o que suscita o desejo sexual. Assim entendido, ele não se limita aos atos, mas abrange textos e obras, representações e comportamentos enquanto relacionados de perto ou de longe com a atividade sexual genital. Por outro lado, o erotismo está, em muitos livros ou artigos, considerado como a dimensão da existência que abrange no sentido largo a arte de amar, quer no sentido físico, quer no sentido espiritual.

Seria aberrante ter a pretensão de esgotar em poucas palavras o fenômeno do erotismo, mas também seria gravemente lacunar tratar da sexualidade ignorando a importância do assunto. O acordo é fácil quanto à etimologia; o Eros grego designa "o amor, o deus do Amor, o desejo amoroso, às vezes o desejo em geral". Entre o discurso sobre o Eros no diálogo *O banquete de Platão* e a teoria freudiana do Eros, muita água passou debaixo da ponte. Do mesmo modo, entre a compreensão do Eros no Ocidente e a sua representação nas várias culturas asiáticas, por exemplo, as semelhanças serão tão numerosas como as divergências.

Em Platão, a natureza de Eros é múltipla, mas, no sentido mais elevado, o Eros significa, de modo positivo, o elã da alma que chega à plenitude do saber; sendo elã que não satisfaz o múltiplo, o delírio erótico chegado ao seu termo gera discurso e conhecimento por plenitude, não por falta. Depois de Platão, nenhum filósofo conferirá um tal peso à noção: reduzido aos fantasmas envolvendo o desejo sexual, Eros já não será senão um obstáculo à ataraxia do sábio. O sentido da plenitude cede o passo à carência e à expectativa do desejo, de tal modo que a emoção sexual se sinta invadida pelo encanto perturbador e pelo lusco-fusco de Eros. O encontro com o cristianismo obriga,

nitivo. Entretanto, a "densidade do corpo" se caracteriza por sua marca irrevogável no tempo. Porém, as diferentes técnicas de controle do corpo e a nova relação com o tempo, que nascem da técnica, suscitam o sentimento de que o corpo é reversível. De fato, o corpo neutro é o corpo passageiro e imune às inscrições do tempo. Não tem memória porque não deixa traços do que foi sentido e vivido pelo sujeito do corpo próprio. Entretanto, sabe-se que "o tempo é irreversível e que o corpo é a primeira testemunha de quem somos" (Lacroix) e da humanidade como um todo.

Outra contribuição foi o pouco investimento nos temas políticos tradicionais, como os conflitos de classe, ideológicos e econômicos. A falta de atuação nessas áreas deslocou-se para a preocupação do indivíduo com questões circunscritas à esfera social, como conflitos raciais, sexuais ou geracionais.

Outra ordem responsável pela alteração da percepção cultural do corpo é a ordem

espiritual. As transformações da religiosidade ocidental permitiram a inclusão de elementos das doutrinas espirituais da Índia, do Tibete, da China e do Japão, entre outras, no que diz respeito à vivência e compreensão do corpo e do sexo. O cristianismo, por sua vez, procura recuperar a unidade entre corpo e alma, oferecida pela antropologia bíblica e teológica, procurando superar certa tendência de ressacralização do corpo dessas experiências místicas orientais.

Na ordem intelectual, a ênfase maior encontra-se na crítica à divisão entre corpo e mente. A contribuição de algumas teorias como a fenomenologia, o reducionismo fisicalista e o pragmatismo **línguístico** insistem, sem contar as especificidades técnicas de cada uma, na recusa da divisão cartesiana entre mente e corpo e na defesa da concepção holística ou ecológica da vida mental.

Disponível em: <http://www2.pucpr.br/reol/index.php/pistis?dd99=pdf&dd1=3552>. Adaptado. Acessado em 02/07/2014.



Boris Stroujko/Shutterstock

no entanto, a definir as fronteiras entre o amor erótico e o amor cristão. Se é a ágape que caracteriza o amor de Deus pela sua criatura, qual será a diferença entre o amor Eros e o amor ágape? A escolástica tematizou essa **ideia**, aliás, já em vigor antes das grandes sínteses do século XIX. O amor Eros procura o bem do amado em função do bem daquele que ama, ao passo que o amor ágape procura o bem

do amado exclusivamente em função do amado. Só o amor ágape será verdadeiramente altruísta. É por isso que o amor de *caritas*, que traduz a ágape, será o paradigma do amor cristão, desse amor que, de maneira desinteressada, está inteiramente virado para o bem de ser amado.

Hoje, na esteira das análises do corpo sexuado, reina uma compreensão valo-

? Questão de ética

1. Por que, segundo o texto, o corpo vem sendo tão valorizado?

O corpo é considerado, atualmente, imprescindível para o desenvolvimento da identidade do indivíduo. A necessidade de se afirmar socialmente por meio da forma física acaba supervalorizando o corpo.

2. Qual é o problema da supervalorização do corpo?

Essa personalidade somática, criada por intermédio dessa supervalorização, transfere o que somos e devemos ser nos atributos físicos do corpo, que tendem a esvaziar o sentido do corpo-sujeito.

3. No texto, fala-se sobre algumas transformações sociais que mudaram a nossa percepção sobre o corpo. Quais são elas?

A associação dos fenômenos psicológicos ao físico e o avanço das tecnologias médicas, que aumentam a estimativa de vida.

4. Para você, o corpo e a mente têm valores diversos? Justifique sua resposta.

Resposta pessoal

Anotações

rizando mais positivamente o erotismo. Para esse efeito, contribuíram quer a literatura, quer as artes plásticas, quer o cinema. Admitindo-se que o campo do erótico se desmarca do obsceno, assim como do pornográfico, então o erotismo aparece como a carga de atração afetiva que surge da linguagem dos corpos, num sutil jogo do mostrar e esconder, do oferecer e reter.

No fim das contas, a sexualidade humana integra o erotismo na medida em que passa pela mediação da imaginação. É por isso que a sexualidade genital imediata e o erotismo não crescem de modo paralelo, como se o curto-círcuito da satisfação física imediata eliminasse a dimensão imaginativa e erótica do jogo amoroso. A dificuldade atual que o erotismo apresenta reside na sua utilização

para fins comerciais ou publicitários. Será que o erotismo que invade a vida social e pública resistirá a esse ataque que ameaça matar o poder de criatividade da imaginação? Quando tudo se mostra diretamente, é difícil ainda imaginar um resto de mistério. Talvez seja este o papel mais nobre do erotismo: preservar a aura de mistério que faz parte da sexualidade.

ARCHER, Luís. Disponível em: http://www.cnecv.pt/admin/files/data/docs/1273057680_P029_SexualidadeHumana.pdf. Acesso em 18/12/2016.

Sugestão de Filme ➤

Hoje eu quero voltar sozinho

Diretor: Daniel Ribeiro

Leo é um adolescente cego que, como qualquer adolescente, está em busca de seu lugar. Desejando ser mais independente, precisa lidar com suas limitações e a superproteção de sua mãe. Para decepção de sua inseparável melhor amiga, Giovana, ele planeja se libertar de seu cotidiano fazendo uma viagem de intercâmbio. Porém, a chegada de Gabriel, um novo aluno na escola, desperta sentimentos até então desconhecidos em Leo, fazendo-o redescobrir sua maneira de ver o mundo novo para a vida dele.

Confissões de adolescente

Diretor: Daniel Filho

Paulo está passando por dificuldades financeiras para sustentar as quatro filhas, Tina, Bianca, Alice e Karina, depois que anunciam um novo aumento no aluguel. Quando ele avisa que eles precisam se mudar do apartamento onde vivem, na Barra da Tijuca (Zona Oeste do Rio), elas se comprometem em ajudar de alguma forma, começando a cortar despesas bobas e ajudando nas tarefas domésticas. Mas, enquanto precisam lidar com essa novidade, o quarteto tem ainda outras experiências típicas, relacionadas à idade de cada uma delas. Tina vem penando para conseguir um primeiro trabalho, ao mesmo tempo que vem se desentendendo com o namorado riquinho. Bianca, por outro lado, esconde uma relação misteriosa, diferente de sua irmã Alice, ainda virgem e às voltas com a famigerada primeira vez. Correndo por fora, Karina é a mais nerd da turma e anda atraindo as atenções de um dos colegas da escola, mas eles ainda não sabem bem ao certo como lidar com isso. Apesar dos conflitos, a união entre elas permanece, e as experiências, tudo indica, irão contribuir ainda mais para manter a família unida.

Para refletir

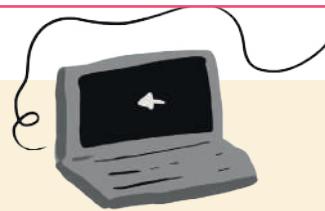
Informação não basta

Um ponto que une a atual geração de jovens é a grande quantidade de informação a que ela é exposta desde muito cedo. O conhecimento está sempre ali, à distância de poucos toques dos dedos. O jovem aprende, de forma surpreendente e precoce, a lidar com várias fontes de informação ao mesmo tempo. Ele funciona como uma grande antena, sempre ligada, sempre captando. E faz tudo isso muito bem.

O quarto de dormir virou uma espécie de quartel-general da informação. De posse de controles remotos, botões, teclado e mouse, o mundo das notícias e das novidades se abre para o jovem de hoje. Ficou muito mais fácil ter o conhecimento. Por outro lado, o que se vê é que pouco dessa informação é aproveitado para a construção de um mundo melhor e mais seguro para ele mesmo. Não que a informação não esteja ali, fincada de forma definitiva em seus neurônios. Mas,

muitas vezes, ela é esquecida ou propositalmente abandonada, ali mesmo, dentro da cabeça. Do saber para o fazer, cria-se um abismo, diversas vezes, intransponível. E essa distância pode colocar o jovem cara a cara com o risco.

Alguns trabalhos recentes que investigaram o comportamento dos jovens, principalmente em relação à sexualidade e ao uso de drogas, revelam melhor essa situação. Pesquisa do Ministério da Saúde em parceria com o Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (Cebrap), de 1999, mostra que a faixa dos 16 aos 25 anos é a mais bem informada sobre a Aids. No entanto, esse conhecimento não parece refletir-se em comportamento seguro. Apesar de ser a faixa etária que melhor conhece a camisinha, o uso regular ainda está longe do desejado. Quarenta e quatro por cento dizem usar sempre. A informação não impede que os



AlessiKen/Shutterstock

90

Cidadania Moral e Ética | 9º ano

Anotações

Sugestão de Filme

Pro dia nascer feliz

Diretor: João Jardim

O adolescente, com suas angústias e inquietações, e, em especial, a maneira como ele se relaciona com um ambiente fundamental em sua formação — a escola — é o foco central de investigação de *Pro dia nascer feliz*. A opção por fazer um corte longitudinal na pesquisa — selecionando diversas regiões do País — fez com que, além dos problemas comuns a todo e qualquer adolescente dentro do ambiente escolar, o filme também trouxesse à tona questões como a desigualdade social e o impacto da banalização da violência no desenvolvimento de muitos desses jovens.

jovens sejam aqueles que mais se expõem ao risco sexual.

Em um estudo do Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas (Cebrild) de 1997, o uso de drogas entre os jovens também se revelou elevado. Vinte e cinco por cento dos estudantes dos Ensinos Fundamental e Médio de escolas públicas já experimentaram algum tipo de droga, além do tabaco e do álcool. As campanhas e o bombardeio de informações sobre esse assunto são **frequentes**, mas parecem enfrentar uma resistência ainda maior que no campo da sexualidade.

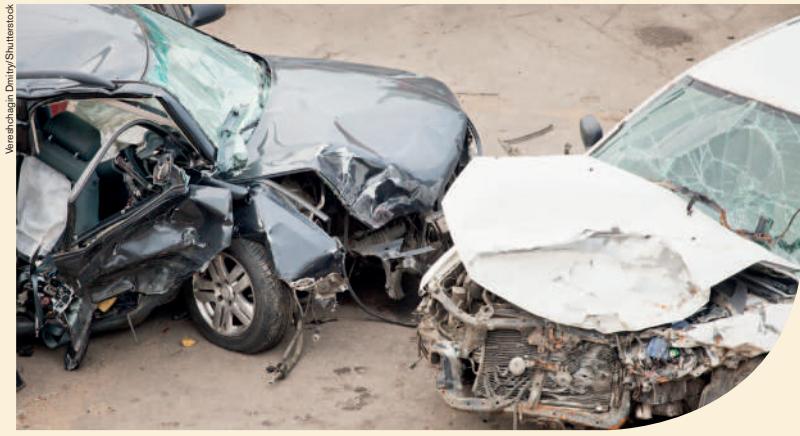
Como trabalhar a informação de maneira que ela seja acessada e utilizada na hora em que for necessária? Se apenas a informação e a razão não parecem segurar o impeto desafiador e imprudente do jovem, o que fazer? As apostas se voltam para o impreciso mundo das emoções. Pode ser que aí repouse a chave para o entendimento do que se passa.

No sexo, o medo de falhar, a angústia de

não saber fazer, vergonha, timidez, a sensação de que a paixão imuniza contra tudo e contra todos, a tentativa de forçar um pacto de fidelidade, a troca de um risco pretensamente calculado pela vivência mais intensa do prazer, tudo isso faz com que, na hora H, a informação fique no fundo da gaveta, junto com o pacote intacto da camisinha.

Com a droga, não é muito diferente: a pressão dos amigos, o desejo de experimentar sensações novas, a promessa do passaporte para pertencer a uma turma, o desafio, a transgressão de regras e limites, o alívio de uma angústia, o prazer, a falta de opção para o lazer, o vazio emocional nas famílias são fatores que condenam as campanhas e os trabalhos de prevenção ao esquecimento. Em São Paulo, não há fim de semana em que não se leia uma notícia de acidente fatal com jovens embriagados. Poucos meses atrás, uma batida de carro em uma das marginais da cidade chamou a atenção de especialistas. Um grupo de jovens morreu em mais um acidente. No bolso e na carteira de

Verschagin Dmitry/Shutterstock



Cidadania Moral e Ética | 9º ano

91

Anotações

Fundamentação

O corpo sexuado

A evolução das práticas sexuais no decurso dos séculos e as mudanças ocorridas quanto à sua admissibilidade social levantam uma questão de fundo: qual é o sentido da diferenciação sexual humana? É preciso regressar aquém da questão clássica relativa às finalidades do casamento em vista à compreensão da sexualidade enquanto fenômeno humano. É evidente que a sexualidade se enraíza no corpo. Segue-se que será compreendida em função da relação da pessoa humana com o seu corpo. Se o ser humano fosse apenas corpo objetivo, máquina biológica, a compreensão da sexualidade seria obtida pela análise biológica do seu funcionamento. Mas, supomos, aqui, que a especificidade do ser humano reside numa modalidade fundamental da sua existência: o ser humano é esse ser que vive a sua existência com a possibilidade de procurar compreender a si próprio e refletir sobre o sentido e o valor da sua ação. Certa distância se introduz, então, entre a vida vivida e a reflexão; é esse uso reflexivo da inteligência que é apanágio do ser humano.

O sentido da diferenciação sexual humana implica, assim, um duplo nível de consideração: o sentido tal como é percebido e vivido espontaneamente e tal como é refletido pelo pensamento. Na verdade, o pensamento reflexivo procura explicitar e tematizar o sentido tal como já é vivido de modo imediato e espontâneo pelo ser humano. Não se pretende, portanto, afirmar que só o pensamento reflexivo é capaz de discernir o sentido dos comportamentos humanos e, no caso presente, sexuais.

Ora, quer ele queira quer não, o sentido que o ser humano dá espontaneamente à sexualidade é sempre mais do que puramente biológico. Enquanto força ou pulsão, a sexualidade é busca do prazer que reduzirá uma tensão interna, mas pela capacidade de representação e de imaginação que o habita, o ser humano, por assim dizer, enxerta

todos eles, camisolas foram encontradas. Por que, de um lado, a prevenção estava lá no bolso, ao alcance das mãos, e, de outro, a imprudência de guiar embriagados acabou com a vida deles? Por que esse risco óbvio e imediato não foi enxergado? É como se uma pequena chave, um controle de racional, tivesse sido mudada de posição.

A informação traz o mundo da razão, o mundo das regras, o mundo do real para a vida do jovem. Talvez em alguns momentos ele queira justamente esquecer esse mundo real para viver em outro, mais livre, sem limites, mais lúdico, mais emocional, onde possa fazer o que bem quiser. Dentro dessa percepção distorcida, ele vê a informação como empecilho, como obstáculo, não como apoio e ajuda. Nessa hora, ele entende que a informação atrapalha e, assim, desliga esse filtro e deixa a vida exposta ao risco acontecer.

Os tempos modernos, nesse aspecto, também são mais cruéis. Talvez algumas décadas atrás, descontados certos mecanismos de controle social mais rígidos, o grau de transgressão (se é que esse indicador pode ser calculado) entre os jovens fosse muito próximo do que é hoje. Mas o mundo era menos agressivo e menos violento. As drogas menos disponíveis e menos poten-

tes, os carros menos velozes e em menor quantidade, as ruas mais tranquilas, a vida mais calma e menos competitiva. Tudo isso, arranjado de outra maneira, em pleno século XXI, aproxima o jovem do risco.

Mas o paradigma continua. Se hoje não existem limites em nossa capacidade de gerar informação, há um limite claro em nossa possibilidade de transformar essa informação em objeto prático de uso e proteção da vida dos jovens. Algumas pistas são claras: a emoção tem peso fundamental nessa equação, a informação deve ultrapassar o campo da razão. O jovem de hoje, precoce e antenado, não aceita um discurso pronto e acabado, a simples proibição ou a radicalização de limites e regras é inoperante no mundo atual, e alguns valores fundamentais para a vida ficaram atolados na pressa e na competição. Um pouco de tudo isso pode orientar a qualidade das informações para um novo rumo. Talvez essa não seja uma tarefa imediatamente possível. Talvez só essa própria geração, escapando de suas derrapadas, consiga amadurecer e ampliar os elos entre a razão e a emoção para seus filhos.

Revista *Veja Especial Jovens*, jul. de 2003.

? Questões para reflexão

1. Qual é o tema do texto?
2. Você concorda ou discorda dos argumentos apresentados? Por quê?
3. Você acha que as justificativas dadas correspondem à realidade? Por quê?
4. Como você acha que o problema deve ser enfrentado?
5. Como sua família lida com os problemas apresentados?

nessa força o universo das representações. Sem entrar no comentário aprofundado dessa afirmação, pode-se salientar que ela corresponde ao problema que Freud encontrou sob a tentativa de explicação do "recalcamento primário". É a esse nível que, segundo a terminologia das considerações iniciais acima referidas, a força se liga ao sentido. O sentido é representado e imaginado de modo não reflexivo, e é por isso mesmo que poderá

ser ulteriormente explicitado de modo reflexivo.

A sexualidade, o desejo e o tempo

Quando se fala de sexualidade, não se podem confundir os termos instinto, desejo, pulsão e necessidade. Depois de Freud — e qualquer que seja a avaliação feita quanto à pertinência dos conceitos que ele colocou no centro da

Sexo com proteção ou filhos na adolescência?

A adolescência, por si só, é uma fase perturbada na vida das pessoas. Essa "desorganização" é gerada por causa das grandes descobertas que acontecem nessa fase e também pela necessidade da construção da própria identidade, que, muitas vezes, é conflitante em relação à dos pais e/ou irmãos. Também é nessa fase que começam as descobertas sobre sexualidade.

Nessa fase, são certas as alterações físicas e psicológicas. Também é certo que adolescentes não estão preparados emocionalmente para

terem filhos, especialmente pela dependência financeira. Assim, é muito difícil que consigam assumir tamanha responsabilidade sozinhos.

É fundamental o apoio da família, proporcionando compreensão, momentos de diálogo, segurança, afeto e auxílio para que o adolescente e a criança que está sendo gerada se desenvolvam saudavelmente. É importante ter consciência de que cuidar e educar uma criança não é fácil, e, portanto, quem escolhe ter um filho deve estar pronto e maduro o suficiente para tal decisão.



sua teoria —, já não se pode falar de "instinto sexual" no ser humano. O instinto implica, com efeito, a presença de um comportamento predeterminado e estável quanto à procura do objeto que reduz a tensão no organismo animal. A introdução do conceito de pulsão para analisar a sexualidade permite compreender que esta conhece uma evolução desde o nascimento e a idade infantil até o desenvolvimento da sexua-

lidade genital. Não é necessário comentar longamente a tese freudiana sobre a pulsão; a noção de pulsão [...] é analisada sob o modelo da sexualidade, mas, desde o princípio, na teoria freudiana, a pulsão sexual se opõe a outras pulsões. Sabe-se que a teoria das pulsões, em Freud, permanece sempre dualista; o primeiro dualismo invocado é o das pulsões sexuais e das pulsões do eu ou de autoconservação; com estas últimas, Freud entende as

grandes necessidades ou grandes funções indispensáveis à conservação do indivíduo, sendo o modelo apreendido na fome e na função de alimentação. Mais tarde, Freud agrupará essas duas categorias de pulsão na pulsão de vida, por oposição à pulsão de morte.

O que importa sublinhar é o caráter evolutivo das formas que a pulsão sexual assume; é a busca do prazer que permite compreender o sentido dessa evolução. Ora, as fases da sexualidade infantil dependem das zonas do corpo nas quais se localiza tal busca de prazer. Poder-se-ia objetar que não se trata ainda de sexualidade nessa evolução, mas apenas de procurar reduzir as tensões do corpo; do mesmo modo, poder-se-ia denunciar o chamado pansexualismo freudiano, que analisa a evolução infantil à luz do comportamento sexual. Mas essa dupla objeção não faria justiça a Freud, o qual quis sublinhar o enraizamento da pulsão sexual numa procura do prazer: inicialmente não sexual, essa procura chegará a se tornar sexual em virtude de um desenvolvimento cujas etapas de que Freud descreve. Para o fim da presente análise, é suficiente aceitar um resultado de grande importância: a pulsão sexual difere do instinto na medida em que não tem um objeto imediatamente predeterminado, mas, tal como uma força, investe representações e objetos diferentes no decurso da sua longa evolução. O que o senso comum entende por desejo sexual corresponde, então, à fixação dinâmica da pulsão sexual sobre um objeto, sendo o objeto entendido "normalmente", na idade adulta, como uma outra pessoa humana.

Essa passagem por Freud teve a vantagem de mostrar o caráter dinâmico e temporal da sexualidade humana. Não fixada de uma vez por todas, a sexualidade se torna capaz de evoluir no tempo e de derivar a sua força pulsional para a pôr ao serviço de finalidades não sexuais; todas as facetas da criatividade humana no nível afetivo, científico, cultural, estético e profissional, em geral,

podem ser compreendidas, do ponto de vista da força pulsional, como derivações e sublimações dessa força. Seria, contudo, errado limitar-se a esse ponto de vista, como se as realizações humanas se reduzissem a uma expressão da força pulsional de origem sexual.

A tarefa que surge da tomada de consciência relativa às vicissitudes do desejo é, desde então, pelo menos dupla: compreender que, mediante as múltiplas representações e os múltiplos encontros com pessoas vivas, as energias pulsionais do ser humano **cruzam-se** na esfera da "ordem simbólica" com as várias esferas do desejo, entre as quais se destacam o desejo de ter, o desejo de poder, o desejo de ser conhecido e reconhecido, o desejo de amar e de ser amado; em segundo lugar, gerir o tempo da própria existência de modo tal que esta não seja o catavento que gira como se fosse em cada instante a passiva expressão da força dos ventos do desejo, de onde quer que soprem.

Em termos simples, cada ser humano, ao construir a sua existência, está perante a tarefa de unificar de qualquer modo os seus desejos e de lhes conferir uma certa continuidade. No campo da vida afetiva e sexual, essa unificação e continuidade no tempo se chama fidelidade. Antes de ser reconhecida como qualidade ética enquanto fidelidade a um outro, a fidelidade é fidelidade a si próprio. No campo da vida sexual e afetiva, o ser humano não pode prosseguir mil objetivos diferentes e destruirá a si próprio se quiser viver a sua sexualidade de modo puramente animal; não podendo, com efeito, ser apenas animal, o ser humano não pode abdicar da tarefa ética inerente à vivência da sexualidade humana.

A fidelidade enquanto gestão da afetividade e da sexualidade na duração do tempo não é, portanto, algo de acidental ou de facultativo, mas é uma condição fundamental da existência humana. As formas e a duração dessa fidelidade

? Questão de ética

1. Você acha que os adolescentes, de uma maneira geral, têm condições (psicológicas, financeiras, etc.) para se tornarem pais? Justifique sua resposta.

[Resposta pessoal](#)

2. Em sua opinião, quais são as principais implicações de uma gravidez na adolescência?

[Resposta pessoal](#)

3. Você conseguiria exercer o papel de pai/mãe na sua idade? Por quê?

[Resposta pessoal](#)

se modificam conforme as épocas e as culturas, mas uma sexualidade e uma gestão do desejo afetivo desprovidas de toda a preocupação de fidelidade não podem ser senão autodestrutivas. Antes de ser ética, a fidelidade é, do ponto de vista da sexualidade, a coerência da pessoa na vivência do tempo.

Anotações

Sugestão de ● Abordagem ●

Para refletir

Gravidez precoce: Brasil tem índice de país que permite casamento infantil

Quantidade total de crianças nascidas de mães adolescentes caiu, mas, proporcionalmente, chegamos ao top 50 em casos de gestação em jovens com menos de 18 anos, próximo a nações como o Sudão do Sul.

O índice de gravidez na adolescência diminuiu ao longo dos anos no Brasil e, em contradição, subiu 14 posições, em 20 anos, na lista de 213 países com fecundidade precoce. Hoje, o País está na 49º colocação: são 70 a cada mil meninas entre 15 e 19 anos que deram à luz em 2013, de acordo com a última pesquisa do Banco Mundial. Acima do Brasil, encontram-se, principalmente, países africanos que têm uma cultura permissível ao casamento infantil. O Niger, por exemplo, adota essa tradição, e 71% das mulheres se casaram antes dos 18 anos. Ele se encontra no topo da lista, com 205 meninas a cada mil de 15 a 19 anos que são mães. Mas o casamento precoce não é fator determinante para o índice de gravidez na adolescência.

O Brasil está 56 colocações acima da Índia e 73 do Paquistão, países que permitem, em algumas regiões, o casamento infantil. No Sudão do Sul, por exemplo, 52% das mulheres se casam antes dos 18 anos, mas são 72 mães em um grupo de cada mil adolescentes, o que coloca o país apenas cinco posições acima do Brasil.

De acordo com o Ministério da Saúde, a gravidez precoce caiu 26% nos últimos 13 anos. Em 2000, foram 750.537 bebês



Lopolo/Shutterstock

nascidos vivos por partos de adolescentes de 10 a 19 anos. Nesse mesmo ano, o Brasil estava em 54º lugar no ranking mundial de fecundidade em meninas entre 15 e 19. Com a ajuda de políticas de prevenção, em 2013, foram 555.159 bebês. Mesmo com uma diminuição significativa no número dos nascidos, proporcionalmente o País piorou em relação a outras nações.

De acordo com o relatório do Fundo de População das Nações Unidas (UNFPA), divulgado em 2013, foi constatado que, no Brasil, 12% das adolescentes de 15 a 19 anos têm pelo menos um filho. Na mesma pesquisa, 19,3% das crianças nascidas em 2010 são filhos e filhas de mães menores de 19 anos.

Dividir os alunos em pequenos grupos. Eles terão que montar uma esquete (pequena peça ou cena dramática) a ser apresentada em sala de aula para os outros alunos. Talvez os alunos precisem pesquisar mais para o conteúdo correto da esquete, para isso, o docente define os temas, e os alunos escolhem um dos temas a ser representado. Por exemplo:

- Um casal de namorados adolescentes que engravidam. Os problemas que enfrentarão (contar para os pais, a responsabilidade de ter um filho, etc...)
- Grupo de meninas discutindo sobre quando é a hora certa para ter a primeira relação sexual *versus* grupo de meninos discutindo o mesmo tema.

Nessas situações o docente deverá instruir o grupo quanto aos diferentes posicionamentos, pontuando o porquê dessas diferenças, encaminhando da maneira mais ética possível. Vamos deixar claro que a intenção é prevenção da gravidez e não o incentivo à iniciação sexual precoce.

Sugestão de Filme ►

Juno

Diretor: Jason Reitman

Juno MacGuff é uma jovem de 16 anos que accidentalmente engravidou de Paulie Bleeker, um grande amigo com quem transou apenas uma vez. Inicialmente ela decide fazer um aborto, mas

ao chegar na clínica muda de ideia. Junto com sua amiga Leah ela passa a procurar em jornais um casal a quem possa entregar o bebê assim que ele nascer, já que não se considera em condições de criá-lo. É assim que conhece Vanessa e Mark, um casal com boas condições financeiras que está disposto a bancar todas as despesas

médicas de Juno, além de dar-lhe uma compensação financeira caso ela queira. Juno recusa o dinheiro para si, mas decide que Vanessa e Mark ficarão com seu filho.

Sugestão de ● Abordagem ●

Tema Gravidez na adolescência

Situação problema

Adolescente de 14 anos que está frequentando o 9º ano de escolaridade, tem uma relação sexual ocasional sem preservativo. Agora está grávida. O que fazer? Que saídas?

Público-alvo

Alunos 9º

Questão geradora

- Como discutir a problemática da gravidez na adolescência?

Justificativa

A justificativa para abordar esta temática deve-se à elevada percentagem de adolescentes grávidas.

Objetivo geral

Sensibilizar os adolescentes/jovens para a problemática da gravidez na adolescência.

Competências a serem desenvolvidas

- Adquirir competências responsáveis sobre contracepção.
- Entender as repercussões da interrupção da gravidez.
- Acabar com os mitos relacionados com a fisiologia, contraceptivos e IST / DST.
- Compreender a contracepção como responsabilidade masculina e feminina.
- Compreender que para cuidar de uma criança é desejável a estabilidade de uma família e uma adequada preparação dos pais.
- Compreender que, no caso de uma gravidez na adolescência o aborto provocado implica sempre riscos para a saúde física e psíquica da mulher e determina sempre a perda de uma vida humana.
- Tomar consciência de que, no caso de uma gravidez na adolescência, a opção a tomar (casar, criar o filho sem casar ou entregar a criança para ado-

A manicure Nicelly Nascimento foi mãe aos 13 anos e hoje, com 26 anos, conta as dificuldades que passou na época. "Ter que me posicionar perante aos outros foi bem difícil. Mudou bastante os rumos da minha vida. Tive que parar os estudos e, quando meu filho tinha dois anos, tive que começar a trabalhar, o pai não ajudou com nada. Foi bem complicado", lamenta.

Diferentemente da cultura dos países da África, os fatores associados à maternidade precoce no Brasil são encontrados, principalmente, no lar da jovem. A condição de pobreza da família e a falta de diálogo entre os pais e as jovens são apontados como antecessores. Mas também a falta de acesso à educação sexual nas escolas e ao auxílio no planejamento familiar prejudica a prevenção da gravidez.

Além de mudar totalmente a trajetória de vida dessas jovens mães, a gravidez na adolescência traz outros problemas. As meninas que engravidam antes dos 15 anos aumentam em cinco vezes o risco de morrer por causas relacionadas à própria gravidez, ao parto e ao pós-parto do que mulheres na faixa dos 20 anos.

Segundo a obstetra de alto risco do Hospital Universitário de Brasília (HUB) Silândia Freitas, os riscos começam em decorrência de negligência da própria adolescente. Normalmente, elas escondem a gravidez por um tempo e atrasam o acompanhamento da gestação por um profissional. Além disso, pela pouca idade, a chance de desenvolverem doenças relacionadas à gravidez aumenta significativamente. "O risco de doenças hipertensivas, doenças metabólicas e diabetes gestacional cresce em adolescentes. A vida reprodutiva da jovem também é limitada, consequência da cesariana", explica a obstetra.

Disponível em: http://www.correiobrasiliense.com.br/app/noticia/brasil/2015/08/18/internas_poltreco_498139/gravidez-precoce-brasil-tem-indice-de-pais-que-permite-casamento-infra.shtml.
Acesso em 13/10/2016.



? Questões para reflexão

1. Como você reagiria se tivesse que passar pela situação descrita no texto?
2. Você conseguiria se adaptar e se responsabilizar por um bebê?
3. Costumamos planejar diversas situações que gostaríamos de viver no nosso futuro, como viagens, profissão, etc. Você já considerou a possibilidade de ter filhos? Por quê?

96

Cidadania Moral e Ética | 9º ano

ção) deve ser ponderada por ambos os progenitores com as respectivas famílias ou, na impossibilidade destas, com outras pessoas de confiança.

Procedimentos / Estratégias

A estratégia que consideramos mais adequada investe sobretudo em atividades desenvolvidas pelos alunos. O professor / dinamizador educativo deve promover o trabalho de reflexão e incentivar a

problematização de questões que vão sendo propostas aos educandos num clima geral de diálogo construtivo.

Resultados esperados

Espera-se que os adolescentes atinjam os objetivos /competências esperados.